



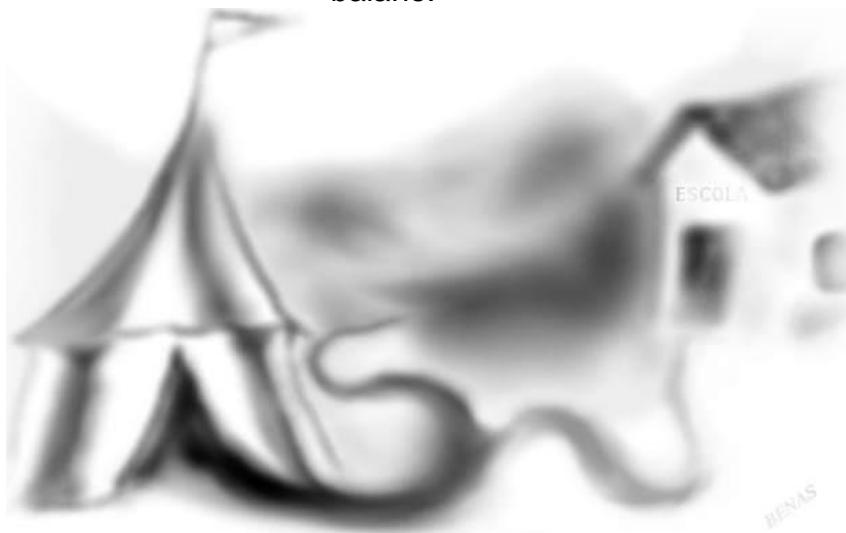
UNEB

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - PPED  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - MPED



JOSÉ BENEDITO ANDRADE DE OLIVEIRA

DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA:  
Reflexões sobre a educação escolar de circenses itinerantes do semiárido  
baiano.



LINHA DE PESQUISA - 1 Formação, Linguagens e Identidades.

Jacobina

2017

JOSÉ BENEDITO ANDRADE DE OLIVEIRA

**DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA:  
Reflexões sobre a educação escolar de circenses itinerantes do semiárido  
baiano.**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em  
Educação e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

Jacobina  
2017

JOSÉ BENEDITO ANDRADE DE OLIVEIRA

DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA:  
Reflexões sobre a educação escolar de circenses itinerantes do semiárido  
baiano.

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em  
Educação e Diversidade.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA DE QUALIFICAÇÃO

---

Prof. Dr. Antenor Rita Gomes – Orientador  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof. Dr. Reginaldo Carvalho da Silva  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Jacobina  
2017

## AGRADECIMENTO

A meu amor, meus pais, meus irmãos, meus filhos - biológicos e adotados, minhas netas e todos os meus sobrinhos e amigos: os humanos e os outros; os presentes e os que já foram para outra dimensão, aos circenses e os professores, ao meu orientador.

## EPIGRAFÍ

“A arte é sem fim”.  
Seu Zezinho<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> José Félix de Oliveira – Carpinteiro, artesão e poeta cordelista. Nasceu na Fazenda Papagaio, Valente - Bahia em 14 de abril de 1936, reside em Saúde – Bahia, (meu pai).

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de pesquisa com influência no campo do Circo. O estudo, no entanto, refere-se à educação escolar formal dos circenses itinerantes, principalmente os das pequenas companhias em circulação no semiárido baiano. Para tanto, baseou-se na seguinte pergunta: **como oferecer estrutura e condições de acesso e permanência do artista circense itinerante à educação escolar formal?** A pesquisa nos ofereceu subsídio para problematizar a questão da formação docente e tanto os circenses, quanto os professores apontaram em seus discursos a carência formativa do educador para atender e atuar com alunos em situação itinerante. Assim, nos empenhamos a atender os seguintes objetivos gerais: **1 – conhecer as condições vigentes do atendimento escolar para os circenses itinerantes do semiárido baiano; 2 – Fomentar o debate para proposição de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes.** E nessa perspectiva, afunilamos o estudo a fim de alcançar questões específicas como os seguintes objetivos **1 – compreender junto com os circenses itinerantes quais os principais desafios em relação à educação escolar; 2 – Mapear ideias e possibilidades de fortalecimento da educação escolar dos circenses itinerantes; 3 – Subsidiar o debate para implementação de uma rede de apoio educacional escolar formal para circenses itinerantes do semiárido baiano e 4 – Criar uma cartilha sobre a criança circense itinerante do semiárido baiano.** No campo, realizamos uma pesquisa participante, viajando de carro até as cidades e povoados em que os circos estavam armados, visitando também as escolas no mesmo itinerário. Ao todo, visitamos dez circos e oito escolas, conversamos com mais de cinquenta pessoas e entrevistamos mais de três dezenas de coparticipantes entre circenses, professores e outros profissionais. Como instrumentos, utilizamos a observação, entrevista, um fórum de discussões e grupo focal para a construção dos dados. A partir desses, criamos um vídeo documentário e uma cartilha para contribuir com as discussões e reflexões dos professores da educação básica sobre a educação escolar formal de estudantes circenses itinerantes do semiárido baiano. Dessa forma, identificamos que as estruturas educacionais não possibilitam a inserção qualitativa de estudantes em situação itinerante e percebemos que as atividades exitosas, contribuem para o desenvolvimento de alguns alunos nessas condições, mas que, essas, são iniciativas pessoais de alguns professores e não, propostas institucionais de compromisso com esses estudantes. Não conseguimos efetivar uma rede de apoio educacional para estudantes circenses itinerantes, mas acreditamos que o material construído pode possibilitar essa construção no futuro.

Palavras-Chave: Circenses Itinerantes. Educação para Circenses. Direitos Sociais.

## ABSTRACT

The present work is a result of research with influence in the field of the Circus. The study, however, refers to the formal school education of itinerant artists of circus, especially those of small company circulating in the semi-arid region of Bahia. Therefore, based on the following question: **How to offer structure and conditions of access and permanence of itinerant circus artist to formal school education?** The research offered us subsidy for problematize the issue of teacher education, both the circus artist, how much the teachers pointed out in their speeches the formative lack of the educator to attend and act with students in itinerant situation. Thus we strive to meet the following general objectives: 1 - know the current conditions of school attendance for itinerant artists fro circus of the Bahia semi-arid; 2 - To foment the debate to propose an educational support network for itinerant circuses. And from this perspective we taper the study in order to achieve specific issues as the following objectives: **1 - to understand together with itinerant circuses artist the main challenges in relation to school education; 2 - ideas catalog and possibilities for strengthening the school education of artist of itinerant circuses; 3 - auxilly the debate for the implementation of a formal school educational support network fro artist of circus itinerant the Bahia semi-arid and 4 - Create a hornbook about itinerant circus child from the Bahia semi-arid.** In field, we conducted participant research. traveling by car to the towns and villages where the circuses were armed, also visiting the schools on the same itinerary. In all, we visited ten circuses and eight schools, we talked to more than fifty people and interviewed more than three dozen co-participants among circuses, in all, we visited ten circuses and eight schools, talked to more than fifty people and interviewed more than three dozen co-participants among artist of circuses, teachers and other professionals. As instruments, we use observation, interview, a discussion forum and focus group for data construction. From these, we created a video documentary and a booklet to contribute to the discussions and reflections of teachers of basic education on the formal school education of itinerant circus students from of Bahia semi-arid. Thus, we identified that the educational structures do not allow the qualitative insertion of students in itinerant situation and we realize that the successful activities, contribute to the development of some students in these conditions, but that these are personal initiatives of some teachers and not, institution proposals with these students. We have not been able to implement an educational support network for itinerant circus students, but we believe that the built material can make this construction possible in the future.

Keywords: Peopole of circus. Education for circus people. Social rights.

## Sumário

FAZER A PRAÇA .....	9
Preparar o terreno armar a lona .....	11
Arquibancada ou picadeiro? .....	15
Hoje tem espetáculo? .....	16
CAPÍTULO 1 PANO DE RODA.....	18
1.1 Palomba, um suporte para a costura. ....	21
1.2 Situação de itinerância e o direito a educação. ....	25
1.3 Entre o trapézio e a rede .....	34
1.4 Respeitável público, o que fazer com essa gente de circo? .....	42
CAPÍTULO 2 - O MASTRO .....	48
2. 1 Sobre os braços do portô .....	50
2.2 Volante .....	51
2. 3 Malabares com palavras e gestos.....	52
2.4 Sobre a báscula .....	54
2.5 Próxima praça novo espetáculo .....	56
CAPÍTULO 3 - GLOBO DA MORTE: UM GIRO NO ABISMO EDUCACIONAL.....	58
3.1 360° na linha do horizonte: uma assertiva no saber.....	62
3.2 Desafio em rotação.....	64
3.3 Agilidade no globo, movimento na sala. ....	72
3.4 Uma parada para tomar folego. ....	84
CAPÍTULO 4 - UMA CARTA NA MANGA. ....	90
4.1 Um melodrama contemporâneo .....	93
4.2 O teatro faz escola no circo.....	105
4.3 O circo chegou e agora? .....	109
4.4 Ademã, palavrões e obscenidade.....	117
ABAIXAR A LONA, SEGUIR O CORTEJO... ..	122
REFERÊNCIAS .....	130
ANEXOS .....	137



## FAZER A PRAÇA

Para os circenses, fazer a praça significa a temporada em que o circo passa em uma cidade, as praças na linguagem circense são as cidades em que estes apresentam seus espetáculos. Neste estudo, fruto de pesquisa sobre o tema em questão, a imbricação com o objeto é inevitável mesmo atentando-se para os devidos distanciamentos próprios da natureza do trabalho. Assim, dirigimo-nos a historiografia circense consultada no período da pesquisa e construção dos resultados parciais para compreender melhor a temática. Contudo, queremos evidenciar que este estudo não dará conta de grandes especificidades do tema circo; mas, utilizaremos de linguagem análoga para nos referir as categorias trabalhadas, no intuito de envolver o leitor na natureza lúdica e risível das Artes Circenses. Desta forma, tentaremos apresentar referências pertinentes para demonstrar o lugar do circo na história da humanidade, revelar ou, no mínimo, provocar reflexões a respeito dos circenses itinerantes no semiárido baiano e a importância das Artes Circenses na construção da cultura no mundo, comprovando, assim, seu legado e influência.

Desse modo, queremos adentrar no presente trabalho de forma reflexiva, ao ter como foco principal uma das atividades mais remotas da humanidade, a itinerância! E a relação desta com o circo segue o itinerário de um espetáculo, que vai da antiguidade com os cortejos de feras e homens expostos como troféus e representações das conquistas nas guerras, ao surgimento de uma arte urbana, moderna e economicamente viável a partir de meados do século XVIII na Europa, quando, ideias distintas se juntam em favor do espetáculo e o desenvolvimento socioeconômico de produtores, imortalizando nomes como Philip Astley, Charles Hughes, Antonio Franconi etc. até seus desdobramentos na atualidade.

A partir dessa inserção desenvolveremos a discussão tendo como base o circo moderno. Esse, como veremos, desde seu surgimento na segunda metade do século XVIII, adapta-se e agrega muitas artes, de um lado o sublime dos números naturalistas com uso de aparelhos ou animais e, de outro, o grotesco, baseado nas vidas simples de artistas versados em chistes,

pilherias e performances brincantes. Artífices do espanto, da monotonia e euforia das ruas e feiras, aos salões, palcos e picadeiro.

Os estudos demonstram que as Artes Circenses se perpetuaram pelo método de transmissão do conhecimento artístico na prática da oralidade de forma hierárquica dos pais para seus descendentes, durante muito tempo. Porém, a transmissão de um conhecimento que geralmente se mantinha em âmbito familiar aos poucos foi permitindo outros diálogos e novas vozes surgiram; outros atores entraram na “cena circense”, como a figura do pesquisador sobre a história do circo e outros interessados em conhecer e aprender seu “modus vivendi”. As intervenções após o surgimento do circo moderno contribuiriam para formar novos artistas.

Contudo, não é fácil aprender e desenvolver habilidades tão específicas. O rigor e a disciplina na transmissão do conhecimento entre os circenses tradicionais é alvo de crítica por parte de algumas pessoas, por se caracterizar como métodos incisivos, uma didática aplicada de forma tradicional ao impor uma forma pedagógica inspirada no militarismo em que rege a hierarquia do instrutor, geralmente o próprio pai ou a mãe. Em outro âmbito o texto nos leva a perceber que a formação e postura pedagógica exige atenção diferenciada, contudo, sem perder o rigor por se tratar de atividade de risco. Como afirma Bortoleto (2010) que:

A formação dos formadores, que incide nos distintos âmbitos (desde a iniciação até o virtuosismo), está presente hoje nos distintos objetivos que compreende: o circo educativo, o circo profissional, o circo-lazer ou o circo social. E tudo isso, num percurso interconectado no qual o formado de circo se abre à inquietude dos alunos que se convertem em artistas, ou o artista que depois de sua experiência nas pistas se recicla na docência aproximando-se ao diálogo da transmissão das artes do circo. (BORTOLETO, 2010, p.13)

Em espaços educacionais específicos a transmissão das Artes Circenses ganham formas diferentes das tradicionais – contudo, mantém-se o rigor necessário. De acordo com as discussões entre os circenses no percurso da investigação, esses dizem que em âmbito geral, surgem mais pessoas dedicando-se as Artes Circenses, porém, poucos profissionais formados em ambientes diversos dos circos tradicionais, dedicam-se a atividade seguindo de forma itinerante seus pares Brasil a fora. Convém dizer por tanto que tratamos a questão de forma sumária, por não ser o escopo

deste trabalho um levantamento sobre especificidades da história do circo. Poderíamos definir a descrição como flashes em panorâmica; no cinema a ideia seria de cenas muito curtas em que se apresenta o ambiente em que se passa o enredo; no caso, “história do circo”.



### **Preparar o terreno armar a lona**

O presente texto vai tratar das companhias em situação itinerante e que de acordo com nossa interpretação inspiram-se na tradição dos antigos saltimbancos mambembe, ou artistas nômades que desde a idade média faziam das feiras livres, espaços para apresentação em barracas improvisadas ou mesmo, expostos nas ruas (MAVRUDIS, 2011). Advertimos previamente que durante a pesquisa realizada, percebemos que muitos circenses tradicionais não se considerem adeptos destas nomenclaturas, ofendendo-se com a comparação. Aprofundaremos sobre este assunto no desenvolvimento.

Assim, passaremos a tratar de outras questões que também incomodam os circenses itinerantes. Foi desse modo, que entendemos e discutimos no texto que a inclusão de crianças, jovens e adultos na educação básica tende a ampliar o conhecimento e desenvolver a cultura de forma integral. Sabemos que de acordo com a Constituição Federal a educação é um direito inalienável garantido dos quatro aos dezessete anos. Como também, que a ideia de educação para todos vem ascendendo nas últimas décadas a partir de muitas lutas em convenções, conferências e documentos por que.

O Brasil é signatário da Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho, cujo art. 14, item 1, faz menção aos povos nômades e agricultores itinerantes. De acordo com o art. 27, item 1, do referido tratado internacional, os programas e serviços de educação destinados aos povos interessados deverão ser desenvolvidos e aplicados em cooperação com eles a fim de responder às suas necessidades particulares. (BRASIL, 2012)

A permanência com qualidade na educação formal é um dos grandes problemas enfrentados pelos itinerantes. A respeito deste assunto, comparamos no estudo, dados que foram construídos sobre a escolarização de uma família circense no semiárido baiano em outro texto de nossa autoria, a monografia para conclusão da especialização em História: cultura urbana e memória com o título “*Memórias de picadeiro, histórias de vida de circenses do*

*semiárido baiano entre Senhor do Bonfim e Jacobina*”, (OLIVEIRA, 2012). De acordo com o estudo citado, a permanência do circo em cada cidade, geralmente, não passa de quinze dias, o que dificulta a constância do circense na escola, uma vez que o trabalho de montar e desmontar o circo, transporte e preparação para o próximo espetáculo; como também outras atividades congêneres demandam muito tempo.

Por tanto, nosso trabalho atual, baseou-se na seguinte pergunta: **como oferecer estrutura e condições de acesso e permanência do artista circense itinerante na educação escolar formal?** Também problematizamos a questão da formação; tanto os circenses, quanto os professores, apontaram em seus discursos a carência formativa do educador para atender e atuar com esse tipo de aluno. Para tanto, traçamos os seguintes objetivos gerais: **1 – conhecer as condições vigentes do atendimento escolar para os circenses itinerantes do semiárido baiano; 2 – Fomentar o debate para proposição de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes.**

E foi diante dessas questões que de forma específica tentamos alcançar os seguintes objetivos **1 – compreender junto com os circenses itinerantes quais os principais desafios em relação à educação escolar; 2 – Mapear ideias e possibilidades de fortalecimento da educação escolar dos circenses itinerantes; 3 – Subsidiar o debate para implementação de uma rede de apoio educacional escolar formal para circenses itinerantes do semiárido baiano e 4 – Criar uma cartilha sobre a criança circense itinerante do semiárido baiano.** Porém, foi durante a pesquisa que, percebemos a dificuldade para se alcançar todos os objetivos traçados e que o maior problema encontra-se na formação docente, esses, afirmaram não haver discussão sobre o assunto. Compreendemos que a Universidade, como referência na formação de professores da educação básica, tem um papel fundamental na problematização deste assunto, uma vez que seus alunos futuros professores em algum momento devem atender esta população e é preciso pensar alternativas para assisti-los.

Neste texto, supomos com base na pesquisa que tanto a condição itinerante quanto a organização das instituições educacionais interferem no rendimento escolar daqueles estudantes e foi partindo destas premissas, que nos debruçamos sobre a pesquisa de campo e outros estudos para entender

as causas das referidas dificuldades. Entre as entrevistas realizadas, foi possível identificar que os circenses recorrem à lei quando necessário matricular os filhos e a escola apresenta empecilhos. Mas, não é apenas a falta de leis mais rígidas que dificulta a permanência dos circenses itinerantes na escola regular. A legislação diz no artigo 29 da lei 6.533/78:

Art. 29. Os filhos dos profissionais de que trata esta lei, cuja atividade seja itinerante, terão assegurada a transferência da matrícula e consequente vaga nas escolas públicas locais de 1º e 2º Graus, e autorizada nas escolas particulares desses níveis, mediante apresentação de certificado da escola de origem. (BRASIL, 1978)

Decerto constatamos durante a investigação que os estudantes itinerantes são amparados legalmente, mas as escolas não estão preparadas para acolher a diversidade, e, os circenses não são uma exceção. Talvez se pense de imediato na formação do/a professor/a e, se faça inclusive mau juízo deste profissional responsabilizando-o quanto ao assunto. A questão vai além, basta pensarmos em escolas com salas superlotadas, público com níveis distintos de aprendizagem e de desenvolvimento educacional. Ao pensar sobre isso, percebe-se que existe uma tarefa demasiada e árdua para um professor ou professora que muitas vezes precisa alfabetizar uns enquanto produz atividades mais complexas para outros na mesma turma e sala de aula.

Outra fundamentação apresenta no trabalho são os depoimentos registrados no II colóquio sobre a história das *Artes Cênicas* no Piemonte Norte do Itapicuru, organizado pelo GruPano<sup>2</sup> em parceria com o projeto *Mostra Bonfim em Cena*, que aponta o descaso e ausência de políticas que atendam artistas circenses itinerantes e seus filhos. Ao analisarmos as questões, percebemos as dificuldades e intuímos que não seja apenas no semiárido baiano que os circenses não conseguem permanecer na escola sem abandonar seu trabalho no circo. Compreendemos que a vida itinerante obriga os circenses a fragmentarem a educação formal. Em nossa pesquisa realizada em 2012 identificamos que:

[...] das doze pessoas residentes no circo no momento da pesquisa: dois adultos estudaram até o 2º ano do ensino fundamental, três até o 5º ano do ensino fundamental e um adulto até o 4º ano do ensino fundamental; um jovem estudou até o 6º ano do ensino fundamental e duas mulheres adultas estudaram até o 7º ano do ensino fundamental e um adolescente no momento da pesquisa estava matriculado com mais duas crianças no 2º ano do ensino fundamental na cidade de

---

<sup>2</sup> Grupo de Pesquisa e Extensão em *Artes Cênicas* do semiárido Brasileiro.

Senhor do Bonfim. Importante dizer que as três mulheres que estudaram até o ensino fundamental II, deixaram a escola para seguir seus companheiros e acompanhar a vida itinerante dos circenses, o que indica não pertencerem a famílias tradicionais de circo (nascido em circo), estes por sua vez, encontram dificuldades para concluir no mínimo o ensino fundamental. (OLIVEIRA, 2012, p. 70-71)

Considerando-se o exposto como um caso particular, a situação seria analisada como negligência dos responsáveis pelos menores que no desdobramento tornaram-se adultos também responsáveis por outros menores que seguirão o mesmo costume de negligenciar o direito inalienável da educação. Compreendemos que responsabilizar os circenses por não conseguirem se adequar ao que está posto é uma atitude inconveniente, haja vista os desdobramentos errôneos da escola, que, ainda que a lei afirme que esta precise se adequar a realidade dos alunos itinerantes, não tem sido a prática da instituição fazê-lo.

No trabalho compreendemos ainda que a rotatividade dificulta o acompanhamento quando os alunos circenses itinerantes não trazem um relatório da escola precedente, sendo necessário fazer uma avaliação para identificar em que série deve-se matricular o aluno em caso de idade/série. A lei diz que a escola deve fazer uma análise avaliando os níveis educacionais para acomoda-los em uma turma com a mesma faixa etária e ao sair, encaminhar documentação que ateste os saberes construídos no período.

Porém, percebemos que por mais que se deseje atuar de acordo com as determinações das leis para garantir o acesso das pessoas em situação de itinerância, a escola não consegue, sem grandes sacrifícios respeitar tais direitos. Diz a lei:

Dessa forma, a escola deverá estabelecer diálogo com estes coletivos sociais, ouvi-los e decidir conjuntamente estratégias para o melhor atendimento dos seus filhos. Este é o papel de uma escola democrática que constrói sua prática a partir da realidade da comunidade atendida e não em detrimento da mesma. Como pode ser observado o tema da consulta instiga a uma reflexão sobre a diversidade cultural, social e econômica do nosso país. No caso da população circense é necessário lembrar que estes fazem parte de um segmento profissional da mais alta relevância para a cultura brasileira: a arte circense. Portanto, dada a sua especificidade, uma das características dos(as) trabalhadores(as) circenses refere-se aos deslocamentos geográficos, fato este que os impede de possuir domicílio com “ânimo definitivo”, conforme dicção do art. 70 do Código Civil brasileiro. (BRASIL, 2011)

Preocupamo-nos durante o trabalho em focar o desenvolvimento escolar dos circenses itinerantes do semiárido baiano, uma vez que se aponta um quadro desolador em relação à inserção desses nas escolas e o desenvolvimento educacional escolar mais especificamente. A revista *Bahia de todos os circos* (BAHIA, 2012) afirma que o atraso e dificuldades para matricular e/ou transferir o alunado contribuem para a não permanência do circense na escola. Ermínia Silva (2009), tratando do circo-família no estado de São Paulo, colhe relatos de circenses em que demonstram a preocupação da família com a educação escolar dos seus filhos.

Apesar das dificuldades enfrentadas para inserir-se nessa sociedade, como no caso da instituição escolar, o circo-família não deixava de alfabetizar seus componentes, seja nas escolas públicas, contratando pessoas (professores ou não) para ir até o circo, levando suas crianças a espaços informais para aulas particulares, entre outros. (SILVA, 2009, p.165)

Mas, ainda falta muito para que se tenha um arcabouço em que se possa fazer um acompanhamento mais eficiente do desenvolvimento escolar destes alunos. Em nosso trabalho percebemos que os circenses itinerantes, principalmente os de pequenas companhias, enfrentam muitas dificuldades no tocante a formação, principalmente o acompanhamento pedagógico.



### **Arquibancada ou picadeiro?**

Neste contexto, tentamos construir proposições educacionais juntos com professores, pais e estudantes circenses itinerantes do semiárido baiano. No trabalho descrevemos as atividades que organizamos, como encontros com pessoas de pequenas companhias itinerantes de circo do semiárido, mais especificamente no itinerário entre Senhor do Bonfim no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru e Irecê no Território de Identidade de Irecê. Mostramos ainda que conseguimos dilatar a investigação seguindo-se de Senhor do Bonfim a Pintadas cobrindo cidades como, Filadélfia, Ponto Novo, Capim Grosso e Valente. Nosso intuito foi identificar os principais problemas educacionais e juntos pensarmos proposições para uma rede de apoio aos circenses e subsídio para os professores da educação básica priorizando o autoconhecimento que segundo McLaren (2002, p. 107) “pode levar à autodeterminação e, eventualmente, à práxis revolucionária”, visto que o sujeito

consciente de seu papel social lutará por seus direitos fortalecendo uma rede que beneficie os interesses da classe.

Porém, compreendemos que falta estrutura adequada em que se possa acompanhar paulatinamente a vida escolar dos estudantes circenses itinerantes, de forma que se possa avaliar seu aprendizado não como acerto de contas, mas, como direito de conhecer alguns conteúdos trabalhados por área de conhecimento e série, ao mesmo tempo em que se valorize a diversidade apresentada pelos itinerantes; garantindo-lhes uma certificação anual, com o direito de acesso e permanência na educação escolar formal pública, gratuita e de qualidade. A pesquisa apresentou os interesses dos circenses em relação aos conteúdos escolares e foi com base nas questões apresentadas, que buscamos respostas para a pergunta: como oferecer estrutura e condições de acesso e permanência do artista circense itinerante à educação escolar formal?



### **Hoje tem espetáculo?**

Percebemos que no circo esta é uma pergunta frequente e que sua resposta depende em especial do respeitável público. Antigamente o palhaço perna de pau cantarolava a chula tradicional e a criançada na rua respondia em coro: tem sim senhor! Disse-nos o palhaço “Cueca” durante a pesquisa no circo Darlley. Em nosso estudo não cantamos a chula, mas fizemos perguntas e desejávamos respostas, assim como os circenses aguardam ansiosos pelo público à noite na frente do circo. O palhaço Cueca afirmou em entrevista na cidade de Caém Bahia, “ainda vai voltar o tempo em que teremos de fazer propaganda como os palhaços de antigamente. Em perna de pau pelas ruas da cidade e as crianças atrás cantando”.

Em busca de respostas para os questionamentos, tentamos conhecer as condições vigentes do atendimento escolar para os circenses itinerantes do semiárido baiano, como também, fomentar o debate para proposição de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes. Entretanto, sabíamos que o caminho mais adequado seria compreender junto com os circenses itinerantes quais os principais desafios em relação à educação escolar; para

em seguida, mapear ideias e possibilidades de fortalecimento da educação escolar dos circenses itinerantes e subsidiar o debate para programar uma rede de apoio educacional escolar formal para esses no semiárido baiano. Após muitas conversas, surgiram ideias muito interessantes, porém inviáveis no momento diante da realidade da estrutura educacional.

Conquanto, surgiu à ideia de produzir material didático que sirva de base para se entender a realidade dos circenses itinerantes do semiárido baiano sem que esse seja uma receita pronta. A principal ideia é que o material produzido durante este trabalho possa instigar novas buscas entre os docentes que possivelmente terão à mão uma cartilha sobre a criança circense itinerante do semiárido baiano e um documentário que podem ser utilizados em vídeo-debates, exibição na escola ou no circo e como pesquisa individual.

Assim, percebemos que as observações, entrevistas, realização do I Fórum Sobre Educação Escolar de Circenses Itinerantes no Semiárido Baiano (FSECISB) e as participações no grupo focal, constituíram-se como instrumentos adequados para alcançarmos nossos desígnios. Dessa forma, apresentamos para o leitor no corpo deste texto, os resultados deste trabalho árduo na sua concepção, mas, contudo, estimulante e desafiador para os interessados nas complexidades e resoluções dos conflitos educacionais.

Para tanto, apresentamos os capítulos com aporte teórico pertinente ao tema. As ideias em que procuramos criar um movimento em que instigue o leitor a querer saber mais sobre o assunto e seus atores principais que dialogam com os autores que fundamentam o texto. Atribuímos a essa forma o desejo político de introduzir as narrativas das pessoas pesquisadas com equidade no texto. Assim, o capítulo um intitulado como, *Pano de roda*, procuramos apresentar os principais autores que tratam da história do circo e de uma educação aqui apresentada como direito social; no capítulo dois apresentamos a estrutura da pesquisa, descrevendo os caminhos traçados para sua realização e a estrutura dos produtos criados a partir do estudo; no capítulo três fizemos um apanhado dos dados apresentando a realidade dos circenses com suas dificuldades gritantes e conflitos entre a educação formal e os direitos sociais dos povos itinerantes. Para no quarto capítulo, busca indicação de proposições e caminhos para uma rede de apoio educacional aos circenses itinerantes do semiárido baiano.

Dessa forma, nosso trabalho apresenta além da presente dissertação, mais dois produtos: Uma cartilha ilustrada contendo textos e desenhos sobre o estudante circense itinerante, e um vídeo documentário com depoimentos de circenses, professoras e outros profissionais envolvidos na temática. Para realização do trabalho, contamos com a colaboração de mais dois profissionais, um fotografo e cineasta e uma secretária responsável pelos registros escritos e organização de todo material como fichas, documentos e formulários. A pesquisa foi realizada com viagens de carro até as cidades e povoados em que os circos estavam armados, visitando também as escolas no mesmo itinerário.



## CAPÍTULO 1 PANO DE RODA

Uma pirueta/ Duas piruetas/Bravo, bravo/Superpiruetas/Ultrapiruetas/Bravo, bravo/Salta sobre/A arquibancada/E tomba de nariz/Que a moçada/Vai pedir bis...  
Chico Buarque

Pano de roda é a saia do circo, formada por módulos retangulares de tecido ou de zinco, serve para fechar o círculo protegendo o espaço em que vai acontecer o espetáculo circense (MAVRUDIS, 2011). Como tantas outras linguagens populares de arte, o circo está presente e como forma de resistência, mantém a oralidade e a transmissão de saberes milenar e como forma de expressão e construção movimenta o campo das subjetividades humanas, na constituição de imagens, autoimagens, individual e coletiva, um instrumento importante na construção das identidades numa perspectiva cultural e social. Ao longo do tempo, o circo nos apresentou produtos de outras áreas artísticas como música, dança, fotografia, cinema, teatro etc.

Porém, ao se pensar em circo, pelo menos em nossa cultura ocidental, convencionou-se lembrar de imediato das figuras grotescas e jocosas, como homens pintados, vestindo roupas extravagantes ou mesmo trapos coloridos; lembra-se o cheiro da serragem espalhada no picadeiro; ou o ranço das jaulas e trailers improvisados, para permitir o traslado das feras subjugadas aos desejos febris dos adestradores, e, para a morada de mulheres e homens encantados diante dos olhares ingênuos das crianças, ou, insanos dos adultos pragmáticos. O enunciado também remete ao colorido das lonas, das

aventuras de nômades figuras, vivendo de forma improvisada em barracas ou ônibus adaptados para servir-lhes como casas móveis. Ainda remete ao visual das performances, de corpos possíveis de realizar acrobacias inimagináveis para o ser humano comum.

O circo também é lembrado como o mundo do espetáculo, das ações incomuns; entre o sublime e o grotesco; o inesperado, o sobrenatural. Homens, mulheres e crianças convivendo com feras, com as intemperes naturais e culturais, com o desconhecido e o cotidiano das vidas simples e corriqueiras dos itinerantes e sedentários. Portanto, o circo ocupa lugar de destaque na cultura mundial e coaduna com o próprio desenvolvimento social. De alguma forma influenciou com sua prática os teatros, principalmente os existentes nas cidades menores. Sua estrutura básica tem traços dos antigos saltimbancos, e elementos das mais variadas culturas principalmente entre nós sertanejos do semiárido baiano onde esta arte desenvolve-se como linguagem ímpar com dramaturgia risível, satírica e crítica. Uma estética popular pautada nos questionamentos humanos, características de uma arte com cheiro do nosso torrão, um jeito nordestino de encenar. Posto isso, acentuamos que a arte e a cultura são direitos humanos e seu acesso como formação não pode ser restrito, muito embora compreendamos que nem todos têm a oportunidade de fruir bens culturais.

Ainda sobre a formação em circo, no Brasil, em 1982, o circense Luís Olimecha e Orlando Miranda criaram a Escola Nacional de Circo no Rio de Janeiro, tendo como finalidade o ensinamento das Artes Circenses e formação de novos artistas de circo. Em Pernambuco desde 1996 funciona a escola pernambucana de circo e na Bahia, temos alguns exemplos mais divulgados como a Escola de circo Picolino e Associação Circo Maravilha em Salvador; no semiárido, o Circo do Capão no município de Palmeiras e Núcleo de Arte Educação Nego D'Água em Juazeiro entre outras iniciativas como a inserção de disciplinas específicas sobre as Artes Circenses, aprovadas no primeiro curso de Teatro da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e que funcionara no Campus VII em Senhor do Bonfim, a partir de 2018. São estas, algumas propostas que têm como escopo desenvolver as Artes Circenses e aprimorar uma ou outra linguagem, devido à complexidade

formativa dos instrutores, para que possam garantir professores especialistas para cada modalidade.

Em relação aos circenses itinerantes e essas instituições, seria necessário uma pesquisa específica, conhecendo-se o currículo e as atividades. Quanto aos circos tradicionais no semiárido baiano, existem muitas companhias em circulação. São famílias, pequenas empresas e artistas com residência fixa em alguma cidade da região, em outros estados da federação ou ainda, artistas sem vínculos residenciais declarados vivendo em situação itinerante. É sobre os circenses itinerantes que direcionamos o foco de nossa investigação, para conhecer suas inúmeras dificuldades; contudo, nos debruçamos sobre a garantia do acesso e permanência desses sujeitos à educação escolar formal. Entre tantos problemas, nos referimos ao acesso e permanência à educação formal por parte de alunos itinerantes por ser nosso trabalho voltado para o fortalecimento da educação básica e, as discussões sobre os direitos desses sujeitos em relação à educação escolar formal não podem continuar sendo negligenciadas.

Sabemos que a permanência na escola por si só não resolve a questão, mas, pode contribuir com seu desenvolvimento educacional e consequentemente artístico, porque entre esses alunos itinerantes estão os circenses que lutam para garantir acesso aos direitos sociais e avanço cultural. Assim, ao nos referirmos aos circenses, estamos tratando de proprietários de pequenas companhias itinerantes de circo que chegam a lugares muito distantes dos grandes centros urbanos e de seu modo, levam arte e agitam culturalmente os espaços por onde passam promovendo transformações sutis. Em muitos casos as pessoas que moram em cidades menores, em povoados ou periferias não têm outras possibilidades de recepção estética de espetáculos cênicos. O artista circense faz este papel como agente cultural levando sua arte até estas pessoas. Porém, como essas, eles sofrem as mesmas mazelas não tendo acesso a outros bens culturais como a educação formal.

A escola ao receber um aluno oriundo de circo, tem a oportunidade de conviver com a diferença, com a diversidade. Ao contar sua história, o aluno de origem circense apresenta a geografia vivida em suas andanças e a escola ao ouvi-lo garante o acesso a direitos sociais. A inserção desse aluno na escola

deve ser garantida para possibilitar o desenvolvimento social dos 4 aos 17 anos como afirma a lei. No Brasil, a emenda constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015 diz: Artigo único. O art. 6º da Constituição Federal de 1988 passa a vigorar com a seguinte redação: "Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição" (BRASIL, 2015). Posto isso, passaremos a tratar no corpo do texto sobre questões relacionadas à vida cotidiana dos circenses itinerantes, sobretudo, de seus direitos a justiça social. Porém, entendemos que mesmo com alguns avanços, ainda há exclusão cultural, sendo necessário o estudo, pesquisa, e práticas na sala de aula para uma ruptura e quebra de paradigmas, buscando construir produções inovadoras em nossas escolas, e pensar uma formação docente que priorize a diversidade, assim, estaremos atendendo uma demanda formativa e de incentivo cultural, em espaços de educação formal.



### **1.1 Palomba, um suporte para a costura.**

No circo, palomba refere-se ao remate das cordas na costura do pano de cobertura. Com agulhas apropriadas procuraremos costurar este estudo, com barbantes e fios, vamos construir e adaptar discussões ao longo da história para futuramente se fortalecer a importância e o lugar do artista circense na formação cultural do Brasil. Sendo a palomba uma corda forte que sustenta outros nós, neste estudo a história do circo é a palomba que sustenta as outras amarrações (discussões sobre educação, diversidade e as vidas dos circenses) buscando firmeza na estrutura que se pretende construir.

Deste modo, partimos para o picador ou adestrador de cavalos, que segundo MAVRUDIS (2011, p.334), desta denominação originou-se o nome picadeiro "lugar central e circular, onde se apresentam os artistas circenses". E, as artes assim denominadas, têm origens remotas e acompanha o desenvolvimento da humanidade; as artes circenses modificam-se sempre, porém, conserva características intrínsecas. Além disso, o circo tal qual

conhecemos hoje, se configura a partir do século XVIII no continente europeu e se difere por várias razões do circo da antiguidade, de acordo com Bolognesi (2003, p. 30), “a ligação dos jogos romanos com a religião e o estreito vínculo entre eles e uma política estatal, são elementos que diferenciam a natureza das atividades romanas daquelas próprias do circo europeu”; em que adaptações de vários conhecimentos artísticos e organização de apresentações em espaço fechado com finalidade econômica são características do que os historiadores denominam circo moderno.

Ainda segundo Bolognesi (2003, p. 31) “atribui-se ao suboficial da cavalaria inglesa, Philip Astley, a criação do circo moderno. Ele construiu um edifício permanente em Londres, em Westminster Bridge, chamado Anfiteatro Astley”. Acontecimentos socioeconômicos, gradativamente modificavam a produção artística na Europa nesse período, Astley atento às mudanças, reuniu em um espaço fechado, em uma arena de 13m, o que já ocorria como espetáculo há algum tempo em espaços abertos. Bolognesi (2003), diz que, “no período, foram construídos outros edifícios com a mesma finalidade, a exemplo daquele criado por Charles Hughes, o Royal Circus, principal concorrente de Astley, na Inglaterra”. Porém, Jara (2000, p.32), afirma que as artes circenses antecedem este momento, “En Grécia, Roma y Bizancio. En Egipto, China y la Índia. En Babilonia y Persépolis. En todas estas culturas se encuentran acontecimientos que podemos considerar antecedentes históricos del circo moderno”. Contudo, para compreender o período, ao qual nos referimos como surgimento do circo moderno, encontramos em (BERTHOLD, 2001, p. 374) tratando de troupe e atores ambulantes na Europa, a informação de que, “via Dinamarca e Holanda os comediantes ingleses haviam perambulado até bem ao sul, como Saxônia e Hesse, por volta do final do século XVI.”

Segundo a autora a movimentação artística era intensa, onde companhias itinerantes atuavam em diferentes espaços e competia para alcançar privilégios, o que contribuía para a migração de grupos não contemplados pelos favores da rainha Elizabeth. Em se tratando da comédia italiana no mesmo período, Fo (1999, p. 21) diz que: “Da mesma maneira que as várias corporações buscavam manter o mercado livre da concorrência externa, os cômicos dell’arte também realizavam uma guerra sem trégua contra

todas as companhias não associadas que se infiltravam em suas praças”. Para Bakhtin (2013, p.29), “nos séculos XVII e XVIII, enquanto reinava o cânon clássico nos domínios da arte e da literatura, o grotesco, ligado à cultura cômica popular, estava separado dela e ou se reduzia ao nível do cômico de baixa qualidade”. Por tanto, compreendemos que uma arte direcionada para as camadas populares tinha como palco, à praça pública. Uma tradição a qual Astley viria agregar ao seu empreendimento na segunda metade do século XVIII.

Ainda tratando-se das trupes, percebemos que no afã de agradar o público os artistas presavam pela lição de moral em seus espetáculos, principalmente em países protestantes. O período impulsionou formas diversas nas artes cênicas, e provavelmente tiveram companhias que se dedicavam mais a dança, mímica, teatro de bonecos, acrobacias e música, enquanto outras se aperfeiçoavam mais na utilização de textos dramáticos e comédias retiradas de narrativas históricas. Porém, mesmo no caso do teatro didático em que de acordo com Pavis (2015).

A reivindicação de uma poesia didática remonta à mais alta antiguidade; ela alia, em sua forma clássica, a arte poética de Horácio (14 .c.), o útil ao agradável, pretendendo edificar o público. A idade média concebe esta edificação como uma educação religiosa, ao passo que no renascimento, as poéticas se cominam para moralizar a literatura. (PAVIS, 2015, p. 387)

Quanto à recepção das peças moralistas, de acordo com Berthold (2001, p. 375) “o público desejava um pouco menos de edificação e um pouco mais de divertimento. Nesta brecha entravam o bufão e o palhaço”. O período histórico ao qual nos referimos, indica possíveis origens do palhaço na cena cômica, onde de acordo com Castro, (2005):

As primeiras referências ao clown são do século XVI quando, na Inglaterra, os espetáculos de Mistérios e Moralidades, que baseavam-se na vida dos Santos e em histórias livremente adaptadas da Bíblia, incorporam um terceiro personagem cômico: o rústico. Até mais ou menos 1550, a comicidade desse tipo de espetáculo estava a cargo do Diabo e do Vice, personagem recorrente que representava todas as fraquezas humanas. O Vice era um camponês velhaco, canalha, pecador incorrigível, fanfarrão e covarde que, por algum motivo, deparava-se com o Diabo, sempre acompanhado de um séquito de pequenos demônios e metido em situações cômicas que o transformavam numa figura ridícula. (CASTRO, 2005, p. 51)

Sabemos que a intensa movimentação artística deste período contribuiu com a formação cultural da Europa, surgindo nomes de famílias e artistas

comediantes importantes como os Chiarini, família com mais de trezentos anos de tradição como artistas itinerantes. Lopes (2015, p.34) diz que: “Os Chiarini se caracterizaram como artistas de vida itinerante e que atuavam em grandes feiras como equilibristas, malabaristas, acrobatas e mímicos, principalmente nos séculos XVI, XVII e XVIII”. O futuro encarregou-se de fazer dos descendentes destas e de outras famílias, responsáveis e guardiões dos saberes que ao se coadunarem com os números de equitação apreciados pela aristocracia, passaram a conhecer com o advento do circo moderno na Europa.

No Brasil colônia, registros na carta de Pero Vaz de Caminha indica a presença de Diogo Dias como homem gracioso dançando com os nativos. A Carta de Pero Vaz de Caminha (1943) diz:

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaitero nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita.

Para Castro (2005, p. 85), “o termo gracioso era utilizado, nessa época, para designar os atores cômicos, os que faziam rir nas entremeses. Os dicionários mais antigos indicam histrião e bobo como sinônimo de gracioso, ou seja, palhaço”. Se atentarmos para esta questão, compreenderemos que a presença dos cômicos europeus no Brasil, já vem de longas datas e seguindo este raciocínio, a referida autora busca comprovar a presença de artistas circenses europeus em terras brasileiras em diversas passagens de sua obra a exemplo do saltimbanco José Chiarini que segundo a autora,

de 1831 a 1837, a Cia. de José Chiarini, nobre família de saltimbancos, com mais de 300 anos de história, viajou o país, exibindo-se comprovadamente no Rio de Janeiro e em São João D’el Rey, o que nos permite supor que realizaram diversos espetáculos nas inúmeras outras localidades pelas quais obrigatoriamente passaram durante sua temporada entre nós. (CASTRO, 2005, p. 91)

Ainda sobre esta importante família de saltimbancos, Cervellati, (1961) apud Lopes (2015) diz que:

O registro de suas primeiras atuações data de 1580, quando na Feira de Saint-Laurent, na França, aparecem como dançarinos de corda e manipuladores de marionetes entre o período de 25 de julho a 30 de setembro (THÉTARD, 1947). Em seguida, em 1710, são vistos trabalhando no Boulevard du Temple, em Paris, como mímicos e equilibristas e, posteriormente, em 1775, na feira de Saint-Ovide, também na França (CERVELLATI, 1961 apud LOPES, 2015, p. 33).

A presença da família Chiarini no Brasil nos interessa neste trabalho, principalmente para se refletir sobre a itinerância dos circenses que como estes, desde tempos remotos, têm contribuído com sua atividade artística para o processo de formação cultural de nossa gente. A história desta família nos faz pensar sobre a circulação das grandes companhias circenses ou mesmo de saltimbancos, com repertório artístico e saberes que se adaptam mantendo as características intrínsecas mesmo apresentando-se em diferentes continentes. Silva (2014) ao citar Rosolen (1985), procura identificar as origens do termo saltimbancos ao dizer que:

Na França o termo *banquiste* é mais usado que *saltimbanque*. Este, por sua vez, é oriundo da expressão italiana *salta in banco* que designava o uso de um banco para apresentações nas/das diversões populares. O termo foi pouco a pouco substituído pela palavra *banquiste*, cuja tradução não existe na língua portuguesa, ao contrário de *saltimbanco* e depois pela designação *circense* (ROSOLEN, 1985, p. 32-33 apud SILVA, 2014, p. 39).

A historiografia circense, aos poucos vai descortinando os caminhos que nos leva a algumas companhias, famílias ou mesmo artistas, herdeiros de tradições que formam a base do circo moderno, como também, o florescimento deste, entre nós. Suas histórias fortalecem a busca pelo encantamento entre o riso e a temeridade, intui para a liberdade mesmo a beira da incerteza nos envolvendo a buscar sempre mais sobre a história desta arte encantadora.



## 1.2 Situação de itinerância e o direito a educação.

Os nativos originários dessa terra chamada Brasil viviam de forma itinerante, os colonizadores europeus ao chegarem às terras tropicais em busca das riquezas também assim viviam – decerto existia grande movimentação na cultura dos degredados, dos povos africanos fugitivos das senzalas; ádvenas e ciganos, esses últimos, oriundos de Portugal como afirma Teixeira (2009, p.27) “os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e que estes não vieram voluntariamente, mas expulsos daquele país”. De refugiados obrigados a itinerância, aos nativos que

migravam de acordo com o ciclo da natureza, a vida itinerante carrega diferentes significados. Para os ciganos, a condição itinerante foi durante muito tempo condição de sobrevivência. Uma referência aos povos de etnia cigana faz sentido pela aproximação destes sujeitos com o objeto de estudo deste trabalho. Em determinadas partes da obra de Castro (2005) identifica-se a presença dos ciganos quando mostra que:

Em 1727, Dom Frei Antônio de Guadalupe pedia instruções ao Santo Ofício sobre como proceder com os ciganos que - infestavam as povoações da Capitania, principalmente instalados na Vila Rica do Ouro Preto, realizando com grande aparato, comédias e óperas imorais. (CASTRO, 2005, p. 88-89)

As barracas montadas pelos ciganos apresentavam números como: a doma de urso, prestidigitação, atirador de facas, pirofagia, cenas cômicas etc. Posto isso, percebemos a relação entre os ciganos, às artes circenses e a itinerância. Para Eminia Silva (2009) existe uma organização na vida das pessoas em situação de itinerância no qual constitui seu próprio modo de vida, a autora ao se referir a grupos nômades afirma,

Nenhum grupo nômade, seja de circenses, ciganos, árabes do deserto ou outro, distribui homens e animais em um “espaço aberto indefinido”. Os trajetos nômades seguem “pistas e percursos” diferentes dos sedentários, e a construção de sua memória e da sua forma de viver no mundo é diferente. Mesmo que o nômade tenha como característica essencial o deslocamento contínuo, e mesmo que se distribua de forma heterogênea em espaços livres e não circunscritos, observa-se que para eles há referências fixas que, inclusive, garantem essa mobilidade e o seu modo de viver. Este é o seu modo de ter casa, de realizar seu trabalho e de construir a sua família. (SILVA, 2009, p.68)

Os ciganos podem ter contribuído para difusão das Artes Circenses em diversos lugares deste imenso Brasil. No entanto, a itinerância dos ciganos parece estar mais relacionada com a perseguição e o preconceito do que um modo de vida construído voluntariamente. Ainda que os dados sejam limitados, a historiografia apresenta os horrores cometidos contra as etnias ciganas obrigando-os a uma vida itinerante sem o direito a difundir sua cultura proibindo-os até de ensinar sua própria língua para seus filhos no intuito de anula-los da vida em sociedade. Sobre a questão, Teixeira (2009) apresenta documentação comprobatória em que:

Eu, Dom João, pela Graça de Deus, etc., faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos – homens, mulheres e crianças – devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. [...] ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidade, não permitindo que ensinem a dita língua a seus

filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça. (TEIXEIRA, 2009, p. 30)

O trecho do documento intui pensar sobre a condição histórica dos ciganos, o que, se assemelha a outras pessoas em situação itinerante, muitas vezes são vistos com desconfiança, enfrentando resistências para resolver questões básicas - a vulnerabilidade os mantém em situação extrema. No Brasil desde 1574, registra-se a presença de ciganos (TEIXEIRA, 2009), na atualidade, sabe-se pouco de sua vida, e, sua sobrevivência independe da intervenção do Estado, não existindo programas específicos para o atendimento destes povos, valorização de sua cultura, inclusive como parte da matriz que forma a cultura brasileira. Nem tão pouco, existe um cuidado com estas pessoas. Se essa cultura está impregnada na essência do seu modo de vida, não descarta o compromisso do Estado ao atendimento com serviços básicos para estas pessoas. Os povos que vivem nestas condições reivindicam direitos universais. Em muitos casos as leis existem, contudo, garantir o atendimento e o cumprimento faz parte de muitas outras batalhas. A resolução nº 3, de 16 de maio 2012 diz:

Art. 1º As crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância deverão ter garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, com qualidade social e que garanta a liberdade de consciência e de crença. Parágrafo único. São considerados crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância aquelas pertencentes a grupos sociais que vivem em tal condição por motivos culturais, políticos, econômicos, de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores itinerantes, acampados, circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão, de teatro mambembe, dentre outros (BRASIL, 2012).

Os itinerantes tem nas mãos uma ferramenta para lutar contra a intolerância, porém, o acesso não é suficiente e é necessário garantir a permanência com “qualidade social” diz o trecho da lei. A realidade dos itinerantes é difícil não por conta da movimentação, mas pela intolerância de outras pessoas que os afasta dos espaços oficiais, e, em relação ao assunto discutido no corpo deste trabalho, afeta inclusive o desenvolvimento desses diante da estrutura educacional, porque o currículo e os tempos escolares não correspondem com suas reais condições de vida. A lei diz ainda que:

Art. 10 Os sistemas de ensino deverão orientar as escolas quanto à sua obrigação de garantir não só a matrícula, mas, também, a permanência e, quando for o caso, a conclusão dos estudos aos estudantes em situação de itinerância, bem como a elaboração e disponibilização do respectivo memorial. (BRASIL, 2012, p. 2)

No caso dos circenses, tem a viagem, montagem dos ambientes de trabalho e instalação dos espaços de convivência familiar, para em seguida se organizar para ir à escola matricular seus filhos. Segundo a revista *Bahia de todos os circos* (BAHIA, 2012, p. 17) “o tempo de permanência em uma ‘praça’ é de apenas 15 dias, mas a transferência de uma escola para outra pode levar até 30 dias para ficar pronta”. Porém a diretora de uma escola municipal no povoado de Barracas município de Ponto Novo, disse: “não só com os circenses, mas, sempre que os pais ou responsáveis procuram a escola e solicita transferência, por questões urgentes, de saúde etc. agilizamos entregar”.

Segundo a diretora, em relação à matrícula, quando é apresentado um memorial ou comprovante de transferência o trâmite transcorre mais rápido, em outros casos é necessário um exame de equiparação idade/série. Ainda assim, não são estas questões as mais graves para escolarização dos estudantes itinerantes de pequenas companhias de circo, se assim fosse bastaria recorrer às leis. Em verdade existe um descaso com as pessoas em situação itinerante, diante de tantas questões, não existe interesse por seu desenvolvimento social.

Os circos são armados nas periferias das periferias das cidades pequenas, medias ou grandes, o espaço quando destinados ou liberados para esta finalidade, geralmente são áreas em terrenos baldios utilizados para o acúmulo de entulho, distante das escolas e de acesso digno ao convívio social. Não existe rede de esgoto, estrutura básica para ligação de água e energia elétrica - para estes serviços adicionais, precisam enfrentar vexames burocráticos e pagamento de taxas por tempo determinado, ocorrendo expiração do tempo quando pouco se conseguiu de bilheteria devido ao precário serviço de marketing ou outras condições históricas as quais os circos vêm enfrentando.

Sequeira (2013, p.15) indica que um dos grandes problemas apontados pelos circenses é a “falta de articulação entre o ensino formal e a aprendizagem familiar.” Para o autor, a relação entre os saberes construídos no circo e a vida cotidiana existe uma ligação muito grande uma vez que “mais do que uma tradição, a aprendizagem familiar parece constituir um mecanismo de coesão grupal, horizontal enquanto abre espaço à participação direta da criança na economia familiar”. Uma criança em situação de itinerância traz em

sua bagagem histórias de vida, relatos de outras escolas, de viagens, de amigos e paisagens que encontrou em seu caminho. Suas experiências podem ser coadunadas com outros saberes construídos na sala de aula; a curiosidade dos colegas direcionadas para conhecer mais sobre as culturas e os modos de vida itinerantes constitui-se como outras formas de construção do conhecimento, indica possibilidades democráticas na forma de seleção dos conteúdos e flexibilização nos atos de currículo que de acordo com Macêdo (2009) referindo-se a Bakhtin e,

Nesta perspectiva, real é o ato apreendido na sua inteireza. Esta é uma visão em que Bakhtin conjuga ato/atividade com a responsabilidade, a participatividade, com o agir situado, não indiferente. [...] Essa é uma filosofia que pode ser reconfigurada como uma filosofia curricular fundamentalmente moral, pois, para Bakhtin, o ato está na base da participação singular do **Ser**, tem nome próprio e datas particulares da vida. Responsável e assinado, para o filósofo marxista da linguagem, **o ato é um gesto ético**. É desta forma que filosoficamente nos inspiramos para conceber a ideia de **ato de currículo**, como nosso interesse pela sua radical processualidade e pela sua implicação ético-política. [...] Além disso, a valoração do **ato de currículo** passa, a nosso ver, pelo que Bakhtin denomina de responsabilidade/participatividade. (MACÊDO, 2013, p.84)

Pensar o currículo de forma flexível sinaliza possibilidades de abertura para seleção de conteúdos para educação escolar – numa flexibilidade para atender casualidades próprias da escola por ser um espaço oficialmente sistemático, mas, em sua essência multicultural, híbrido e diverso. Essa escola, para compreender a diversidade de saberes existentes fora de um padrão hegemônico, eurocêntrico, heteronormativo e branco precisa se refazer abrindo-se para uma escuta sensível de todos que fazem parte deste espaço de construção de conhecimento. Ao se referir a escola como forma dominante de educação, Saviani (2012) diz:

Esta passagem da escola à forma dominante de educação coincide com a etapa histórica em que as relações sociais passaram a prevalecer sobre as naturais, estabelecendo-se o primado do mundo da cultura (o mundo produzido pelo homem) sobre o mundo da natureza. Em consequência, o saber metódico, sistemático, científico, elaborado, passa a predominar sobre o saber espontâneo, 'natural', assistemático, resultando daí que a especificidade da educação passa a ser determinada pela forma escolar. (SAVIANI, 2012, p. 7)

Para se construir e valorizar outros conhecimentos educacionais na escola, será necessário repensar o motor que alimenta e indica quais saberes são válidos, e a partir deste entendimento, comprometer-se com a

transformação da forma convencional de aprender. Pode-se até construir outros conteúdos para socializar na sala de aula, inclusive utilizar instrumentos com ideias inovadoras - mas, se não compreendermos que a forma como os conhecimentos são construídos está ultrapassada e inadequada para o tempo em que vivemos, não avançaremos na construção de uma educação transformadora. Becker (2012) diz:

Precisamos criar respostas para compreendermos melhor as relações entre construção de estruturas (operatórias) e capacidade de aprendizagem. O aspecto negativo dessa relação é que não adianta ensinar conteúdos para quem não construiu ainda estruturas de assimilação capazes de assimilar tais conteúdos. O aspecto positivo é que a aprendizagem deve ser organizada na direção da construção das estruturas possíveis naquele momento, isto é, na direção de ações e coordenações de ações e não do treinamento verbal (opção preferida pela escola). Os conteúdos devem estar a serviço do aumento da capacidade de aprendizagem (construção de estruturas realizada pelo desenvolvimento) e não constituir um fim em si mesmo: as estruturas permanecem, subsumidas por estruturas mais capazes: os conteúdos caducam ou são relativizados. Por isso, o ensino deve organizar-se, primeiramente, no sentido do conhecimento-estrutura e só secundariamente no sentido do conhecimento-conteúdo. (BECKER, 2012, p. 40-41)

Contudo, para isto, também precisamos pensar em outras inferências epistemológicas, Nunes (2008) ao fazer reflexões sobre a questão, descreve as discussões de Boaventura de Sousa Santos, e aponta possibilidades de construção de outra epistemologia, talvez, outro olhar sobre a forma de construir o pensamento educacional – (SANTOS, 2010) instiga pensar um conhecimento que seja capaz de contestar o norteamento vigorante com base em uma epistemologia “consagrada”, é construir e aprimorar as bases do saber efervescente, vivenciado nos espaços de resistência, na luta por direitos e outros modos de produção intelectual, o que o autor define como epistemologia do sul, outra possibilidade direcional, possibilidades existentes de rumos e formas de conhecer o mundo numa dimensão imensurável.

O reconhecimento da diversidade das formas de conhecer – uma diversidade cujos limites são impossíveis de estabelecer previamente ao envolvimento activo com essas formas – obriga a redefinir as condições de emergência, de desenvolvimento e de validade de cada uma dessas formas, incluindo a ciência moderna, que passa assim a ser objecto de uma avaliação situada que obriga à “simetriação” radical de todos os saberes. Os critérios que permitem determinar a validade desses diferentes saberes deixam de se referir a um padrão único – o do conhecimento científico – e passam a ser indissociáveis da avaliação das consequências desses diferentes saberes na sua relação com as situações em que são produzidos, apropriados ou mobilizados. A diferença que esta posição apresenta em relação às epistemologias “naturalistas” está na ampliação e transformação da

ideia de que, se só podemos compreender e avaliar os saberes quando os abordamos como práticas, não se compreende por que certas práticas poderão ser excluídas dessa compreensão e avaliação por postularem o recurso a explicações ou interpretações que invocam entidades ou processos que uma forma particular de saber – a ciência moderna – rejeita ou caracteriza como inexistentes. (NUNES, 2008, p. 62-63)

Buscar as bases de sustentação de alguns conhecimentos entendidos como válidos e desmistificar as prioridades dos conteúdos nos espaços educacionais é um dos passos para compreender a origem das influências epistemológicas e contestar a soberania de apenas um conhecimento imposto como válido no ambiente escolar.

Validação que formata inclusive a formação do professor impondo as formas metodológicas com técnicas específicas para o controle e maior produção em sala de aula. Indicação de caminhos como se tratasse de uma série de montagem, em que, ao se preparar uma quantidade de professores, se formaria uma quantidade de alunos, que aprenderia certas habilidades e produziria determinados produtos, estes, comercializados e comprados pelos próprios alunos e professores. A ‘roda da fortuna’ retorna girando em uma velocidade estonteante, enquanto nos sentimos como um palhaço no centro do globo da morte com cinco motociclistas em auto velocidade em círculo, volta e revolta em torno da vida. Nas palavras do poeta Alvinho do Riacho<sup>3</sup>: “Colorindo o desespero ele fica alegre”.

Contudo, não será possível adentrar a escola sem questionar o processo de formação deste professor no centro do círculo. É como tentar entender a ação de uma única pessoa no centro do picadeiro, esforçando-se para transformar suas mazelas e em alguns segundos encontrar um gesto capaz de provocar gargalhadas, e, tornar felizes dezenas de pessoas fazendo-as esquecer por alguns instantes que são tratadas no circo da vida com palhaços que riem para espantar a solidão.

O olhar crítico e questionador do professor infere mudanças. No centro da roda seu riso não deve entorpecer – antes, causar reflexões! Um riso inspirado no quadro Mona Lisa<sup>4</sup> de Leonardo da Vinci, um ponto de partida

---

<sup>3</sup> Álvaro Pinheiro Perez, poeta e escritor soteropolitano. Viveu mais de 30 anos na região entre Saúde e Senhor do Bonfim escrevendo sobre arte e vida de um poeta no sertão 1936-2014.

<sup>4</sup> Mona Lisa é uma das mais populares pinturas do artista renascentista Leonardo da Vinci. Também conhecida como Gioconda, foi retratada por Da Vinci entre os anos de 1503 e 1506. É uma pintura em óleo sobre madeira de álamo e esta exposta no Museu do Louvre em Paris.

para uma gargalhada de extrema felicidade nos momentos das conquistas individuais e coletivas em nome da transformação social, nas aprovações e mudanças de uma escola que será capaz de aceitar o ser humano com toda sua inteireza. No entanto, só o fará em conformidade com outros atores numa luta de classe.

A luta na educação, em relação à formação do professor não é para que este resolva sozinho todas as questões de sua sala de aula. O professor deve buscar aliados para que em uma luta conjunta alcance objetivos traçados coletivamente, de acordo com McLaren (2002) se os movimentos se organizarem por interesses mútuos, talvez se fortaleça para a conquista e transformações, visto que:

Uma pedagogia revolucionária da classe trabalhadora procura reconstruir ideias revolucionárias formando alianças com grupos e comunidades entre os grupos da classe trabalhadora, das feministas, dos gays, das lésbicas, das minorias e dos indígenas. (MCLAREN, 2002, p.99)

Acreditamos em uma educação revolucionária, que estimule a construção do conhecimento com base na força da experiência vívida, capaz de iluminar, colorir as cores da vida, uma educação da garra, a partir das compreensões freireanas. É nesta perspectiva que acreditamos ser possível alcançar melhorias na educação dos povos em situação itinerante, principalmente se buscarmos entender a educação numa perspectiva de direito construído, e, como conhecimento que se constitui em espaços diversos.

Alguns autores teimam em denominar o aprendizado de conteúdos não escolares, em espaços associativos, movimentos sociais, ONGs etc. como sendo educação informal. Achamos que essa terminologia e classificação é incorreta, pois trabalha-se com um paradigma bipolar onde existe apenas dois tipos de aprendizagem: o escolar e o não escolar. Tudo o que ocorre fora dos muros das escolas é pensado como aprendizagem não escolar e perde seu caráter de educação propriamente dita. (GOHN, 2011, p.108)

Aqui optamos por discutir o papel da educação escolar, pública gratuita e de qualidade como ferramenta de transformação social, visto que o objeto deste estudo refere-se à escolarização de pessoas em situação itinerante, especificamente os circenses, que têm suas condições de desenvolvimento educacional escolar formal comprometido pelas dificuldades e natureza própria de seu modo de vida.

Alguns circenses dizem: “chega uma hora que a gente precisa optar, porque fica difícil estudar com tanta dificuldade. Como posso fazer um curso superior? Só se eu parar com o circo”. Ainda assim, não optamos por uma bipolaridade como descreve Gohn (2011), defendemos a ideia de valorização dos saberes escolares como direito de acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade, e, convivência social das pessoas em situação de itinerância com outras pessoas em condições sedentárias - a troca e construção de conhecimento a partir destes lugares coadunam informações e saberes desenvolvidos em espaços formais com outros construídos de forma ubíqua e atende ao que diz o II item do Parecer CNE/CP nº: 2/2015 sobre as - diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério, em que apresenta proposições e diz:

[...] a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; a valorização da experiência extraescolar; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino; (BRASIL, 2015, p.21)

As discussões seguem em torno da ampliação do acesso e permanência na educação escolar, valorizando também experiências desenvolvidas fora da escola. A situação de itinerância dos circenses em uma vida culturalmente nômade possibilita a construção de outros saberes numa formação multicultural. Ao compreender a complexidade e a valoração, nesta perspectiva, a escola pode contribuir para que o repertório se amplie garantindo desenvolvimento intelectual, respeitando as diferenças existentes. Para Candau (2008) a educação precisa valorizar o desenvolvimento e reconhecimento do outro para que se fortaleça o diálogo e o respeito às diferentes culturas.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. (CANDAU, 2008 ,p.52)

O circo itinerante como empresa de entretenimento, como modo de vida e como arte é feito de pessoas que ao estarem inseridas em determinada cultura tem o direito de acesso e permanência as mais variadas formas de expressão. O conhecimento produzido pela humanidade é um direito universal e a educação é um direito inalienável.



### **1.3 Entre o trapézio e a rede**

Para a segurança do artista e conseqüentemente maior desenvoltura por sentir confiança atirando-se no ar, a rede estimula o acrobata trapezista alcançando o sonho do filho de Dédalo. No circo a vida é apresentada com elementos do fascínio coletivo, no qual o próprio sentido da vida se refaz. Após o espetáculo, cai o pano, a lona vai descendo aos poucos e o cortejo segue levando sorrisos e lágrimas de saudade. Junto com o circo vão-se seus artistas e seus filhos, e, com esses, lembranças dos poucos dias que passaram com novos colegas e professores. Na próxima parada, nova escola, novos colegas e mestres; quase tudo igual, porém, o ritual modifica quando falta um documento, um comprovante ou um simples memorial que descreva o desenvolvimento educacional do aluno.

São tantas as questões e mais uma vez o circense vai depender da boa vontade dos funcionários da escola para não precisar acionar, o conselho tutelar ou o ministério público, para garantir o direito de acesso e permanência na escola. Disse o trapezista do circo Uga, Uga: “não adianta brigar, porque você coloca a criança na escola e no momento das atividades a professora te ignora. Já aconteceu com a gente”. Não é uma tarefa simples, foi preciso compreender as relações entre os circenses e as escolas e numa escuta sensível tentamos perceber os problemas das escolas e dos circenses, para juntos desenvolver metodologias para um atendimento mais adequado e um acompanhamento com maior equidade.

Uma vida itinerante torna os sujeitos em aprendentes onipresentes, seu aprendizado não depende de um espaço sedentário definido de forma específica para desenvolver suas habilidades, o espaço de formação do

circense itinerante é movediço e adapta-se às diversas situações do cotidiano, encontrando em cada pessoa e diferentes linguagens elementos que aos poucos agrega ao repertório linguístico e gestual, simples ações transformam-se em recursos para o espetáculo e na próxima paragem recomeça. De acordo com (GOHN, 2011), e de maneira mais abrangente podemos dizer que a educação dos circenses itinerantes acontece informalmente, em modalidades não-formal; formal; escolar e ubíqua, apresentando este conceito como mais uma possibilidade a partir de (SANTAELLA, 2010), quando afirma que:

Quer dizer, e esta é a tese que pretendo aqui propor: cada uma das formas de aprendizagem apresenta potenciais e limites que lhe são próprios. Por isso mesmo, a educação a distância não substitui inteiramente a educação gutenberguiana, assim como a aprendizagem em ambientes virtuais não substitui ambas, tanto quanto a aprendizagem ubíqua não é capaz de substituir quaisquer dessas formas anteriores. Ao contrário, todas elas se complementam, o que torna o processo educativo muito mais rico. (SANTAELLA, 2010, p.21)

Assim, para entender como acontece a formação escolar de circenses itinerantes, foi necessário compreender que as modalidades educacionais podem se complementar ampliando as possibilidades do aprendizado. Selecionar uma educação unívoca fragmenta e, não atende um acompanhamento qualitativo hierarquizando conhecimentos em um currículo gradeado. Porém, para construção de saberes específicos de uma modalidade formal de educação para circenses itinerantes, parece necessária intervir e garantir um acompanhamento, já, que os circenses de pequenas companhias estão em constante movimento e, nem sempre tem acesso a modalidades de educação com auxílio de tecnologias móveis ou com conexão online contínua para um acompanhamento caracterizado como educação ubíqua. Santaella (2010) diz que os,

Processos de aprendizagem abertos significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes e que são possíveis porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. Por meio dos dispositivos móveis, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. É para essa direção que aponta a evolução dos dispositivos móveis, atestada pelos celulares multifuncionais de última geração, a saber: tornar absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento. (SANTAELLA, 2010, p.19)

Do ponto de vista educacional, os avanços tecnológicos parecem ser a tábua de salvação para quem não dispõe de tempo para permanecer em espaços fixos e formais de educação. Seriam as novas tecnologias as ferramentas adequadas para o acompanhamento, avaliação diferenciada e certificação das habilidades educacionais em áreas específicas para pessoas em situação itinerante.

Embora a promessa das novas tecnologias, em particular da educação à distância, seja a universalização da educação de alto nível, a possibilidade de personalização do currículo, de estudo no próprio ritmo, sem deslocamentos físicos; o que observamos é que, além de não serem promessas novas, não parecem tocar no ponto principal: mudar o jeito de aprender para que, entre outras coisas, o aprendizado seja mais inclusivo. A simples industrialização de produtos educacionais convencionais, adicionados de animações ou conversa eletrônica, certamente vai continuar beneficiando a pequena elite que pode fazer uso deles. No entanto, se entendermos a educação como algo que deve partir da realidade do aprendiz, no sentido de Paulo Freire, vislumbraremos outras possibilidades mais inclusivas (porque tratam dos problemas que são importantes e familiares para as pessoas) e menos massificadoras. A maior perversidade reside no uso comercial que se tem feito de tudo isso, com o objetivo de atender à demanda já providencialmente criada pelo pânico da desatualização profissional, pela necessidade de treinamento constante etc. (BLIKSTEIN e ZUFFO, 2003, p.32)

A preocupação dos autores é pertinente, ao se avaliar mesmo de forma superficial o sistema educacional na atualidade, percebe-se o distanciamento entre as novas tecnologias e a prática educativa na escola. Em relação à educação com o auxílio de tecnologias moveis entre os circenses pode ser uma possibilidade, visto que o acesso a bens culturais como celular e computador portátil vem crescendo entre as camadas sociais menos favorecidas economicamente. Durante a investigação mantivemos o contato com alguns circenses, acompanhando seu itinerário com o aplicativo WhatsApp. Porém, precisa-se antes de optar por essa possibilidade, compreender que uma companhia de circo, culturalmente consagrada e bem estruturada, mantém espetáculos em vários continentes e apresentam shows, cujo custo elevado para montagem, obriga a cobrança de ingressos com preços não acessíveis à maioria da população de baixa renda. Uma empresa neste porte teria possibilidade de manter equipamentos de alta definição para um acompanhamento mais eficiente, ousando a criatividade ao se utilizar outras linguagens para auxiliar no ensino e conseqüente aprendizagem dos estudantes, como vídeo, imagens, jogos online etc.

Os circenses itinerantes integrantes de grandes companhias podem ter acesso a bens culturais inovadores, tanto pelos valores salariais que possibilita pagar pelos bens de consumo desejáveis, quanto pelas possibilidades de conectividade já que se apresentam em grandes centros urbanos. Não se esquecer de uma base educacional solidificada, já que as grandes companhias podem pagar por um acompanhamento educacional personalizado para os artistas e seus filhos que nas cidades ficam em hotéis ou apartamentos alugados. Este não é o caso dos circos pequenos. Como diz o compositor baiano, Batatinha<sup>5</sup>,

Todo mundo vai ao circo/ Menos eu/ menos eu/ Como pagar ingresso, se eu não tenho nada/ Fico de fora escutando a gargalhada/ A minha vida é um circo/ Sou acrobata na raça/ Só não posso é ser palhaço/ Porque eu vivo sem graça.

As grandes companhias de circo apresentam espetáculos com alto nível tecnológico, um elenco com atletas e artistas atuando em sincronias inimagináveis para o homem comum. Montagens que dependem de complexas estruturas mecânicas, de equipamento sonoro e de iluminação avançados. Para manter os espetáculos em cartaz, os produtores precisam nutrir uma estética acessível ao gosto apurados dos bem educados e abastados filhos das classes mais favorecidas economicamente, inovando e contratando artistas hábeis e de excelente nível profissional.

Para tanto, as companhias oferecem salários e estruturas favoráveis à vida itinerante, garantindo inclusive escola para os filhos dos artistas, um exemplo é a companhia Cirque Du Sulei (2016) empresa canadense referência mundial em entretenimento. Em relação às condições gerais de trabalho encontramos no site oficial da empresa alguns tópicos para análise, o texto diz:

Em geral, oferecemos a nossos artistas contratos de um ou dois anos com salários extremamente competitivos. Normalmente, pode prever um período de treinamento de, em média, 12 horas por semana. O alojamento é fornecido em quarto privado em um hotel. O ajuste de auxílio de custo de vida é fornecido. O acesso à escola (programa próprio do *Cirque du Soleil*) é fornecido gratuitamente para os filhos dos artistas. Após um ano, os artistas têm acesso ao nosso Programa de Assistência Educacional para a continuidade dos estudos (exceto para aulas de inglês como segundo idioma). Geralmente, nossos espetáculos de turnê na Grande Lona são realizados entre 300 a 350 vezes por ano.(CIRQUE DU SULEI, 2016)

---

<sup>5</sup> **Batatinha**. Oscar da Penha 5/8/1924 Salvador, BA 3/1/1997 Salvador, BA. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/batatinha>

Como padrão de excelência técnica e econômica, e, pelo nível de propaganda e atuação na área, podemos supor o quanto companhias neste nível arrecada financeiramente, possibilitando investimentos na qualidade artística, técnica e profissional. Garantir atendimento educacional de qualidade para os filhos dos artistas é no mínimo uma obrigação da empresa.

A atividade itinerante do artista circense o obriga a seguir os passos de sua arte. Tem sido assim desde os primórdios, e os registros comprovam suas andanças. De acordo com Ermínia Silva (2009),

A partir do final do século XVIII e início do século XIX, na América do Sul, registra-se a chegada de famílias europeias compostas por artistas circenses. Alguns chegaram como artistas ambulantes que se apresentavam nas praças, feiras, mercados, festas populares ou religiosas; outros eram contratados por empresários para se apresentarem em teatros. A abordagem de qualquer período da história do circo mostra como os circenses foram influenciados e influenciavam as mais diferentes formas artísticas. (SILVA, 2009, p.48)

O circo espalhou-se pelo Brasil, e entre nós do semiárido, estas artes desenvolveram-se com uma estética sertaneja guardando a herança do grotesco, do rústico, características de uma arte popular com cheiro do nosso torrão, um jeito nordestino de arte circense, uma adaptação das formas europeias com elementos da cultura desenvolvida no nordeste, como as personagens cômicas dos folguedos, do mamulengo, do mambembe ou o humor cotidiano de “uma gente que ri quando pode chorar e não vive apenas aguenta<sup>6</sup>”. Albuquerque Júnior (2009), ao falar do teatro de Ariano Suassuna, diz que,

o teatro de Ariano encena um Nordeste teocêntrico, feito de vidas simples, primárias, risíveis e, ao mesmo tempo, em busca da transcendência e de encontrar respostas para a questão da ontologia do mundo, da vida. Um teatro em que a sociedade humana aparece como farsa, um espetáculo circense em que todos são palhaços. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.189)

Para muitos circenses “o palhaço é a alma do circo”, este profissional traz em sua bagagem as marcas do dia a dia, transforma sentimentos e impressões em gestos e longe de clichês, a ironia do movimento grotesco, exagerados, debochado estimula a liberdade para um riso, um alívio para as marcas endurecidas pelas autoimposições e conflitos ao qual nos atrelamos em uma formação contemporânea “civilizada”. Na escola a criança que

---

<sup>6</sup> Maria, Maria – Milton Nascimento

espontaneamente sorrir, pejorativamente recebe alcunha de palhaço e, “el payaso, asociado durante muchos siglos a la figura del mimo, forma parte del teatro y el teatro es casi tan antiguo como el próprio ser humano”. (JARA, 2000, p. 27)

Esta forma de expressão e construção cênica que é o teatro, com a presença da arte do palhaço, movimenta o campo das subjetividades humanas, na constituição de imagens, autoimagens, individual e coletiva, a arte do palhaço desperta a consciência encontrando confiança ao se compreender que as amarras dos costumes aprendidos inclusive na escola funcionam como ligas do pensamento e da língua. E como diz Boal (1991), o teatro é “um instrumento importante na construção das identidades numa perspectiva cultural e social”. Para o autor, quando as pessoas reconhecem características próprias em determinadas personagens, a arte cênica as toca com mais intimidade.

A chegada do circo excita a criançada, sua montagem como elemento artístico, plástico, visual, faz parte de uma performance encantadora no imaginário das crianças que percebem na montagem um mundo de sonhos, em que coisas impossíveis do ponto de vista material podem ser executadas. Falta aos espaços de formação de professores este entendimento, para ampliar a formação, possibilitando que os licenciando de forma geral tenham acesso a saberes artístico a exemplo do citado acima, encontrando neste conhecimento, caminhos metodológicos para compreensão coletiva de outros saberes na escola.

São todas estas questões que nos inquieta em um eterno devir, um rebuliço intenso na consciência fortalecendo o desejo de mudança de uma sociedade que caminha a passos largos para o abismo da existência humana e parafraseando Arroyo (2011) desumanizando ainda mais os desumanizados. Contudo, tratamos aqui dos pequenos circos itinerantes e de uma gente andante que perambula de “déu em déu” levando alegria e arte para os moradores sedentários em lugares muitas vezes inóspitos, afastados de centros urbanos e outros lugares em que seja possível o acesso as Artes Cênicas, falando-se do ponto de vista mais convencional.

O fato de manter-se em itinerância impossibilita a estes circenses uma vida convencional com acesso e permanência a serviços públicos básicos e, se os profissionais destas áreas não compreenderem, fica mais difícil romper com

preconceitos e estereótipos contra as pessoas em situação de itinerância. Sobre a atividade itinerante na atualidade na Europa, Sequeira (2013), diz o seguinte:

Mas, hoje, a frenética necessidade de desbravar as terras prometidas da globalização veio oferecer oportunidades novas à *itinerância* como modo de vida, fenómeno social potenciado, na Europa Comunitária, pela liberalização da circulação de cidadãos. O número de indivíduos que integram essas comunidades, nas suas diversas tipologias, na Europa dos vinte e sete Estados, está hoje estimado em mais de um milhão. (SEQUEIRA, 2013, p. 9)

Em se tratando da educação formal dos itinerantes, em pesquisa realizada em Portugal, o autor revela um quadro semelhante ao vivido pelos circenses itinerantes no Brasil.

São muitas as crianças que, por causa do trabalho dos pais, se veem obrigadas a constantes deslocações, o que supõe o seu afastamento de um ambiente escolar adequado e a manifesta dificuldade de continuar a escolaridade em condições de igualdade com as outras crianças, situação condicionada pela actual legislação educativa. (SEQUEIRA, 2013, p. 9)

É possível observar que o problema da escolarização para pessoas em condições itinerante, também aparece em Lisboa como indica Sequeira (2013, p. 10) “De acordo com a contagem possível, realizada pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), em 2007, terão sido referenciados 252 alunos itinerantes, matriculados entre o pré-escolar e o 3º ciclo, que chegam a mudar de escola dezenas de vezes em cada ano lectivo.” A grande dificuldade atualmente é garantir o acesso e permanência na escola, haja vista as dificuldades de convivência das crianças com os colegas e o acompanhamento sistemático das atividades ficam prejudicados pelo deslocamento constante. O autor, também descreve que existe a,

Falta de articulação entre o ensino formal e a aprendizagem familiar: mais do que uma tradição, a aprendizagem familiar parece constituir um mecanismo de coesão grupal, horizontal enquanto abre espaço à participação direta da criança na economia familiar e começa a garantir o seu estatuto de produtor de riqueza dentro do grupo/empresa, e vertical porque estabelece pontes geracionais na continuidade do exercício das competências e habilidades artísticas que distinguem o nome da família, reproduzindo e perpetuando o seu estatuto social. (SEQUEIRA, 2013, p. 15)

Diante disso, a criança circense em situação de itinerância sofre mais ainda por não se enquadrar nos moldes impostos pela educação sedentária, onde o conhecimento adquirido no circo não é visto como válido. As dificuldades em manter-se, obriga as famílias circenses a buscarem outras

alternativas e desejam outro modo de vida para seus filhos, segundo Sequeira, (2013, p. 15) “Para as famílias circenses, começa a ser inevitável preparar o futuro dos seus filhos, também abrindo-lhes novas janelas de oportunidade, de que supostamente seria garantia o ensino escolar regular”.

Deixar a itinerância por uma questão pessoal passando a ser sedentário é um direito da pessoa, contudo, fazê-lo por obrigação contra sua própria vontade, infelizmente tem sido o mais comum entre os circenses que desejam oferecer uma educação escolar regular para seus filhos. Disse-nos uma dançarina do Weverton Circo: “eu precisei parar com o circo para minha filha estudar. Ela adora o circo e quando estão aqui por perto, ela vai se apresentar no fim de semana e nas férias é o tempo todo no circo”.

Diante do problema, poderia se pensar que o mais adequado seria a criação de uma escola também itinerante como fazem as grandes companhias circenses. Mas, como mantê-la? Outra proposta seria uma escola aos moldes da proposta efetivada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que segundo Camini (2009):

A sua escola participa da vida do acampamento e o acampamento está nela, ajudando a pensa-la, tem respeito por eles e pela classe trabalhadora. Esta se propõe ser um espaço para que os educadores estudem, tenham senso crítico sobre os livros didáticos, embora possam utilizá-los quando não há outro recurso. Uma escola onde a teoria e a prática caminhem juntas, porque o mesmo coletivo que a planeja, também a faz. (CAMINI, 2009, P. 180)

Ao analisar a proposta da escola itinerante do movimento dos trabalhadores rurais, compreendemos que, assim como a escola itinerante do MST acompanha o movimento e se propõe a ser um espaço para que os educadores estudem e planejem para a construção de uma escola onde o “coletivo que a planeja, também a faça”, este seria o modelo mais adequado para se garantir o conhecimento escolar paralelo ao conhecimento tradicional transmitido pela família circense.

Contudo, os educadores da escola itinerante do MST são formados no movimento, tendo como base, uma perspectiva de trabalho coletivo desenvolvido em uma modalidade de educação no campo, extremamente ligada à área de interesse. Diferentemente dos circenses itinerantes, os quais não participam de um movimento político/econômico/social institucionalizado e seus pares muitas vezes pouco sabem em relação aos procedimentos

didáticos e pedagógicos relacionados ao conhecimento escolar formal, ocorrendo dois grandes problemas.

Primeiro, para atuar como docente é preciso uma formação específica, e, no caso de acompanhamento de uma atividade itinerante como o circo, será necessário muito mais que um bom salário e estrutura adequada para implantação de uma estrutura educacional compatível com a realidade vivida pelos circenses. Uma escola circense itinerante articularia os conteúdos formais da educação escolar, com os saberes tradicionais e específicos do circo. Contudo, os estudantes ficariam segregados, impedidos de conviver com outras pessoas restringindo-se a sua rede de relações, negando-lhes o direito de convivência social principalmente pelo número de crianças existentes em cada pequena companhia de circo.

Segundo, construir e manter uma escola itinerante exige recursos financeiros, e, como pagar para que uma proposta semelhante acompanhe o circo, fazendo, quiçá uma articulação entre a escola do circo itinerante e a escola sedentária em cada cidade. Quantas escolas seriam necessárias para garantir acessibilidade e permanência das pessoas em situação de itinerância? Quem as manteria e qual a fonte dos recursos utilizados para esta finalidade? Diante da realidade econômica e das condições de trabalho, os circenses itinerantes, principalmente das pequenas e médias companhias não dispõe de recursos para financiar tal proposta. De acordo com o que foi mencionado, buscamos respostas para nosso questionamento e entendemos que não é uma proposta viável.



#### **1.4 Respeitável público, o que fazer com essa gente de circo?**

“Quando a arte se veste do tecido mais gasto é que melhor a reconhecemos como arte”  
Nietzsche.

Ao se pensar em educação convencionam-se atribuir aos espaços escolares a função de educar. Para Forquin, (1993) a crise na educação desde os anos sessenta está na transmissão de conhecimentos culturais e que os professores não têm certeza do que ensinar para seus alunos, Demo (2004, p.91) diz que a “a ideia crucial é montar em sala de aula não aula, mas ambiente de aprendizagem reconstrutiva política. A participação ativa do aluno

é a razão de ser, desde o início até o fim”. A forma como a escola tradicionalmente está estruturada, mantém a existência de uma hierarquização desde as vozes oficiais representadas pelos gestores administrativos, as organizações pedagógicas e os professores, estes, na sua maioria, cumpridores de suas funções como ministradores de aulas, selecionadas por tempo, espaço e conteúdo específico para cada faixa etária. Compreender o sentido de aula segundo Xavier e Fernandes (2011, p.227) “aula: a relação entre quem ensina e quem aprende e o conhecimento como mobilizador nos processos de ensinar e aprender em espaços convencionais ou não convencionais”. Contudo, sem uma participação paritária professor/aluno não só na sala de aula, a articulação entre os conhecimentos construídos na escola impõe-se autoritariamente, inibindo em ambos a liberdade de saber, e de aprender a se refazer.

Diante de salas de aula heterogêneas, diversificada na quantidade e qualidade de informações, o que ensinar e como ensinar? Ainda cabe perguntar, quem deve ensinar? Para Nóvoa (2016) o professor é o profissional da educação e como tal deve ser formado para o exercício da função e manter-se em constante aprendizado durante a prática da docência. O profissional professor desenvolve sua atividade com uma consciência de que, a sala de aula e o conteúdo programático estendem-se para além desta. O que compete ao professor não se reduz a transmissão de conhecimentos aprendidos na graduação ou cursos de aperfeiçoamento em áreas específicas, sua função não se esgota com o cumprimento de um currículo imposto e estabelecido como unívoco e de uma metodologia adequada à consumação de atos afônicos em que cabe ao aluno a recepção passiva.

O professor é um profissional em constante desenvolvimento, a base de sua formação o faz perceber os diversos saberes no exercício de seu trabalho que, ao discernir de maneira sensível uma intervenção por parte de um de seus interlocutores, adapta-se e valoriza as construções de seus pares. Em instantes como este, o seu silêncio é a garantia de uma escuta respeitosa da voz do outro, o que lhe permite analisar as bases epistemológicas dos ditos e não ditos e orientar para maior esclarecimento instigando o interlocutor para o desenvolvimento de suas ideias, isto vem ao caso, quando o dito não é suficiente para o entendimento coletivo da discussão.

A muito se questiona a função social da escola, apontando-a como espaço de depósito de crianças durante o período em que seus pais ou responsáveis precisam trabalhar para manutenção do sistema capitalista de produção, como também de reprodução. Por conseguinte, compreendemos que todo conhecimento humano alinhado com o sistema educacional, pode também contribuir pouco ou muito para uma ação transformadora; vai depender em boa parte da formação e empenho dos envolvidos neste processo, e, nem tanto das leis de obrigatoriedade de currículos e métodos impostos meramente como direitos registrados no “papel” possíveis de “descaso” ou “desobediência” por parte dos profissionais.

Refletir sobre o lugar de quem ensina e aprende, também é pensar o ambiente escolar, considerando-se, entretanto, que o sistema educacional vigente no Brasil enfrenta resistências políticas de várias forças para implementar qualquer modificação na estrutura tradicional, a exemplo da luta salvacionista travada na década de 1930 pelos reformistas e as atuais discussões sobre as questões étnicas, de gênero, política e religião nos currículos atuais. Grupos minoritários vêm mobilizando-se para avançar em conquistas consideráveis para uma possível autonomia inclusive ideológica. No entanto, as elites reacionárias agregam interesses e tencionam o Estado para manutenção dos privilégios de uma classe ainda dominante.

Questionar o que está posto sem bases firmes para a construção de propostas autônomas no sistema educacional é um retrocesso ou uma falácia descomprometida com as mudanças necessária. Mas, grupos mais conservadores com suas pautas fundamentalistas ganham espaço e representação política. Tendo ciência destas questões, será necessário garantir a participação ativa das camadas populares para a conquista de uma educação inovadora. Sendo preciso para tanto, manter uma escuta sensível das propostas dos pais, familiares ou responsáveis pelas crianças nas escolas e inseri-los na pauta das discussões; problematizar as imposições externas, as informações veiculadas nos meios de comunicação hegemônicos e conhecer saberes advindos da base, ouvindo prioritariamente as próprias crianças, para que se possa garantir uma formação integral.

Todavia, torna-se importante lembrar que, conhecer os códigos e vários conhecimentos desenvolvidos pela humanidade em diferentes culturas, lugares

e tempos é ler o mundo como prática da liberdade (FREIRE, 2014). Mas, para isto é imprescindível libertar-se do engessamento de uma educação alienante, o que não é fácil, por serem estes saberes selecionados para desconsiderar conhecimentos prévios e principalmente, vendar a maioria das pessoas deixando-as inertes diante das manobras das elites conservadoras.

Diante do pessimismo contemporâneo parece démodé a ideia de organizar-se em movimentos de classe como os trabalhadores sem terra. Contudo, se homens e mulheres respeitando mutuamente as construções políticas, espirituais, de gênero e formação étnica; veremos o curso que indica o princípio da liberdade.

Assim, coadunamos com (READ, 2014, p.339) quando diz que “[...] introduzir um método educacional democrático é a única revolução necessária”. Porém, entendemos que esta revolução custa caro para os espíritos de pessoas inquietas e confiantes no conhecimento como direito social. Estes sujeitos, mesmo sofrendo injúrias pessoais por defender interesses coletivos, ainda assim, permanecem lutando, confiantes no que McLaren (2002) afirma sobre uma pedagogia revolucionária, em que segundo o autor:

A pedagogia revolucionária não é integrada à ideia pós-modernista de que a agência autêntica foi ultrapassada pelos sistemas de mediação simbólica, que criam desejos que só podem ser falsos ou alienantes. Ao contrário, educadoras e educadores revolucionários permanecem leais ao desenvolvimento do sujeito responsável, auto reflexivo, e apoiam a noção de que o autoconhecimento pode levar a autodeterminação e, eventualmente, à práxis revolucionária. A pedagogia revolucionária não é uma questão de obter controle do “sempre já”, mas é uma questão de luta e de transformação das condições que delimitam os horizontes da vida diária e que proíbem a aquisição das necessidades materiais, que possibilitariam uma vivência decente e justa para todas as pessoas do mundo. Algumas vezes, esta luta clama por resistência armada e oposição. Algumas vezes, clama por negociação. (MCLAREN, 2002, p.107)

Acreditar na ação e na transformação por meio do autoconhecimento e da autodeterminação é crer na luta por direitos sociais é recuperar a confiança em si mesmo. De forma democrática, o conhecimento garante produzir outros valores que não sejam os carregados especificamente com a ideologia homogênea imposta como válida. Mas, infelizmente ainda persiste a ideia de que os saberes já estão postos; que a seleção do que deve ser ensinado já está determinado e a possibilidade de refazer-se se distancia da realidade de quem poderia contribuir muito para o fortalecimento das relações políticas que

podem garantir o direito de todos os grupos sociais, uma vez que, não aleatório, muitos destes grupos permanecem à margem das decisões “coletivas”.

Os circenses itinerantes de pequenas companhias fazem parte da marginalia, estão à margem das políticas públicas. Mas, as dificuldades para realizar suas atividades não os impede de enfrentar as barreiras para apropriarem-se dos conhecimentos produzidos culturalmente. Neste sentido a educação escolar pode garantir maior acessibilidade ao marcar a presença das artes circenses na educação básica, pensando sobre a dimensão cultural dos povos itinerantes e questionando o porquê da validade de uma educação homogênea.

No enfrentamento para alcançar direitos, as pessoas se apropriam e lutam para vencer as estruturas precárias em que vivem. No caso dos circenses itinerantes de pequenas companhias, a precariedade está presente desde o transporte; montagem, manutenção dos equipamentos e apresentação de seus trabalhos. A vida itinerante das médias e pequenas companhias de circo é muito exaustiva para sobrar-lhes tempo para articulação coletiva e fortalecimento político pleiteando espaços representativos no governo. A defesa de seus direitos, com raras exceções, acontece de forma assistencialista. Os pequenos circos, muitas vezes comparados ao “patinho feio das artes”, deslocam-se de cidade em cidade em defesa de sua arte, no entanto as necessidades e precariedades materiais a torna esteticamente frágil diante dos olhares criteriosos e alienantes da maioria do respeitável público.

A atividade itinerante permanece e com ela a beleza da arte, o circo adapta-se sempre se transformando como reflexo da própria sociedade. Mas, as dificuldades cotidianas não cessam e o repertório tende a se desqualificar acompanhando o retrato de uma sociedade bestificada, a reproduzir compulsoriamente e com poucas reflexões uma caricatura massificada das tendências midiáticas, copiando inconscientemente ou não, um discurso racista, sexista, homofóbico e xenofóbico. O retrato de uma cultura de ódio contra si, velado sob o manto da liberdade de expressão em um riso entorpecido pela oligofrenia cultural estimulada pela intolerância em todos os níveis.

Não basta acesso à educação, é imprescindível uma formação continuada em que os professores possam ultrapassar os muros da escola, os limites dos conteúdos impostos no currículo e contribuir para que o sistema educacional agregue conhecimentos construídos em outros espaços de educação de forma equitativa.

Lamentavelmente a convergência educacional, demonstra repetição das manobras autoritárias, afastando da escola o respeito à diversidade, impondo aberrações como escola sem política, intolerância étnica, religiosa e de gênero. Uma agressividade contra uma tendência libertária presente em narrativas que, revelam casos raros em que professores de pequenas cidades e de escolas periféricas, muitas vezes, apontados por seus pares como irresponsáveis, exibicionistas ou simplesmente embusteiros do conhecimento, adaptam seus programas e propõem atividades de campo orientando a turma quando da matrícula de crianças em situação de itinerância, especificamente as circenses. Aproximações primárias do lócus da pesquisa, indica o que alguns disseram fazer para ampliar o conhecimento da turma sobre outras culturas como a do circo.

O relato de uma professora descreve que a atividade realizada com sua turma consistiu da visita ao circo. *Embaixo da lona*; contam histórias, ouvem os artistas e principalmente a criança circense. Os alunos, muitas vezes são convidados pelos artistas circenses a experimentar os aparelhos e alimentar os raros animais existentes que após a perseguição com leis que proíbem apenas animais nos circos. Estes, em sua maioria, cachorros, bodes ou macacos amestrados. Em relação ao uso de animais em apresentações artísticas em circo, os circenses desejam que haja regulamentação e não proibição, uma vez, que as proibições se restringem aos circos.

Aparte isso, no retorno para a escola, à professora relata que estimula os comentários e discussões sobre as atividades com, feitura de redações, memorial e leitura demonstrando as impressões pessoais sobre as novas descobertas. Neste ínterim, salvo raras exceções, constatam os professores, que o pequeno “herói”, (criança circense) que anda sobre um arame a mais de quatro metros de altura, gira no trapézio e faz acrobacias equilibrando-se em superfícies instáveis - não conseguem transferir para uma superfície plana as

suas memórias em forma de texto escrito, e, quando o faz, não decifra os códigos por ela escritos ou desenhados em garatuja.

O relato da professora demonstra que um dos fatores para o “fracasso” escolar da criança apresenta-se no acompanhamento das atividades. Por mais comprometida/o e empenhada/o a acompanhar o novo aluno, são poucos os avanços da/o mestra/e, que ao avaliar os pequenos passos da criança no sentido de entendimento das regras sistemáticas das linguagens e códigos desenvolvidos na escola, constata no dia seguinte que o assento vazio faz parte do ritual sem despedidas de uma criança que segue por linhas que se afastam do caderno.



## CAPÍTULO 2 - O MASTRO

No circo, o mastro sustenta todos os aparelhos aéreos, as lonas etc. A confiança na segurança do mastro é garantia de proteção para as famílias circenses que, sob a lona conservam a arte e a própria vida. Uma analogia com o presente estudo, o mastro-metodológico que a sustenta é de abordagem qualitativa, dialética, participante, uma vez que o foco da pesquisa realizada manteve-se na luta por direitos e que segundo Gil (2008):

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos. (GIL, 2008, p.14)

Nesta perspectiva, os passos para entender as mudanças ocorridas e os fenômenos das transformações no âmbito social, tornam-se precisos a partir do diálogo franco entre os envolvidos na pesquisa. Gil (2008, p. 31) diz que “a dialética procura captar os fenômenos históricos, caracterizados pelo constante devir”. Os sujeitos e suas vivências imbricados para resolver os problemas agregam mudanças a partir da participação. A inspiração para a realização da pesquisa e o desenvolvimento do presente trabalho se fundamentou em

discussão realizadas por autores como Creswell (2007), no que denomina de alegações de conhecimento reivindicatórias/participatórias ao dizer que:

Historicamente, alguns escritores reivindicatórios / participa-tórios (ou emancipatórios) se basearam nos trabalhos de Marx, Adorno, Marcuse, Habermas e Freire. [...] Além disso, é necessário abordar questões específicas que falem sobre aspectos sociais atuais importantes, como delegação de poder, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação. O pesquisador reivindicatório sempre começa com uma dessas questões como ponto focal de pesquisa, a qual também supõe que o pesquisador vai proceder colaborativamente, para não marginalizar ainda mais os participantes em resultado da investigação. (CRESWELL, 2007, p. 27)

As questões pessoais movem o interesse e em uma pesquisa do tipo qualitativa o envolvimento é inevitável, o pesquisador compromete-se com o objeto estudado consciente ou não, sua subjetividade aparece no processo, principalmente, quando a transformação da realidade pesquisada tem características que influencia diretamente no campo da pesquisa. Ao tratar sobre a pesquisa qualitativa em educação, Anedón (2005) diz que:

Estas características precisas têm por corolário o sujeito, a consideração da subjetividade do pesquisador e dos participantes, a valorização das experiências e das potencialidades dos sujeitos e a valorização das pessoas implicadas para uma tomada de consciência das suas próprias capacidades. (ANADÓN, 2005, p. 33-34)

A pesquisa de tipo qualitativa em educação enriquece o campo das investigações, porém, os resultados analisados pelo pesquisador necessitam de equilíbrio devido à aproximação com o objeto, o que, requer desse, maior atenção e rigor ao analisar os dados. Brandão (1985, p.11-13) afirma que “Quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história.”

Para Lüdke e André (2014), “igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador”. As autoras corroboram para uma orientação de forma lucida com compreensão metodológica em busca de solucionar as questões investigativas.

Para maior autenticidade na pesquisa participante, os dados construídos precisam retornar para comprovação por parte dos participantes da pesquisa, o que pode ganhar novas dimensões a partir da análise crítica do sujeito

pesquisado, este, pode apresentar outra compreensão sobre sua própria fala a partir da escuta e autorizando ou até mesmo desejar retificar o enunciado. No entanto, é para isto, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994), para alcançar resultados enriquecedores,

Os investigadores introduzem-se e despendem grande quantidade de tempo em escola, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamentos como vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamento e um lápis. Contudo, mesmo quando se utiliza o equipamento, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contato direto. Além do mais, os materiais registrados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento chave da análise. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 47-48)

Os resultados alcançados dependem muito da aproximação e sensibilidade do pesquisador para lidar com os sujeitos participantes na pesquisa e, observar o processo em construção. A compreensão de que ao se buscar respostas para problemas reais vai impactar diretamente no cotidiano das pessoas envolvidas, alimenta esperanças de modificações, principalmente tratando-se de pesquisa participante em que o pesquisador em campo envolve-se com o objeto e os sujeitos no afã de resolvê-los.



## 2. 1 Sobre os braços do porto

Cada membro de uma companhia circense tem uma função e a qualidade estética do espetáculo depende da unidade e responsabilidade individual. O Portô é o profissional que naturalmente sendo mais forte forma em uma pirâmide acrobática a sustentação dos outros acrobatas, ou o aparador em números aéreos (MAVRUDIS, 2011). O fracasso da metodologia pode desmoronar toda estrutura e causar acidentes. Em relação à pesquisa, a eficácia dos métodos que segundo Gil (2008, p. 8) “Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Neste sentido, o método escolhido deve dar conta de montar a estrutura da pirâmide. Ao que, se fazendo uma analogia com o número

circense, o portô como base da pirâmide representa a abordagem metodológica e os acrobatas volantes representam o método e os instrumentos da pesquisa e a performance acrobática os dados construídos.

Com base no mencionado, fomos a campo para compreendermos na prática o que desejávamos saber e intuíamos a partir das leituras. Fomos ao campo investigar in lócus as suposições a respeito da educação escolar formal dos circenses itinerantes e com base nas informações encontradas e construções a partir da própria vivência com o objeto de estudo, observamos de forma participante, realizamos as entrevista, um fórum e um grupo focal.

Foi a partir de todo material construído que nos fundamentamos para criar um produto no intuito contribuir para uma rede de apoio educacional, que garanta o acesso e permanência do artista circense itinerante à educação escolar formal.



## 2.2 Volante

Na acrobacia circense, o artista que é impulsionado ou equilibrado etc. por outro artista chama-se volante, geralmente mais leve que o portô, esse artista desenvolve várias evoluções no solo ou em números aéreos com o apoio do outro. Na analogia, utilizamos como volante para realizar a pesquisa instrumentos como observação participante, análise documental, entrevista, realização de um fórum e grupo focal. Tudo foi gravado, transcrito e analisado. Para tanto, nos baseamos em (LÜDK e ANDRÉ, 2014)

A utilização dos instrumentos na pesquisa participante depende do nível de envolvimento do pesquisador, de forma a sensibilizar os participantes quando necessário a utilização de equipamentos específicos. No entanto, é comum a utilização de métodos de observação, entrevista e análise documental (LÜDKE, 2014, p.)

Utilizamos a entrevista narrativa por entender que é mais adequado para o trabalho em educação, são entrevistas com esquemas mais livres; quanto a observação, seguimos na perspectiva de Moreira (2008, p.201) para quem a observação participante é uma técnica que possibilita ao pesquisador entrar no mundo social dos participantes. No trabalho com o grupo focal, seguimos de acordo com Gondim (2003) “Os entrevistadores de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de

análise é o indivíduo no grupo”. Os resultados foram satisfatórios e muitas discussões iniciadas no fórum tiveram desdobramentos enriquecedores para nosso trabalho.

Contudo, compreendíamos que a suposição poderia nos conduzir ao caminho, mas, foi à própria caminhada quem nos proporcionou muitas das respostas de como prosseguir junto com os principais atores desta investigação entre volteios, saltos e equilíbrio para ouvir, compreender os passos por onde eles têm andado e as dificuldades enfrentadas. Caminhamos junto com circenses e professores e em suas companhias identificamos os passos para auxiliar o trabalho pedagógico.

Para provocar as discussões no grupo focal com as professoras, fizemos um apanhado histórico ainda que limitado para situa-las lembrando pontos tratados no fórum. Algumas discussões sobre o contato com as Artes Circenses no sentido de conhecer sua diversidade e modalidades, em seguida a discussão direcionou-se para os produtores dessa arte. A partir deste momento se instigou a busca para construir um caminho em que as experiências fossem descritas. Em outro momento o material transcrito foi organizado em duas categorias, a saber: dificuldades – indicando os relatos de problemas enfrentados e sugestões – mostrando que é possível realizar atividades para auxiliar os estudantes circenses itinerantes.



### **2. 3 Malabares com palavras e gestos**

A pesquisa a qual nos debruçamos, teve um caráter participante, portanto, não poderíamos alcançar o envolvimento, sem as considerações importantes apresentadas por Creswell (2008, p. 190) em que o autor aponta na pesquisa qualitativa os instrumentos de “observação e entrevista” como sendo os mais adequados para construção dos dados, em nosso caso, com os circenses itinerantes. Como o malabarista ao ser estimulado pelo público explora sua capacidade com movimentos complexos, demonstrando agilidade e pensamento rápido aproveitam os lances com sutileza ao atirar objetos para o ar com habilidade e leveza, o pesquisador precisa ter atenção para registrar expressões, comentários e nuances importantes para a pesquisa. Ficamos

atentos porque foi necessário compreender os ditos, e os não ditos, nos discursos e no lugar de cada participante na pesquisa. Utilizamos a entrevista como instrumento de construção e coleta de dados para auxiliar na investigação de forma contundente; assim, nós aproveitamos ao máximo as considerações das pessoas envolvidas, e foram elas: os artistas circenses, profissionais das diversas áreas como saúde, assistência social, segurança, política, cultura e educação. O elemento instigador para as discussões deste fórum foi a exibição de parte do documentário que foi construído como produto final deste trabalho, o documento apresenta relato de circenses e professores falando das dificuldades e acertos quanto a educação para estudantes itinerantes.

Os grupos de trabalho (GT) do fórum foram os seguintes: GT 1 – A criança circense e a escola; GT 2 – A criança circense e os direitos sociais; GT 3 – A criança e o jovem circense e a itinerância e GT 4 – Como contribuir para a educação de crianças circenses itinerantes. Com os circenses, o interesse foi compreender quais as maiores dificuldades para o acesso e permanência na educação escolar e como este acesso pode ser melhorado. A participação dos atores durante a pesquisa, com conversas entre pais ou responsáveis pelas crianças, as professoras e outros profissionais, contribuiu para se entender as dificuldades enfrentadas por estes a respeito de acessibilidade e permanência a educação formal regular, e foi de grande contribuição para a criação da cartilha sobre o perfil da criança circense no semiárido baiano.

As pistas apareceram quando as pessoas narraram suas vivências e dificuldades para adentra a escola e vencer o preconceito; e as professoras apontaram dificuldades, mas também muita solução para se vencer as situações mais gritantes. Os circenses afirmaram querer continuar estudando sem necessariamente precisar sair do circo ou deixarem sua atividade itinerante. Mas, comparando suas histórias de vida com a literatura específica que trata da escolarização, percebemos como é difícil para os circenses itinerantes manter o interesse pela escola. Nesse sentido, registramos o máximo possível sobre as vivencias das pessoas, e os relatos nos interessa, por ser para elas que buscamos respostas de como permanecer na escola tendo uma vida itinerante. Para isso, seguimos a sequência: observações e

entrevistas, fórum, grupo focal, escrita do documento, transcrição e análise do material, análise da proposta, criação de produto e escrita da dissertação.



## 2.4 Sobre a báscula

A báscula no circo refere-se a um aparelho semelhante a uma gangorra, a qual, os acrobatas utilizam para dar impulso nos números de salto. Na pesquisa os saltos dependem do impulso que os dados construídos no campo apresentam para que o acrobata pesquisador possa dar voos significativos no tocante aos conhecimentos construídos com as técnicas de outros membros da trupe: orientadores, referencial teórico, referenciais metodológicos, participação dos sujeitos pesquisados, resultados do campo e do objeto. As evoluções se alcançam com os movimentos da acrobacia/pesquisa.

Acreditamos que a “báscula” que pode impulsionar a educação escolar formal dos estudantes em situação itinerante é o conhecimento. Conhecer a origem desses alunos é o primeiro impulso e os saltos serão realizados com as atividades sugeridas pelos próprios circenses e educadores que narraram suas experiências. As negativas servem para analisar as falhas modificando-as e as exitosas como exemplo a seguir. Sugestões e leis específicas sobre o tema estarão descritas na cartilha e outro movimento de impulso é o documentário que pode ser utilizado para formação, análise e avaliação. Como também e principalmente conhecer o público trabalhado e suas questões específicas.

Para tanto, visitamos escolas e circos, observamos, realizamos entrevistas e fizemos anotações diversas. Umas, imediatamente pela necessidade do registro, outras após sair do local. Mantivemos o contato durante todo processo da pesquisa, comunicando-se semanalmente com as pessoas, buscando novidades e refletindo sobre a prática pedagógica para criar algum material. Desse modo, foi que percebemos que um dos produtos que é o resultado da investigação seria o documentário. Para realiza-lo contamos com a sensibilidade do fotografo e cineasta Rodrigo Santos que acompanho todo trajeto, fotografando e registrando em vídeo e áudio todos os momentos da pesquisa deixando o pesquisador mais livre para estimular os diálogos com os sujeitos pesquisados. Para o tipo pesquisa realizada,

percebemos também, que um apoio fundamental para o pesquisador, são os serviços de secretariado. Em nosso trabalho, não seria possível no curto espaço de tempo registrar tantas atividades se não contasse com o trabalho dessa profissional; Aina Andrade, acompanhou o trabalho de campo de forma atenta cumprindo o que lhe foi solicitado, garantindo o registro de todas as questões apresentadas pelos coparticipantes da pesquisa.

Além disso, a criação de um documento propositivo servirá de apoio à educação de circenses itinerantes e de outros estudantes em situação semelhante. Esse, será em formato de cartilha, com ilustrações e recortes textuais apresentando leis de apoio ao povo do circo, entrevistas e discussões sobre a educação de criança circense itinerante do semiárido baiano. Semelhante à rede como equipamento do circo, acreditamos que uma cartilha servirá como subsídio de apoio contribuindo para se compreender quem são e como vivem estas crianças, possibilitando uma busca para assegurar-lhe o acesso à informação e procedimentos pedagógicos nos mais variados espaços em que possam estar atuando no exercício de sua atividade.

A ideia principal é contribuir para que as escolas possam acompanhar melhor o desenvolvimento educacional dos estudantes circenses, sabendo a priori, quais suas bases educacionais. O acesso à cartilha vai contribuir para socializar as proposições construídas coletivamente, apresenta um perfil do estudante circense e no ato da matrícula, torna-se mais um documento em que a escola pode recorrer para auxiliar o aluno inserindo-o na série específica.

O material ficará disponível no portal do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade com acesso livre aos interessados. Basta o circense acessar, imprimir, ou mostrar em formato digital no ato da matrícula em escolas que não tenham acesso ao material. A cartilha também apresenta em anexo proposições para orientação das escolas em relação a atividades para adequação do estudante circense a série específica. A proposta não altera a função do professor uma vez que apenas utilizará como referência para suas atividades.

Em entrevista concedida para este trabalho, de acordo com pais ou responsáveis por crianças circenses, uma das grandes dificuldades tem sido receber imediatamente a transferência ou uma simples declaração da escola o que implica na matrícula na próxima instituição. O problema segue

paulatinamente e a cada ano os circenses revivem o conflito de encontrar todas as atividades realizadas para matricular-se em uma nova série.

Precisamos encontrar uma possibilidade de registro oficial das atividades realizadas pelos alunos circenses para que ao seguir para a próxima escola, aquela, tenha um acesso mais preciso sobre o estudante e seu histórico individual para análise do aproveitamento dos procedimentos pedagógicos pensando e criando formas de acompanhamento, como também propondo as próximas atividades para continuidade dos estudos.

Difícil pensar em uma proposta sem riscos, um serviço de atendimento específico pode criar incômodo em outros alunos ou até mesmo entre os estudantes itinerantes. Por tanto, a formação do professor da professora para lidar com a situação é fundamental para que as atividades sejam realizadas e em situações extremas, se possa resolver de forma que os impactos sejam mínimos. Um risco cabível em qualquer modalidade de ensino nos moldes em que o estudante seja obrigado ao olhar “inquisidor” do professor.



## **2.5 Próxima praça novo espetáculo**

O circo como conhecemos hoje, surge como atividade urbana e privada, acessível a poucos privilegiados. Bolognesi (2003, p.31) diz: “O espetáculo da praça transferiu-se para o interior de uma sala e, com isso, foi possível a cobrança de ingresso”. Seus primeiros organizadores souberam unir o rigor militar aristocrática, presente nas apresentações de equitação, com a leveza e comicidade dos saltimbancos e artistas das mais variadas áreas como, acrobacia, malabares, música, dança, teatro, mímica, marionetes, prestidigitação, funambulismo etc. Os artistas ambulantes se adaptam; as trupes e famílias tradicionais de circo se espalharam para além de seu continente e as artes circenses de influência europeia tornam-se referência mundial. Para realização deste trabalho, tivemos custos envolvendo viagens, estadia, despesas com equipamento, profissionais e outros materiais necessários. A natureza do trabalho levou a muitas adaptações com mudanças inclusive no orçamento; contudo, as despesas forma custeadas pelo

pesquisador principal, tendo como fonte o próprio salário. Não interferindo no resultado do trabalho.

O texto agora apresentado, não tem a pretensão de estar pronto. Compreendemos que é uma temática difícil e que as resoluções dependem de muitas outras pessoas para que as mudanças na educação escolar formal de circenses itinerantes se modifiquem consideravelmente. Assim, consideramos o estudo como uma porta aberta e que as contribuições de outros estudos e criação de novos produtos podem contribuir para que se possa desenvolver um apoio educacional para pessoas em situação de itinerante. Assim, aos poucos o trabalho vai se adequando para de fato ser introduzido como contribuição efetiva na área.

Importante salientar que questionamos aos participantes na pesquisa se eles tinham interesse e se acreditavam que o presente trabalho seria relevante para eles. Muitos circenses ainda serão ouvidos para se conseguir uma resposta mais contundente. As pessoas envolvidas na pesquisa afirmaram que este estudo pode contribuir para se inferir ideias a respeito da utilização de instrumentos, que se supõem adequado aos métodos e abordagem sugeridos para a finalidade indicada. Assim, o acompanhamento e a observação contribuíram para entender o objeto. Sabemos que os desafios não são poucos, mas, a cada investida no sentido de desvendar as questões incógnitas, nos fortalece em busca das mudanças efetivas no campo educacional, principalmente da educação básica de pessoas em situação itinerante, foco de nossas investigações.



### CAPÍTULO 3 - GLOBO DA MORTE: UM GIRO NO ABISMO EDUCACIONAL...

O globo da morte é uma estrutura circular confeccionada com tiras de metal aluminizado dentro da qual dois ou mais motociclistas se movimentam simultaneamente (BEND, 2017). A ação realizada pelos globistas (artistas que se apresentam no globo da morte) demonstra habilidade e coragem ao executar manobras radicais em velocidade controlada pelo processo de acelerar e desacelerar o motor em movimentos sincronizados; a quantidade de motos no interior do globo depende da capacidade deste e, das habilidades dos pilotos. A modalidade apresenta perigo e durante a apresentação percebe-se a excitação do público. O número circense comprova mais uma vez a capacidade de adaptação do circo e de sua forma de apropriação das diversas linguagens inclusive as tecnológicas. Mesmo com tantas dificuldades, as pequenas companhias de circo ainda esforçam-se para incrementar os espetáculos agregando elementos atrativos de acordo com o momento histórico e disponibilidade técnicas... Na pesquisa, durante a observação não encontramos esse número nas pequenas companhias visitadas, porém, dois proprietários afirmaram já terem possuído o equipamento, mas, declararam que as dificuldades para o transporte e manutenção da equipe a torna demasiada dispendiosa. A adaptação no espetáculo circense com a introdução de elementos mais cotidianos aproxima o público e no caso do globo da morte, a beleza encontra-se no risco e expertise do artista. Estes, em grande maioria, aprende seu ofício na convivência direta com seus pares através da oralidade. O aprendizado não acontece por meio da educação formal, contudo, um professor ou professora podem encontrar grandes possibilidades matemáticas em uma modalidade circense como a referida acima, assim, como em outros números circenses. Foi o que nos falou uma professora do Colégio Estadual Júlio Cesar Salgado em Senhor do Bonfim:

Lembro-me de um episódio em que um circo chegou à cidade e uma família matriculou um estudante em nossa escola. O garoto fazia sucesso entre os colegas e decidimos levar todos os alunos para uma matinê [...] em um determinado momento o nosso aluno circense

estava apresentando-se no trapézio e uma colega fez o seguinte comentário: “é incrível a habilidade deste garoto no trapézio, que pena que ele não sabe lê”. Eu disse para ela – ele sabe ler sim! Olha a intimidade dele com o aparelho, veja como ele percebe o tempo certo e o ritmo no balanço. Isto é leitura, é matemática. (ENTREVISTA CONCEDIDA EM SENHOR DO BONFIM, 2017)

Desta forma, percebemos que não são todos os professores que conseguem fazer uma relação entre os conhecimentos produzidos fora e dentro da sala de aula. Em relação à adaptação - a estrutura da educação escolar formal na atualidade permanece com características do passado. Segundo Becker (2012, p.17) “no século XIX, na década de 50 do século XX, nesta semana que está terminando ou começando, pode-se entrar em sala de aula e ver que tudo é muito parecido”. Ainda que se tenha uma constante introdução de novas tecnologias educacionais na sala de aula e programas de formação para os professores em todo território nacional, a exemplo do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), a educação escolar formal parece resistente às mudanças. Um adendo à discussão. Sobre estes programas é importante esclarecer que os citamos apenas com o propósito referencial; hierarquiza-los diante de outras iniciativas do sistema de ensino, como também arrolar os benefícios ou problemas das modalidades circenses, pode torna-se atividade demasiada extensa para o estudo e, isto não faz parte do escopo deste trabalho.

No entanto, sobre a estrutura educacional, com a finalidade de açular a discussão que pode contribuir para compreender a estrutura e a oferta com condições de acesso e permanência do artista circense itinerante a educação escolar formal. E, ainda que não nos proponhamos a dissecar estas questões; podemos pensar desde o mobiliário adulto na educação infantil ao edifício construído sem atender as particularidades de sua função; como também, os métodos de transmissão de conteúdos e construção de conhecimentos obsoletos. Questões que também interferem no processo educacional.

Parece-nos, tratar de problemas que se desdobram e atingem a todos os envolvidos no processo educacional, não apenas aos estudantes itinerantes. Também por isto, a importância das reflexões a respeito destes pontos, pois estas contribuem para uma análise das probabilidades de apoio educacional específicos; porque, se não se consegue pensar de forma mais ampla ao

reorganizar questões básicas, quando será possível trabalhar pontos particulares para contemplar os estudantes que necessitam de muito além do básico para continuar seus estudos formais?

A partir destas reflexões percebe-se a necessidade de reformulação dos cursos de formação de professores. É necessário pensar em uma dilatação em todas as áreas do conhecimento para se avançar definitivamente, uma vez que, o alunado assume diversos padrões de comportamento e os formatos pedagógicos não correspondem mais aos anseios dos estudantes e dos docentes. Pode ser uma solução estender o tempo para realização das licenciaturas ampliando os componentes curriculares. Os estudantes de graduação e futuros professores precisam estar dispostos a manterem-se em um curso por mais de cinco anos, mesmo tendo em vista as dificuldades, a falta de estrutura para permanência na universidade e incertezas na vida profissional. Entendemos que o processo de formação só será fortalecido se juntos, professores e estudantes superarem a precariedade na educação.

Numa alusão ao número circense, vamos supor que o motor foi acionado e daremos mil voltas no globo educacional, o que nos leva a pensar sobre esta estrutura e, lembram-nos, que outrora um dos métodos mais aplicados para o ensino era o medo. Muitos professores não construíam uma relação de respeito entre eles e os estudantes, tão pouco estes, conseguiam aproximarem-se do mestre e as relações de afeto ficavam a cargo da dicotomia prêmio/punição. Os docentes valiam-se da palmatória, do castigo e repressão como métodos corretivos e criam ser um mal necessário para o domínio e eficácia do ensino. Um complemento a esta agressividade são os exames rígidos, impondo um controle sobre os corpos e as mentes dos alunos. Parâmetro avaliativo imposto e aceito com unanimidade e que ainda satisfaz a familiares e professores que interpretam as mudanças atuais como falta de ordem dos responsáveis pelos aprendizes em casa ou nas instituições; salvo as exceções, a ideia se mantém. Para reforçar a discussão sobre “o bom adestramento”, encontramos em Foucault (1987) uma reflexão ao analisar que:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do

poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração do processo de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível. (FOUCAULT, 1987, p. 154)

A menção acima faz cismar sobre a escola atual e evidencia que esta não se sustenta em suas pretensões de única formadora. Semelhante é o caso das relações familiares, que pouco ou quase nada corrobora para a construção de ambientes educacionais propícios. Imputar o respeito com base no medo não se sustenta, tão pouco controla mais os alunos, que ao perceber a fragilidade do método, desobedecem e confrontam o inquisidor.

Hoje os interesses são diversos e os conhecimentos advindos da escola tornam-se enfadonhos e alheios para um alunado sem perspectiva quanto à educação formal. Para estes estudantes a relação de poder pelo saber, parece torna-se efêmera na sucessão dos anos e principalmente a cada nova descoberta tecnológica. Os conhecimentos práticos e de fácil assimilação tornam-se preferenciais para os estudantes com acesso a muitas informações, porém, em muitos casos, são conteúdos com pouca contribuição para uma formação democrática e de valorização do ser humano.

De outra forma, a rigidez dos exames parece afastar os estudantes, principalmente os oriundos da escola pública. A isto se deixa um legado de pessoas sem acesso a conhecimentos básicos para compreensão de saberes essenciais para uma relação social crítica e digna. E compreendemos que anular a possibilidade de conhecer conteúdos específicos para o domínio das linguagens, das áreas do conhecimento e das relações sociais é um crime contra a humanidade. Em consonância com o que diz Silva (2010) afirmamos que:

...Desenvolver uma educação em direitos humanos imbricada no conceito de cultura democrática, fundamentada nos contextos nacional e internacional, nos valores de tolerância em relação às diferenças, na solidariedade, na justiça social, na sustentabilidade, na inclusão e na pluralidade é urgente, imprescindível e essencial. (SILVA, 2010, p. 43)

Nosso compromisso com o desenvolvimento humano nos levou a observar que na sala de aula; as crianças, adolescentes e jovens, trazem uma alegria ofuscada no olhar, um grito preso na garganta e a vontade de seguir mesmo sem saber para onde vai. É uma gente bonita, com riso espalhafatoso,

vontade de viver plenamente, mas, apenas vai seguindo em passos trôpegos como se cumprissem o destino de Édipo na mitologia grega.

Percebemos que se a escola se propusesse a alcançar sua função de socializar e expandir o saber ao possibilitar autonomia, o estudante perceberia maior sentido para aprender e criar. No entanto, qual nossa autonomia como docente? Como nos posicionamos pedagogicamente, politicamente? O que fazemos de fato para expandir o saber e quais saberes selecionar? São inquietações que nos leva a discutir como manter o entusiasmo na profissão, para que, a partir de nossa professoralidade<sup>7</sup>, (PEREIRA, 2013), nos empenhemos em garantir o acesso e a permanência com assiduidade e participação qualitativa na escola; nós mesmos e os nossos estudantes, atores protagonistas no ato de pensar na forma do ensino e nas possibilidades para um aprendizado eficiente.

De fato compreendemos que refletir sobre questões da educação básica e da escola pública como alicerce é tocar na essência dos envolvidos como a salubridade no sentido mais amplo; a segurança em todos os aspectos; físico, emocional, alimentar, residencial etc. Fatores que contribuem e interferem no desenvolvimento emocional e intelectual do estudante, em especial os que se encontram em situação itinerante e, talvez sejam estes alunos os mais prejudicados em seus direitos. Porque não é possível ver uma escola como depósito de pessoas, e, estas como meras receptoras de conteúdos específicos, para facilitar uma prática em nome da produção e do lucro exacerbado.



### **3.1 360° na linha do horizonte: uma assertiva no saber**

Precisão e conhecimento são imprescindíveis para se realizar um giro de 360 graus em uma linha horizontal no globo da morte. Com o mesmo apuro e saber, deve-se assinalar um direito básico ao principiar uma discussão, ainda que pareça muito incisiva ou radical, é uma postura necessária tendo em vista a pesquisa, e, a própria natureza do trabalho, o qual, aqui se apresenta como

---

<sup>7</sup> A professoralidade é uma marca produzida no sujeito, ela é um estado, uma diferença na organização da prática subjetiva. (PEREIRA, 2013, p.53)

um convite para o leitor se unir em uma fila indiana e, imaginar milhares de pessoas copiando o gesto de uma figura no centro da tela de uma das obras mais famosas do pintor norueguês Edvard Munch. A referida imagem retrata uma figura andrógena expressando um grito de angústia (MUNCH, 1893). A obra retrata a expressão do próprio artista naquele instante em que atravessava uma ponte ao por do sol em Oslo/Noruega, o que segundo o pintor, o fez “sentir o tremendo grito da natureza”. A fruição da obra instiga o observador a perceber a expressão de quem sofre, sendo a paisagem retratada com a mesma angústia e percepção de quem a pintou com base em suas próprias emoções.

A proposta de uma releitura mental a partir da obra do referido artista, cria a imagem de uma fila quilométrica gritando pela garantia dos direitos sociais e constrói uma ponte ideológica parecida à figura com seus problemas existenciais, contudo, o grito torna-se coletivo e a androginia a própria espécie humana com seus diferentes gêneros e semelhantes sofrimentos.

A releitura mental do quadro de Munch, em analogia com o tema estudado neste trabalho é um chamado visceral a causa da educação de circenses itinerantes. Ao imaginar uma fila em que o próprio povo circense em um grito uníssono clama por igualdade, propomos ao leitor traçar um esboço a partir do direito à educação.

Entre diversas imagens mentais, numa referência ao teatro do oprimido (BOAL, 2014) pode-se visualizar uma fila de palhaços com o braço em riste segurando e apontando a constituição de 1988 para a escola, e, um balão com o texto em letra bastão registra o artigo 206 que diz: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: inciso primeiro. Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 2012, p. 121).

O direito constitucional é a ponte sobre a qual os povos itinerantes atravessariam o rio de ilusões e descaso para serem contemplados em alguns de seus direitos e sanar ou apaziguar as angústias da desigualdade social ao menos no campo educacional. Fundamentando-se na lei, atribuindo o gritar a luta por educação como direito, subentende-se o respeito à isonomia. Acredita-se que o acesso e atendimento igualitário serão contemplados e que nenhuma pessoa será excluída do processo democrático. Coerentemente bastaria este

entendimento! Todavia, a igualdade de condições é para os que estão numa mesma situação de igualdade. Desta forma, não existirá igualdade com os que estão em condições desiguais. Todos não serão contemplados efetivamente.



### **3.2 Desafio em rotação.**

Os globistas desafiam a lei da gravidade circulando com giros que alcançam o teto e as laterais no interior do globo da morte. Tratando-se de educação formal, não é difícil perceber o desafio para alcançar igualdade de condições para as pessoas em situação itinerante. A resolução número três de maio de 2012 diz em seu artigo segundo que: “Visando à garantia dos direitos socioeducacionais de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância os sistemas de ensino deverão adequar-se às particularidades desses estudantes” (BRASIL, 2012, p. 01). Ao publicizar a obrigatoriedade de adequação pelo sistema de ensino, o próprio parecer revela a desigualdade existente ao indicar a necessidade de ajustamento e adequação para atender aos interesses de uma classe até então desassistida e refém de uma adequação especial por ser notória a disparidade em relação aos outros estudantes.

Importante saber que desde a lei 6.533 de 1978, o direito a matrícula é garantido para os circenses itinerantes. Porém, pode-se pensar que, se desde esse período o direito ao acesso precisa de uma lei específica para sua garantia, é indício de que foram necessárias algumas articulações políticas para alcançá-lo. Assim, a ausência de políticas públicas reitera a desigualdade de condições e não permite de forma digna o acesso e permanência do circense itinerante nas escolas regulares com a devida qualidade. Por tanto, a criança, o adolescente, o jovem ou adulto circense itinerante ainda não se beneficiou do direito de garantir o pleno desenvolvimento educacional sem que seja obrigado a abandonar sua condição itinerante. O próprio Piolin (Aberlado Pinto), homenageado pelos modernistas como um artista genuinamente brasileiro, adotando o dia de seu aniversário 27 de março como dia nacional do circo. Em entrevista registrada na obra de Abreu (1987), referindo-se a educação escolar formal afirma:

Não fui como os outros meninos que entravam no circo por baixo do pano. Nasci dentro dele e levava vida que fazia inveja aos garotos. Eu, de meu lado, tinha inveja deles. Eles tinham uma casa, tinham seus brinquedos comuns e podiam ir diariamente à escola. Eu não. Começava a frequentar um colégio e o circo se transferia. Lá ficava eu sem escola. Meu sonho era ser engenheiro. Queria construir casas, pontes, estradas e castelos. Construir apenas castelos de sonhos, e estou feliz com isso. (PIOLIN apud ABREU, 1987, p. 59)

Um dos ícones do circo brasileiro viveu em seu tempo as mesmas angústias que vivem os circenses hoje. A pesquisa realizada por Abreu (1987) indica que “a fixação maior do circo na capital paulista iria permitir que o futuro palhaço pudesse enfim fazer todo seu curso secundário num dos mais importantes colégios do Brasil, o Ginásio São Bento” (ABREU, 1987, p. 59) o problema da frequência dos circenses itinerantes nos espaços formais de educação vem de longa data e suas soluções estão longe de serem resolvidas de forma imediata.

Pode-se pensar que os circenses se fragmentaram politicamente ou então a sociedade mudou alguns valores impossibilitando o poder de articulação dos circenses, como acontece com todas as minorias sociais. Sendo ou não estas as principais hipóteses, o que é possível compreender é que de uma forma ou de outra as soluções para os problemas com estruturação de políticas públicas para “o povo da lona”, são pautas urgentes e precisam crescer ainda que paulatinamente.

Entre os circenses, o acesso à escola é um dos tantos problemas. Porém, intuímos que este, não tem muito a ver com as mudanças sociais, a exemplo do aparecimento e desenvolvimento de várias linguagens como o cinema, a televisão, a internet e outros mecanismos de entretenimento que contribuem para olvidar as Artes Circenses. Os mencionados referem-se à ausência do grande público aos pequenos circos; a qualidade estética dos espetáculos ou até a aceitação do circense e sua vida itinerante pelo público. A dificuldade com a escola parece ser de outra ordem. Como afirma uma dançarina do circo Encantos:

Muitos já saíram. Alguns definitivamente, outros saíram para se formar. A educação básica, o colégio até o terceiro ano tem como fazer. Agora, para fazer uma faculdade, ou alguma coisa assim tem que sair do circo, porque não tem como. Em Feira de Santana mesmo eu tenho uns sobrinhos que já se formaram, tem outras que estão concluindo ainda. Então, para se formar mesmo em uma faculdade tem que sair do circo, não tem como! (CIRCO ENCANTOS, ENTREVISTA CONCEDIDA NA CIDADE DE CAMPO FORMOSO/BAHIA EM 2017)

Sem vitimização, compreendemos que as circunstâncias induzem ao que poderíamos denominar de maniqueísmo na formação plena do circense itinerante. Onde, sair do circo permanecer na cidade e estudar é o bem, enquanto que, seguir na itinerância representa o mal, despropósito de quem anda de deu em deu. É como pensar em pessoas com necessidades visuais especiais sem o auxílio, por exemplo, de um piso tátil. O sujeito encontra um jeito de se locomover, porém, poderia ser mais fácil. Parece que a dificuldade dele não diz respeito aos outros e que é sua inteira responsabilidade, sobreviver em um mundo em que quase tudo é pensado apenas para os não cegos. De acordo com a pesquisa que foi realizada para este trabalho, no depoimento de circenses aparecem as representações que muitos professores têm do povo do circo. Diz a dançaria:

Quando eu disse que se tratava de matrícula de uma criança de circo, a diretora nem olhou para trás para saber quem estava falando. Disse apenas: em minha escola não! E continuou digitando no computador. Quer dizer, não somos gente? Não somos dignos nem de sermos atendidos com respeito? Eu não sei como ela é porque não vi o seu rosto. Um absurdo! (CIRCO ENCANTOS, ENTREVISTA CONCEDIDA NA CIDADE DE CAMPO FORMOSO/BAHIA EM 2017)

Em relação à educação escolar formal o maniqueísmo circense atual é determinante para as pequenas companhias. De forma que, ou dedica-se as artes circenses e abandonar a educação escolar formal, ou então, inverter a situação abandonando completamente o circo. “Porque vocês não procuram uma vida digna para vocês”. Disse outra diretora em determinada ocasião também referente à matrícula. Porque a vida dos circenses não é digna? Porque negar-lhes o direito de estudar? Para ter uma vida digna é necessário ser sedentário, morar em uma cidade e só assim garantir o acesso à educação formal? De certa forma foi o que nos disse uma acrobata do Circo Darley em entrevistada na cidade de Caém/Bahia.

Aí, tipo assim, os irmãos do meu pai e da minha mãe. Todo mundo de circo! Todo mundo mesmo. Alguns pararam porque (...). Tipo assim, pra fazer faculdade. Aí, se formaram e agora já estão voltando tudo de novo. Estão voltando para o circo de novo. (CIRCO DARLEY, ENTREVISTA CONCEDIDA NA CIDADE DE CAÉM/BAHIA EM 2017)

Está dito pela artista circense que se houvesse possibilidade de estudar, “tipo assim, pra fazer faculdade”, os circenses no caso seus tios, não sairiam do circo, da vida itinerante. De acordo com o relato, eles não abandonaram as

artes circenses; mas, sentiram a necessidade de estudar e concluir o ensino universitário retornando para a vida itinerante, “estão voltando para o circo de novo”. Assim sendo, interpretamos que eles não estariam retornando para o circo caso compreendessem que a itinerância não uma vida digna.

Se aceitassem o discurso infeliz e discriminatório da diretora, passariam a exercer a profissão acadêmica fixando-se na cidade abandonando o circo, porque não o fizeram e “estão voltando para o circo”? Indica que eles queriam sim dar continuidade aos estudos, mas, permanecer no circo. A atriz circense diz ainda em outro trecho da entrevista: “eu mesma pretendo fazer fisioterapia para ajudar meu pai, e depois artes cênicas para continuar no circo”. É mister repensar a concretização do direito à educação formal com plenitude. Caberia ao sistema de ensino adequar-se aos estudantes itinerantes, mas, o relato acima indica o contrário, o circense itinerante precisa se adaptar ao sistema de ensino obrigando-se a se tornar sedentário para dar continuidade aos estudos.

O relato refere-se ao ensino superior, mas há dificuldades neste sentido desde a educação infantil, um exemplo está no trabalho de Lima (2017) disponível online no site [casaruibarbosa.gov.br](http://casaruibarbosa.gov.br). Em seu artigo - Artistas circenses: importância na cultura brasileira e questões jurídicas relevantes, a autora que também é professora e advogada diz:

Ocorre, que tal medida já prevista legalmente na prática não é atendida, conforme noticia José Carlos Santos Silva, conhecido como palhaço Plim Plim, que afirmou que: “a sua filha de seis anos não conseguiu matrícula na rede pública de ensino do Distrito Federal, apesar de a lei garantir esse direito desde 1978.” Complementa o palhaço que, “é bonito no discurso, mas na prática não conseguimos. Então, é preciso que haja políticas públicas em prol da profissão”. Para que a Lei não permaneça apenas formalmente existindo é necessária à efetivação de políticas públicas. (LIMA, 2017, p. 09-10)

Não são questões de fácil resolução uma vez que não depende unicamente do rigor da lei para que sejam sanadas. Na pesquisa conversamos com uma dançarina contratada pelo circo Indianópolis que em entrevista na cidade de Morro do Chapéu/Bahia, disse que: “hoje em dia a matrícula não é o grande problema. Aqui na Bahia em geral, nós não encontramos muita dificuldades para matricular não. O maior problema é o acompanhamento”. Sabemos que este não é um problema particular; vale ressaltar que a questão do acompanhamento escolar formal com uma população em situação de itinerância é um desafio em muitas culturas. Sequeira (2013) apresenta “um

estudo sobre os alunos itinerantes, filhos dos artistas de circo, no 1º Ciclo no ensino básico, em Portugal”. No trabalho o autor diz que o:

Abandono escolar precoce: embora se observe, comumente, nas famílias circenses a afirmação de uma nova representação do valor da escolarização dos filhos, como garantia de inclusão social futura, os dados estatísticos demonstram que o abandono precoce é elevadíssimo, e nem sequer a obrigatoriedade de frequência até ao nono ano de escolaridade é garantida, sendo que, atingido o limite de idade dos quinze anos, quem não concluiu esse nível escolar opta, geralmente, pelo abandono definitivo e regresso em exclusivo à actividade circense. (SEQUEIRA, 2013, p. 15)

Já é possível supor que no Brasil ou alhures, são muitos os fatores que contribuem para a evasão dos filhos dos artistas circenses itinerantes da educação escolar formal. Porém, convém dizer que o problema da desigualdade e da má qualidade educacional não é um “privilégio” desse público. Todavia, os depoentes demonstram encontrar maior resistência para serem atendidos e, com base nos relatos podemos supor que o descaso é principalmente relacionado à condição itinerante – apontar esta situação como fator preponderante para o fracasso educacional é mais uma vez inculpar os circenses atribuindo-lhes todas as responsabilidades pelo insucesso escolar. Entrevistado no povoado de Pedras Altas, município de Capim Grosso, um trapezista do Circo Uga Uga afirma:

Já ocorreu situação em que ao chegarmos à escola a diretora nos recebeu assim: “criança de circo aqui não. Minha escola não recebe esse tipo de gente!” Agora observe o tamanho da humilhação que é você estar frente a frente com a diretora e ouvir isso... Na presença de todo mundo! Você ouve e baixa a cabeça, não pode falar nada porque se você for discutir, quiser colocar o aluno na marra é pior, porque prejudica. Nós já fomos prejudicados... Chegamos a perder a unidade toda, quase perdemos o ano letivo por causa de professores como estes. (CIRCO UGA UGA, PEDRAS ALTAS, CAPIM GROSSO/BAHIA, 2017)

Quais providências podem ser tomadas em uma situação como a referida acima? O depoente afirma que “[...] ouve e baixa a cabeça, não pode falar nada porque se você for discutir, quiser colocar o aluno na marra é pior, porque prejudica [...]”. Aqui fica explícito que existe uma fragilidade por parte do circense que se sente inferiorizado abaixando a cabeça e, ao mesmo tempo compreendemos que sua atitude assumidamente é para se precaver e não provocar discussões maiores ao exigir seus direitos porque como afirma: “Nós já fomos prejudicados... Chegamos a perder a unidade toda, quase perdemos o ano letivo por causa de professores como estes”. A própria experiência com a

vida itinerante demonstrou que para alcançar seus direitos, nem uma lei é suficiente para superar o descaso e a prepotência das autoridades. Se “for discutir, quiser colocar o aluno na marra é pior”. Pior, porque são itinerantes e por estes motivos tratados como,

se fossem bichos, bichos não! Como se não existíssemos. Tem lugar que, quando falamos que somos de circo, eles olham para a gente dos pés a cabeça e fazem uma leitura: não é gente! Isso, porque somos de circo pequeno, somos pobres... Duvido que eles tratem assim ao Marcos Frota, ou o Beto Carreiro, qualquer circo grande (risos) cá, cá, cá não é verdade mesmo. (ENTREVISTA, CIRCO ENCANTOS, SENHOR DO BONFIM/BAHIA, 2017)

O depoimento do palhaço parafuso é revelador ao denunciar que uma das questões está relacionada à condição social e econômica. Podemos nos questionar; teriam sido recebidos com o mesmo tratamento, artistas itinerantes de uma grande companhia de circo? A diretora denunciada mesmo que anonimamente teria a mesma coragem de humilhar os filhos de circenses famosos e condição econômica privilegiada? Percebemos que muitos funcionários são autoritários e a impunidade permite que humilhem pessoas com pouca instrução e recursos para se defender no mínimo com uma denúncia no ministério público. A denúncia serve como forma de avaliação das próprias instituições responsáveis pela formação deste profissional da educação, uma vez que são também responsáveis por suas atitudes, faz-se necessário pensar sobre a formação dos formadores de futuros formadores como mencionamos acima.

Porém, como foi supracitado, reforçamos que, a ideia de culpabilizar o estudante itinerante pelo fato de ele não poder estar definitivamente presente na sala de aula convencional, pode ser uma forma dos poderes constituídos, o Estado como responsável legal de sancionar e fiscalizar as leis, se camuflar e através do sistema educacional se isentar da responsabilidade com esta população andante, sujeitos de direito. É mais fácil inferir a responsabilidade apenas para o sujeito. A presença da lei também pode ser um subterfúgio de escape para que as autoridades esquivem-se de suas responsabilidades em situações conflitantes, mas, segundo Lima (2017),

Existe previsão legal expressa no sentido de acesso especial de crianças filhos de artistas e trabalhadores circenses, mas na prática tal medida não vem sendo implementada pelos órgãos públicos, há uma premente necessidade de tomar as providências cabíveis para que as crianças e os adolescentes, artistas circenses ou não, tenham

o seu direito à educação conforme previsto no artigo 29 da Lei 6533/78, reconhecido em todos os municípios brasileiros (LIMA, 2017, p.09)

Diante do exposto, surgem questionamentos como: estaria o circense se vitimando? Fundamentando-se nas ciências sociais, e compreendendo as limitações do método, até que ponto nós podemos confiar no resultado deste trabalho? Qual nosso compromisso enquanto docente diante dessa situação? Nosso trabalho pode contribuir para além da denúncia? Porque em muitos casos os circenses não buscam seus direitos junto aos órgãos competentes?

Muitas reflexões podem surgir das análises e observações durante os encontros. Coisas não ditas durante as entrevistas em frente da câmera ou ao apertar o play do gravador, talvez por nervosismo ou esquecimento, podem vir a surgir espontaneamente. Em outros momentos, muitos dos quais durante as observações e conversas informais, apareceram algumas questões e que com as devidas autorizações, foram registradas no diário de bordo. Algumas das quais podem contribuir para analisar questões supracitadas.

Ao questionar uma aparente inércia dos circenses demonstrando indisposição para lutar por seus direitos, no caso específico a matrícula e manutenção do estudante itinerante na escola, passamos a refletir sobre suas causas. Antes disso, compreendemos que nossa interpretação não passa de um ponto de vista pessoal e corresponde as nossas perspectivas sobre o assunto. Dentre as incertezas da vida, as nossas seguem os mesmos caminhos buscando sentido provisório até novas pistas provarem outras possibilidades.

No relato afirma o trapezista: “[...] você ouve e baixa a cabeça, não pode falar nada porque se você for discutir, quiser colocar o aluno na marra é pior, porque prejudica [...]”. O artista afirmam que ele e seu irmão foram prejudicados e que houve perseguição por parte de uma professora, e que durante as aulas, a docente não o cumprimentava e avaliava suas atividades com indiferença. A suposta vingança, segundo os relatores, foi devido ao escrache que a professora recebeu da diretora da escola após ser denunciada pelos alunos colegas de sala dos chegantes. Estes não tiveram coragem de rebater o insulto da professora diante dos colegas afirmando que não os aceitaria na sala de aula. Bastaria uma denúncia no Ministério público que acarearia o caso, tratando-se de menores, poderiam os pais dos alunos acionar o Conselho

Tutela para atuar junto à instituição educacional, seria outra solução imediata. Afirma o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (BRASIL, 2017)

Ancorados na lei, os circenses podem receber o apoio institucional para defendê-los. Basta apenas dirigir-se ao órgão responsável e fazer uma denúncia; manifestar-se na forma da lei questionando a postura indevida e arbitrária. Talvez, a simples repercussão fosse o suficiente para corrigir os equívocos da professora. A atividade como artista os torna grandes comunicadores, o que não seria difícil para o circense expressar-se diante das autoridades constituídas para anunciar sua indignação como no caso da matrícula. Cabe refletir ainda que se assim ocorreu, não é o suficiente para se julgar a professora citada sem antes experimentar uma visão mais dilatada sobre a questão, inclusive colocando-se no lugar como docente.

A partir de outras indagações pode-se pensar o que levaria um profissional da educação no exercício da função, provocar tamanho alarido. Quais as condições de salubridade deste/a trabalhador/a? Não se trata aqui de uma defesa indevida, tão pouco, de um posicionamento neutro já que profissionalmente podemos nos posicionar de ambos os lados. Nossa defesa é em nome de uma escola democrática e dos direitos sociais. Questões dessa natureza devem ser debatidas principalmente com os envolvidos e se com os circenses itinerantes não for tão frequente a possibilidade do diálogo, podemos realiza-los entre os profissionais da educação para que compreendam melhor as questões específicas deste público. Porém, pensemos nas condições de trabalho da professora citada.

Numa vida itinerante o sujeito tem muitas restrições e o fato de estar sempre se deslocando de um lado para outro, de uma região para outra, impossibilita laços mais efetivos o que dificulta um apoio em momentos necessários. Os circenses encontram dificuldade para discutir com a professora e de forma respeitosa demonstrar segurança ao defender seus direitos para não serem interpretados erroneamente. Entre a autoestima para cobrar seus direitos e sutileza para lidar com as palavras existe um abismo educacional que, na ausência de formas estratégicas com a linguagem pode

tornar o algoz em uma vítima. No caso citado, a mediação foi realizada por outros alunos que se posicionaram em defesa dos novos colegas circenses e com o provável alarido na escola provocou uma retaliação pública da diretora interferindo entre outras coisas, na autonomia da professora diante dos alunos. O “olho por olho torna todos cegos”. Não se resolve nenhuma querela com gritos e desrespeito, tais atitudes contribuem para ampliar os conflitos e criar desconforto.



### 3.3 Agilidade no globo, movimento na sala.

A concentração no globo da morte amplia a cada inserção de novos globistas. Quanto mais motos e pilotos, mais atenção e responsabilidade, conhecer o ambiente e as pessoas é fundamental para o desempenho da ação com agilidade e precisão. No espaço necessário para se desempenhar a profissão docente conhecer o público também é fundamental, a inclusão de novos estudantes muda a rotina e o/a professor/a que não tiver a capacidade de ser resiliente, encontrará resistência interna e externa o que não possibilita a aula flua. Acrescenta-se a isto, as más condições de trabalho como salas pequenas ou superlotadas, ausência de material didático adequado e principalmente uma boa formação inicial e contínua. Os profissionais no exercício de sua função precisam defender sua posição política e no caso dos professores, sua consciência de que ao questionar as interferências negativas, está lutando por seus direitos trabalhistas e ao mesmo tempo pelo direito de seus alunos. Com os circenses itinerantes a luta é intensa, o respeito aos seus direitos não é uma conquista fácil, de acordo com Lima (2017):

Atualmente no Brasil, a Lei n. 6.533/78 é a única que trata especificamente do artista circense. Ocorre que apesar de um elenco de garantias que dizem respeito não apenas aos artistas circenses, mas a seus filhos, o que se constata é que a lei em comento necessita de efetividade e o primeiro passo para que a eficácia seja atingida reside na consciência dos trabalhadores do circo acerca da existência da Lei e de diversas garantias destinadas aos artistas em geral, de uma forma específica incluídos estão os artistas circenses. (LIMA, 2017, p.04)

Não basta aos circenses conhecerem a lei que os ampara e ter ciência de sua existência. Durante a pesquisa, foram unânimes as respostas sobre a consciência da existência da referida lei pelos circenses. Porém, poucos conheciam seu conteúdo e a maioria afirmou apenas que – tem uma lei que nos protege e é isso que falamos nas escolas quando alguma pessoa cria empecilho para nos atender, quando vamos ao Ministério Público ou ao conselho tutelar eles mostram a lei. Nos casos em que os profissionais estão informados o caso é aceito com mais tranquilidade. De acordo com uma professora do ensino fundamental entrevistada na cidade de Irecê/Bahia.

Independente de conhecer ou não a lei específica que protege os circenses, ou os alunos itinerantes, nós usamos o bom senso! A educação não é um direito de todos? Então, toda criança não tem que estar matriculada e na escola? Eu acho que tem que ser assim... Claro que temos muitas dificuldades, principalmente para adaptar as atividades, você com uma sala diversa, alunos com mais dificuldades que outros; alunos com necessidades educacionais especiais, sabe? [...] Enquanto professoras, nós precisamos nos adaptar também a estes alunos. Mas não é fácil! Eu tenho recebido alunos circenses na escola em que trabalho em Gameleira do Jacaré, um povoado do município de São Gabriel, e, digo que não é fácil ficar com uma quantidade grande de alunos na sala e receber mais dois ou três, com suas questões pessoais... Coisas que muitas vezes nós nem sabemos resolver... Aí, tem que pensar, e, em casa elaborar alguma atividade... Porque na escola você não tem tempo... Entendeu? É assim... Mas, agora que você está me passando esta lei específica, eu vou levar e fazer cópia e entregar a direção da escola e aos colegas que quiserem. É bom saber... (ENTREVISTA CONCEDIDA NA UNEB/IRECÊ, DURANTE A REALIZAÇÃO DE UMA REUNIÃO PARA TRATAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO TERRITÓRIO DE IRECÊ)

A lei como um documento serve como aporte para os profissionais da educação e principalmente para garantir nas formas da lei o direito social dos circenses itinerantes. Contudo, como já foi mencionado por uma artista no circo Indianópolis, “a matrícula não é o maior problema, a questão maior é como garantir um acompanhamento pedagógico e desenvolvimento” dos estudantes em situação itinerante. Ainda que o rigor da lei tivesse um alcance nacional, com fiscalização em todos os recantos do Brasil, sem formação no sentido mais amplo, não se consegue contemplar os direitos das pessoas. Não é responsabilidade apenas dos representantes legais, dos formadores ou dos circenses itinerantes. Lutar por direitos é dever social.

A apatia diante dos problemas dos grupos menos favorecidos economicamente ou o aproveitamento oportunista com interesses escusos em

seu nome é prática recorrente de uma sociedade corrupta. Enquanto espera as soluções vindas de gabinetes ou de grupos do topo da pirâmide social, as pessoas necessitadas, aos poucos desaparecem da agenda pública e de marginalizados passam a criminalizados e por fim invisibilizados definitivamente.

Em entrevista concedida em Salvador/Bahia, Sula Kyriacos Mavrudis, diretora da área de circo - SATED/MG (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de Minas Gerais), fundadora e coordenadora da RAC (Rede de Apoio ao Circo); uma das artistas e pesquisadora mais respeitadas sobre o assunto no país, à autora do primeiro dicionário sobre o circo publicado no Brasil “encircopédia”, Sula nos afirma:

O povo do circo e principalmente os das pequenas companhias. Pessoas que não têm outra profissão senão a de artista circense, vive um processo de extermínio no Brasil. Ao analisar a resolução nº 3, de 16 de maio 2012, observem que diz o Art. 6º “O poder público, no processo de expedição do alvará de funcionamento de empreendimentos de diversão itinerante, deverá exigir documentação comprobatória de matrícula das crianças, adolescentes e jovens cujos pais ou responsáveis trabalhem em tais empreendimentos”. O parecer é contraditório, porque no Art. 2º diz que: “os sistemas de ensino deverão adequar-se às particularidades desses estudantes”. E no Art. 6º, orienta ao poder público exigir documentação comprobatória da matrícula. Sabemos do compromisso que os pais devem ter com seus filhos e uma das ações mais insistentes dos circenses é para garantir a educação formal de seus filhos. Porém, atrelar a matrícula a liberação do alvará, sendo que a maioria dos circenses enfrenta resistência nas cidades é um prato cheio para os gestores que não aceitam o circo em suas cidades. Os desdobramentos disso podem ser nefastos para o povo do circo. (MAVRUDIS, SALVADOR/BAHIA, 2016).

Com a experiência de quem vive de perto a realidade de muitos circenses itinerantes de pequenas companhias, a autora identifica outros problemas caso as leis de apoio aos circenses sejam interpretadas do ponto de vista de pessoas representantes de instituições e que não nutra afinidade pelas artes circenses, tão pouco pelas pessoas que vivem na itinerância.

É como entregar na mão de pessoas racistas documentos que tratem de políticas afirmativas para o povo negro. O parecer afirma que o sistema de ensino deve adequar-se ao estudante itinerante, como também indica que o poder público deve exigir comprovação da matrícula dos alunos. Identificamos na pesquisa que em algumas cidades os circenses não conseguiram matricular seus filhos. Assim, compreendemos a inquietação de Sula Mavrudis. Sem matrícula não existirá a liberação do alvará para o funcionamento, sem este o

circo não funciona e os circenses aos poucos desaparecem condenados ao extermínio.

Em um povoado de um município baiano, chegamos como em muitos casos com quase nada. O mínimo de alimento possível, o que ganhamos na última praça deu apenas para alugar um caminhão para transportar o circo. Na época nós não tínhamos nem um ônibus velho como este. (aponta para o transporte que também serve de moradia) Perguntamos as pessoas do povoado, quem respondia pela prefeitura e nos indicaram a casa de um vereador. Ele nos autorizou a armar o circo em um terreno. O proprietário de um comércio em frente do terreno em que armamos o circo foi conversar com a prefeita da cidade e a mulher ordenou que uma viatura da polícia nos retirasse do local. Quando a polícia chegou à discussão já passava de meio dia, todos os trabalhadores do circo com fome e a comunidade estava de nosso lado. Uma artista contratada com uma criança de colo sentada embaixo de uma placa de zinco sob o sol escaldante. A cena mais horrível que já passei na vida de circense, o povo queria brigar com a prefeita e pediram reforço policial. O circo foi desarmado e a discussão se prolongou até a noite quando um morador de outro povoado, no município vizinho, ofereceu apoio com um trator e transportamos o circo em um reboque. Estreamos na sexta feira no outro povoado e muita gente da praça em que aconteceu o conflito, foi assistir. (ARTISTA DO CIRCO FRANÇA, SENHOR DO BONFIM, 2017).

Para Freire (2011) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele”. Quais leituras os circenses, crianças, adolescentes, jovens e adultos fazem da sociedade? Quais compreensões eles podem apresentar dos diversos lugares por onde passam? Estas pessoas enfrentam as situações mais inusitadas possíveis. E suas crianças crescem entre os conselhos e orientações da educação informal na vida habitual e as influências dos outros espaços para além da lona e do picadeiro.

Que leituras fazem cotidianamente das pessoas que se aproximam de seu modo de vida? Que “palavramundo” descobrem e se identificam no convívio com outras pessoas que não são itinerantes? O relato acima carregado de significados indica entre outras coisas a aversão do poder público local ao diferente. Os governos são feitos de pessoas e estas não se abstraem de sua personalidade mesmo quando representam um coletivo. A prefeita não agiu apenas politicamente, a questão não foi apenas administrativa, estavam implícitas suas convicções e aversão ao circo e sua gente. A transgressão por armar o circo em um local julgado por algumas pessoas como inadequado é suficiente para o escárnio público de um grupo de pessoas incluindo crianças?

A politicagem local ou o bairrismo contraditório ultrapassa as barreiras da humanidade impossibilitando o mínimo de gentileza com o diferente?

Os circenses não estão a pedir esmolas, neste caso especificamente solicitaram de quem eles entenderam ser o representante público do local a autorização para montar o circo. O edil autorizou armar o circo e caberia a ele, honrar com o compromisso e defender eticamente sua postura como representante do povo. Se o fez, foi tão irrelevante que não chegou a ser mencionado durante nem após a entrevista com a circense. Caso não fosse esta medida tomada, qual seria o procedimento legal a ser feito?

De acordo com os circenses, existe uma diferenciação em cada município, porém, geralmente exigem os seguintes documentos antes de autorizar a montagem do circo: requerimento constando razão social, endereço, horários de início e término, período de permanência no local; informar dados para contato: telefone e e-mail; laudo atestando as condições das arquibancadas e tendas, as condições de estabilidade e segurança das estruturas; A.R.T. (Anotação de Responsabilidade Técnica) do profissional habilitado (engenheiro civil / arquiteto); laudo das instalações elétricas; laudo de capacidade de público - geralmente usam o critério de 01 (uma) pessoa por m<sup>2</sup> (metro quadrado), tudo acompanhado da A.R.T. – Também exige-se o A.V.C.B. - Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros; Projeto de prevenção e combate a incêndio e pânico devidamente assinado pelo profissional responsável A.R.T.

Algumas prefeituras exigem ainda que se faça uma declaração de que o circo será montado numa distância mínima de 10,00m (dez metros) de qualquer edificação e num raio de 50,00m (cinquenta metros) de imóveis residenciais, medido da divisa mais próxima do terreno.

Há a exigência de liberação da vigilância sanitária se houver comercialização de alimentos, como também, algumas cobram uma declaração que não haverá venda de gêneros alimentícios. Anexo a tudo isto, o comprovante de recolhimento da taxa de pagamento do alvará.

Alguns municípios definem que o alvará para eventos com cobrança de ingressos, deverá ser requerido no prazo mínimo de 30 (trinta) dias anteriores à sua realização. Além dos citados, existem outros documentos como comunicação à Guarda Municipal; comunicação à Polícia Militar e conselho

tutelar. Os circenses dizem que, “como profissionais desejamos apenas que nos permitam trabalhar e fazer nossa arte. Se tiver que cumprir todas as exigências, nos deem condições para isso”.

A breve observação diante de um circo de pequeno porte nos faz perceber, ainda que de forma empírica, que estes pequenos grupos em sua maioria constituídos por reduzidos números de famílias, não tem condições para atender o mínimo do exigido. Seus materiais são mantidos a duras penas, resistindo ao desgaste natural no processo de mudança. Equipamentos caros, desgastados com o tempo de uso e das várias reformas para manutenção. Seus transportes, também utilizados como moradia, ano após ano tornam-se mais caros devido à quantidade de gastos para conservar o mínimo de funcionamento. Deslocar-se de um povoado para o outro demanda custo e o sucesso de uma praça tem garantido apenas o mais elementar, considerando-se a maioria dos insucessos. Como afirma a maioria dos entrevistados, “circo hoje, é uma praça boa para dez ruínas”. Ao leitor, basta ir aos circos menores e confirmar sua veracidade, a começar pelo valor do ingresso.

Diante das circunstâncias, torna-se coerente sair de um povoado direto para o outro e contar com a boa vontade e hospitalidade dos moradores, e esta, têm sido uma das condições *sine qua non* para a permanência dos circenses das pequenas companhias com suas atividades.

Quanto ao comerciante, entendemos que ao demonstrar sua intolerância e influência política, encontrou ressonância junto a representante do poder executivo daquele município que, ao comungar com as ideias do correligionário outorgou a expulsão dos circenses desrespeitando inclusive a carta magna da República Federativa do Brasil, sendo contrários ao que diz um dos artigos mais importantes:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: **XV** - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens; **XVI** - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente; (BRASIL, 2012)

A lei garante a todos o direito de ir e vir em todo território nacional, como também, o de reunir-se pacificamente, exigindo-se apenas comunicar previamente a autoridade competente para não interferir em ações agendas a priori.

O relato da artista circense diz: - “perguntamos às pessoas do povoado, quem respondia pela prefeitura e nos indicaram a casa de um vereador”. Cabe mais uma vez citar a Constituição Federal ao afirmar que “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”. De acordo com o exposto, ao chegar naquele povoado os circenses solicitaram de um representante do povo a autorização para exercer a função de alegrar o povo. As atividades seguiram de acordo com as orientações do vereador e como profissionais prosseguiram com a habitual rotina. O leitor talvez avalie como exagero a necessidade de aclarar o exercício da profissão que é regulamentada pela lei 6.533/78 e que os possibilita atuar em todo território nacional como afirma Lima (2017).

A Lei n. 6.533, de 1978, que disciplina o trabalho desenvolvido pelo artista-empregado, considera como tal “o profissional que cria, interpreta ou executa obra de caráter cultural de qualquer natureza, para efeito de exibição ou divulgação pública, através de meios de comunicação de massa ou em locais onde se realizam espetáculos de diversão pública”, reunindo os pressupostos do art. 3º da CLT. Entre os locais em que se realizam esses espetáculos, situam-se os estabelecimentos circenses. (LIMA, 2017, p. 6-7)

No entanto, nossa persistência em provar que se trata de uma atividade regulamentada; que os circenses tradicionais se apropriam de conhecimentos herdados de seus antepassados e por sua vez os transmitem para seus descendentes e que também por isto é legítimo e merecem mais respeito principalmente dos representantes do poder público a quem se outorgou o poder de zelar pela memória coletiva como bem imaterial pertencente a toda humanidade.

Percebe-se assim, a falta de habilidade administrativa da representante do poder público no episódio citado. Ao mesmo tempo desrespeitou uma classe de trabalhadores e o suposto autoritarismo impediu o diálogo tomando decisões precipitadas, causando angustia e sofrimento desnecessário. Bastaria compreender que estavam tratando de um fenômeno cultural e artístico e poderiam fazer alguns acordos para a atuação do circo no local.

Contudo, preferiram optar pela agressão expulsando os circenses, atos primitivos de uma sociedade intolerante disposta a retroceder por medo e insegurança de lidar com as mudanças e as diferenças. Estes processos passam pelo viés educacional. Mais uma vez Freire (2015) vem ao nosso socorro quando diz que: “Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. (FREIRE, 2015, p. 37)

Necessitamos de uma educação libertadora em que a maioria das pessoas se reconheça como partícipe na construção de uma nova sociedade. Isto será possível quando cada pessoa compreender a importância de se renovar moldando-se para melhor ao aceitar com respeito às diferenças, permitindo-se dialogar com respeito ao pensamento oposto e buscar flexibilidade para compor junto ao outro uma maneira de ver e viver no mundo.

Mudanças na área educacional são bandeiras da maioria dos movimentos sociais a exemplo das lutas dos sindicatos e associações de professores. Os avanços neste sentido dependem muito das articulações e força política, para influenciar e forçar o Estado a se posicionarem em defesa do povo, privilegiando a maioria. São passos lentos para nossa democracia, sabemos disto. Nóvoa (1995) diz:

A reconfiguração da profissão docente e o desenvolvimento de comunidades escolares autônomas constituem condições necessárias ao aparecimento de um novo associativismo docente, agente coletivo de um poder profissional cuja legitimidade não reside apenas numa delegação de competências do Estado. (NÓVOA, 1995, p. 27)

Se os sindicatos, as associações, coletivos e partidos políticos com profissionais gabaritados e principalmente com formação na área etc. enfrentam tantas dificuldades para suas articulações, como seria possível esta movimentação política entre os circenses em situação itinerante? As ocupações diárias, a constante circulação em busca do “respeitável público” ocupa muito tempo uma vez que o “espetáculo não pode parar”. Daí, promover uma força política para lutar por seus direitos é sempre um suplício, são muitas adversidades e, se apropriar de conhecimentos específicos demanda muito tempo para estudo interpretação e aprofundamento e não é tarefa fácil para quem não se apropriar dos códigos dessa linguagem.

Um dos caminhos é se apropriar das novas tecnologias. No sentido da informação, percebemos que estas têm contribuído para a comunicação entre as pessoas e isto não é diferente com os professores nem os circenses. Muitos artistas mantêm suas páginas em redes sociais e participam de grupos em aplicativos a exemplo do WhatsApp. As ferramentas constituem uma boa forma de articulação e solidariedade onde os circenses se apoiam e colaboram uns com os outros dividindo as angústias e alegrias. Mas, segundo um equilibrista do Circo Vitória em entrevista no município de Pintadas/Bahia, “falta união e articulação! A cooperativa de circo da Bahia<sup>8</sup> por exemplo, estava indo bem, mas, a desorganização desestruturou o trabalho”. Não basta se informar sobre os acontecimentos, existe a necessidade segundo o entrevistado, de unir forças para defender a causa do circo. A ferramenta necessita de formação para que seu uso tenha eficácia.

Os circenses entrevistados compreendem a importância da articulação, um palhaço do Circo França, entrevistado em Poços no município de Campo Formoso/Bahia disse que:

[...] os circenses deveria se unir e eleger um representante do poder Legislativo Federal... O deputado Tiririca é sozinho, precisamos de um circense que arengue, que brigue mesmo por nossos direitos, o palhaço Ventinha é articulado, poderia nos representar muito bem. (PALHAÇO PIMENTINHA, POÇOS, CAMPO FORMOSO, 2017)

O artista diz que, muitos circenses se comunicam quase todos os dias pelas redes sociais, utilizam principalmente o aplicativo WhatsApp, continua, “no whatsApp nós falamos do espetáculo, de como foi a praça e qual a próxima parada. Precisamos saber para onde cada um vai, para não ir todo mundo para a mesma cidade. Este grupo tem circense do Brasil todo”. Porém, as ocupações individuais diárias e as distâncias dificultam o fortalecimento da classe, ainda existem problemas como a conectividade, o que contribui para o isolamento dos circenses em muitos locais que ainda não fazem parte do cotidiano de uma vida on-line e isto também dificulta articulações por meio da internet.

Assim, pensamos que as ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas para promover articulação entre os circenses e fortalecer o elo que os liga. As necessidades de articulação entre os circenses devem partir dos mesmos,

---

<sup>8</sup> A cooperativa de circo da Bahia foi fundada em 2007 tendo como primeiro presidente Anselmo Serrat.

contudo, a estrutura educacional pode contribuir para sua ampliação por meio da educação escolar formal que tem obrigação quanto a isto. É função da escola, oferecer-lhe técnicas e maiores conhecimentos sobre comunicação e tecnologia.

As artes circenses mantêm uma ligação com elementos da cultura popular. A estética do circo apresenta uma riqueza visual em linguagem acessível ao povo e agrega o público das mais variadas classes sociais. Contudo, parece que os circenses itinerantes estão atrelados aos mesmos conflitos que atinge a massa popular. É preciso saber se existe entre a maioria dos circenses itinerantes uma formação sobre as representações dos movimentos de classe e das lutas dos trabalhadores em todas as categorias sociais. Um dos caminhos para autonomia são as articulações políticas em defesa de seus direitos. Politicamente falta força e representação e cabe a educação escolar formal contribuir para o desenvolvimento crítico dos estudantes circenses itinerantes preparando-os para lutar por seus direitos como cidadãos.

Diante do exposto, e, de acordo com a pesquisa, percebemos que o desenvolvimento pleno do estudante em situação itinerante constitui-se como uma lacuna do sistema educacional. Percebemos uma escola na contramão dos direitos sociais quando visa em seu discurso oficial, contribuir para formar as capacidades de cidadão crítico e reflexivo, de valorização da criação e difusão de ideias, de respeito às suas crenças, da criação e produção das formas mais elevadas da cultura e da arte. Contudo, esses estudantes não são contemplados e a luta por sua existência parte de suas possibilidades com pouca representatividade em alguns sindicatos, cooperativas e associações. Daí, o compromisso de uma educação libertadora, em que o sujeito não aceite imposições de palavras como comandos de obediência. Toleram-se os mais cruéis castigos, culpando-se por sua condição desfavorável de acordo com Freire (2014):

Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra reconquistem esse direito, proibindo que esse assalto desumanizante continue. (FREIRE, 2014, p.109)

No caso dos itinerantes pesquisados o estudo mostra que, esse acesso a “palavramundo”, ainda está à mercê da personalidade e da boa vontade dos gestores dos espaços educacionais. Estas conquistas enquanto direito social ainda não foram alcançadas dignamente pelos itinerantes. Em relação lei que lhes assegura o direito à educação, a diretora de uma escola municipal afirma:

Pela experiência, até em conversas pouco se fala sobre essa lei né? (*referindo-se as colegas presentes durante a entrevista*) Até dentro da escola, nas formações que participamos pouco ou quase nunca se fala sobre esse direito do circense puder ser matriculado em qualquer período, porque eles estão em constantes mudanças de endereço. Então, pouco ou quase nada se fala sobre isso. (ENTREVISTA, BARRACAS, PONTO NOVO/BAHIA, 2017)

Contudo, não se discute a personificação da culpa para impor-lhes o rigor da lei, nem se louva os avanços porque se trata de execução do dever. Uma ou outra ação estaria expondo as pessoas, como se as soluções dos problemas dependessem apenas da capacidade individual dos gestores para saná-los. Talvez seja necessário levar em conta o complexo sistema em que todos se encontram enredados. Cabe muito mais a busca por entendimento da problemática a qual envolve situações complexas de difícil solução imediata. O problema não diz respeito apenas à matrícula. Ainda sobre os direitos dos itinerantes, quando questionada sobre atividades avaliativas, principalmente em períodos de fim de unidade a profissional supracitada disse:

A mãe da estudante veio fazer a matrícula e ela solicitou avaliações, eu pedi a ela um dia, eu disse: dei-me um dia para organizar-me com os professores, discutir o que pode ser feito, que tipo de avaliação. E assim fizemos, quando eles foram, já levaram os documentos com as notas e a aluna concluiu o oitavo ano aqui. (IDEM, BARRACAS, PONTO NOVO/BAHIA, 2017)

Vincular a recepção e atendimento aos estudantes itinerantes à generosidade dos envolvimento no trabalho pedagógico é responsabilizar apenas os agentes educacionais, os professores, os gestores em geral e minimizar um problema maior que é o de exclusão do povo circense. De certa forma é apaziguar os conflitos em que se aponta como responsável o poder público. Quais políticas públicas existem para contemplar os circenses itinerantes, os trabalhadores de parque de diversão e outros profissionais congêneres?

As cidades não oferecem espaços públicos com acesso apropriado para instalação das estruturas; os terrenos afastados dos centros dificulta o acesso

do público; geralmente armados em terrenos baldios, não contam com saneamento básico agravando as condições de saúde e segurança; afastados das escolas, dificultam o acesso das crianças do circo irem para a escola, como os das escolas virem ao circo. As questões são muito mais graves do que a breve descrição. Ao minimizar as dificuldades dos itinerantes como se não fosse um problema do Estado responsabilizando-os por suas desventuras, o poder público tenta escapar dos compromissos com estas pessoas.

Nossa intensão é identificar os problemas junto com os circenses e os professores. Apontar as responsabilidades de ambos, inclusive à de articulação para cobrança de atitudes do Estado para com a escola e o povo do picadeiro. É preciso questionar o tempo de trabalho possível com dignidade para a qualidade de vida do docente e estratégias para o atendimento qualitativo ao estudante itinerante. Decerto não serão os profissionais instalados confortavelmente em seus gabinetes climatizados quem o farão, para estes talvez seja mais fácil culpabilizar os docentes e discentes pelos fracassos educacionais e os circenses pela vida itinerante.

Para tanto, uma reflexão sobre as questões contemporâneas, que diz respeito ao trabalho docente está relacionada com a forma com que se lida com o próprio tempo e quais os valores presentes nas relações entre as pessoas. Impulsionar-nos inspirados em (BAUMAN, 2001) contribui para entender que vivemos em uma sociedade efêmera, em completa mudança; uma cultura individualista em que os compromissos voejam e se desfazem como água entre os dedos, parece não ser possível pensar em estratégias para melhorar a vida do outro. Enquanto docentes, comover-se das dificuldades de acesso ao conhecimento necessário à existência de nossos alunos é ter uma consciência política e ética de lutar para garanti-los.

Mas, o que se percebe é que a educação escolar não tem acompanhado as constantes mudanças na vida contemporânea. Não se discutem com as crianças, adolescentes e os jovens, os problemas que os atinge. Às escolas pouco ou quase nada conseguem fixar como conhecimento efetivo para seus alunos, e este problema não diz respeito apenas aos professores. São reflexos de uma pedagogia diretiva (BECKER, 2012) e suas questões estruturais que interferem também nas relações interpessoais que se tornam cada vez mais frágeis afastando ainda mais as soluções para superar uma rotina enfadonha.

Sendo assim, para os alunos sedentários, com maiores possibilidades de se envolver com os colegas e educadores, pela relação presencial ser mais constante, faça ideia de como se dar com os alunos em situação itinerante.



### 3.4 Uma parada para tomar folego.

No intuito de dilatar as discussões sobre os circenses em situação itinerante, cabe ainda refletir sobre o seu domicílio, o qual, ainda existe no imaginário de muitas pessoas como não existente, ou como sendo estes de forma geral, apenas andarilhos errantes em busca de aventuras, artistas mambembes descomprometidos com as regras sociais estabelecidas para uma organização coletiva, uma visão pejorativa e errônea sobre os circenses tradicionais.

Não obstante, essa classe de artista referida, é tratada pelos circenses tradicionais como sendo *macuambas* [sic], artista que apesar de sua qualidade profissional com habilidades incríveis, não se comprometem com as regras estabelecidas nem firmam contratos demorados com nenhuma companhia circense. De acordo com uma proprietária de uma pequena companhia tradicional de circo e ex-dançarina, acróbata e mágica: “não se deve contar muito com artista *macuamba*, o camarada chega ao circo, diz que é artista e que sabe levar vários números no picadeiro. Você faz um contrato com ele!” Estes contratos entre artistas de pequenas companhias, especificamente as pesquisadas para construção deste trabalho, são firmados de forma verbal, combinações entre os artistas individuais ou estes representando sua família e os proprietários do circo. Para finalizar o entendimento a este respeito do assunto, a circense tradicional explica:

Você firma um contrato com o *macuamba*, ele muitas vezes sabe levar malabares, trapézio, mágica, número com fogo... Bom mesmo! Mas, é largado... Tipo assim, com a mesma roupa que ele está lá na portaria, conversando com alguém na rua; ele ouve quando o apresentador anuncia o número... Corre e entra no picadeiro, entendeu? O mambembe não respeita a arte... Tem outros, que apresentam bem no primeiro espetáculo! A gente diz tá aí um artista bom... Termina o espetáculo, ele recebe o cachê, pronto! O cara desaparece... Muitas vezes chega bêbedo, procurando confusão com as pessoas da praça (*peças da cidade*) ou mesmo com os artistas do circo. Em outros casos, vai embora sem dar notícia, você não sabe se foi preso, se morreu... Mas, como a gente de circo, na maioria, todo mundo se conhece, um liga... (*risos*) Ei, passou um *macuamba*

por aqui (risos)... É assim! (ENTREVISTA CONCEDIDA NO CIRCO FRANÇA EM SENHOR DO BONFIM, 2017)

A diversidade no comportamento profissional e pessoal não se resume aos povos circenses. Assim, como existem; políticos, religiosos, professores, policiais etc. com posturas questionáveis, existem também artistas circenses; tradicionais ou *macuambas*. Porém, talvez seja os procedimentos de alguns indivíduos que façam com que o imaginário popular passe a julgar toda uma classe. Se um sujeito cometeu uma atitude inaceitável por outro grupo de pessoas, aquela classe a qual pertence, corre o risco de ser estereotipada como passível de cometer o mesmo comportamento.

Contudo, perceber a diferença entre os artistas circenses que aprendem e desenvolvem suas habilidades a partir de projetos sociais, escolas especializadas, treinos coletivos ou mesmo de forma autodidata e os circenses que vêm de uma tradição é importante. A distinção é adequada para uma análise mais precisa das formas específicas de lidar com cada situação e de perceber as diversas formas de ser e estar no mundo do circo. Para Silva (2009), ser tradicional de circo vai além de contrapor elementos não tradicionais, mas que fazem parte do circo hoje, a autora diz que:

Ser tradicional para o circense não significava e não significa apenas representação do passado em relação ao presente. Ser tradicional significa pertencer a uma forma particular de fazer circo, significa ter passado pelo ritual de aprendizagem total do circo, não apenas de seu número. Mas de todos os aspectos que envolvem a sua manutenção. Ser tradicional é, portanto, ter recebido e ter transmitido através das gerações, os valores, os conhecimentos e práticas, resgatando o saber circense de seus antepassados. Não apenas lembranças, mas uma memória das relações sociais e de trabalho sendo a família o mastro central que sustenta toda esta estrutura. (SILVA, 1996, p. 56)

Para o circense pertencente a uma tradição, o circo faz parte de sua construção histórica pessoal, é uma forma de ser e estar no mundo. Nascer embaixo de uma lona, crescer e aprender percebendo a partir do conhecimento tácito como ser circense, faz desse sujeito parte de um todo muito complexo para o olhar estrangeiro. Esta reflexão contribui para se pensar o domicílio, a forma de residência das pessoas em situação itinerante e vai mais além quando em comparação com outras formas de residência mais comuns. De acordo com o Código Civil Brasileiro, TÍTULO III Do Domicílio:

Art. 70. O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo. Art. 71. Se, porém, a pessoa

natural tiver diversas residências, onde, alternadamente, viva, considerar-se-á domicílio seu qualquer delas. Art. 72. É também domicílio da pessoa natural, quanto às relações concernentes à profissão, o lugar onde esta é exercida. Parágrafo único. Se a pessoa exercer profissão em lugares diversos, cada um deles constituirá domicílio para as relações que lhe corresponderem. Art. 73. Ter-se-á por domicílio da pessoa natural, que não tenha residência habitual, o lugar onde for encontrada. Art. 74. Muda-se o domicílio, transferindo a residência, com a intenção manifesta de o mudar. Parágrafo único. A prova da intenção resultará do que declarar a pessoa às municipalidades dos lugares, que deixa, e para onde vai, ou, se tais declarações não fizer, da própria mudança, com as circunstâncias que a acompanharem. (BRASIL, CÓDIGO CIVIL, 2008, p. 153)

O artigo setenta e três do código civil contempla os circenses itinerantes com residência permanente em motorhome, trailer, barraca ou qualquer outro tipo de moradia. Ainda assim, as dificuldades do povo itinerante para serem beneficiados com conquistas sociais são inúmeras, incluindo as dificuldades de acompanhamento educacional e de saúde. Em entrevista concedida em Juazeiro/Bahia, uma artista acrobata e aramista diz:

Para nós, tudo é sempre mais difícil. Tenho três filhos menores sendo um menino e duas meninas. Cheguei a uma cidade, em uma situação muito ruim. Fui conversar com uma assistente social e depois com a secretária de ação social. Expliquei minha situação. Primeiro ela me perguntou se as crianças estavam estudando. Eu disse, já estão matriculados mas só vamos ficar aqui duas semanas porque nós não estamos conseguindo trabalhar por falta de público. Não está dando nem para comer. A mulher me olhou e disse - infelizmente não posso fazer nada, nós só cadastramos bolsa família de pessoas que tem residência fixa - E nossa residência não é fixa? Eu disse para ela, eu moro com meus filhos e meu marido no mesmo ônibus, onde paramos fixamos moradia, não residência fixa? O pai dos meus filhos é o palhaço do circo, todos nós nascemos no circo, à gente vai morar onde? (ARAMISTA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM JUAZEIRO – BAHIA)

De acordo com a artista o que mais emperrou para que ela conseguisse o benefício, foi o fato de não ter um documento que comprovasse sua residência. Continuou “eu vou esperar a gente chegar à cidade em que minha mãe reside para ver se eu consigo”. Os documentos necessários para o cadastro único são: Identidade/RG, CPF; Título de Eleitor; Carteira de trabalho; Certidão de nascimento ou casamento; Comprovante de renda; Comprovante de residência. (BRASIL, 2017)

Para algumas pessoas em situação de itinerância, incluindo circenses, em algumas circunstâncias, adquirir um benefício social pode representar muito já que a renda per capita está dentro do limite exigido.

Porém, para os itinerantes não é fácil. Bastaria o poder público por intercessão dos responsáveis pelo cadastro, interpretarem o Artigo 73 do código civil: “Ter-se-á por domicílio da pessoa natural, que não tenha residência habitual, o lugar onde for encontrada”. Se a proposta para complementação de renda deve contemplar as pessoas que se enquadram a estes parâmetros, não é justo excluir os itinerantes.

Ao analisarmos os textos das observações e entrevistas e cruzar as informações dos dados construídos no processo, percebemos que uns circenses solicitam algum auxílio nos municípios, outros não aceitam nenhuma contribuição a não ser que tenha um retorno. Um secretário do Circo Encantos disse: “quando eu chego digo logo, sou de circo estou precisando do apoio, aí o prefeito diz o senhor precisa de que? Respondo apenas a liberação do terreno e pagar o alvará, só isto”. O circense afirma que em muitos casos, ao chegar à prefeitura, já são recebidos como se fosse pedintes, ele continua. “Você pagando o alvará custa eles te respeitarem, veja lá você pedindo a liberação do pagamento do terreno”.

Durante a observação, em uma conversa informal, o circense afirmou que “quando há possibilidade de diálogo, revertemos o valor em ingressos para alunos de escola pública, ou fazemos uma permuta com apresentação de espetáculo com entrada livre”. O artista, confessa que esta metodologia não é humilhante, uma vez que ele não está pedindo nada, apenas modificando a forma de pagamento do alvará ao fazer um escambo.

O labor da vida itinerante segundo os envolvidos na pesquisa não é fácil, uma das questões difíceis de resolver é quando as pessoas “não se acostam a respeitar a atividade circense como trabalho”. A maioria dos entrevistados disse que, quando eles ficam mais de quinze dias em uma praça, as pessoas começam a pedir ingresso. Muitas vezes o circo chega a trabalhar com quase a metade da casa com cortesia. Ao perceber que o público está diminuindo e as despesas aumentam, chegou a hora de partir para outro destino. O itinerário é seguir em busca do que os circenses chamam de “praça descansada” (lugar em que não tenha passado um circo no mínimo em um ano) Para Bolognesi (2003):

A permanência de um circo num lugar, além das relações imediatas com a vizinhança onde se instala e com a cidade de um modo geral, sempre dependeu de vários outros fatores, tais como condições

climáticas, aceitação do espetáculo com o consequente retorno de bilheteria, extensão do repertório etc. (BOLOGNESI, 2003, p.48)

Um dos fatores que interferem na permanência é o retorno da bilheteria, sem o qual, o espetáculo não pode continuar uma vez que não paga as despesas. No fim do espetáculo, os artistas contratados precisam receber o cachê e segundo uma proprietária, “como você vai explicar que não tem dinheiro se o circo estava lotado”. Os circenses dizem que hoje em dia são raros os casos de invasão, mas ainda acontece, “antigamente nós precisávamos contratar pessoas para vigiar as grades”, hoje é muito difícil alguém querer invadir o circo para assistir sem pagar o ingresso. O valor do ingresso nos circos visitados estava cinco reais a estreia, três reais nos outros dias. Os circos não possuíam arquibancada, apenas cadeiras plásticas, variando entre cem a trezentas cadeiras. A vulnerabilidade a qual estão submetidos os obriga a fazer a própria segurança da moradia, uma bilheteira afirmou que:

Tem lugar que a gente chega moço e vêm uns drogados, uns bêbados que querem entrar na marra, sem pagar; outros pulam a grade. Se a gente pede para sair, eles jogam pedra. Tem lugar que a gente não dorme de noite, porque eles ficam ameaçando tocar fogo nos ônibus com a gente dentro, incendiar o circo. (BILHETEIRA, IGARA, SEHOR DO BONFIM, 2017)

A situação não é agradável, mas esta é a realidade da maioria dos circenses itinerantes. Todos nós estamos vulneráveis diante da realidade social em que vivemos. Os circenses pesquisados afirmam que é difícil ter registros de roubo, mas, em um dos circos pesquisados para a pesquisa o proprietário nos relatou que “na cidade de Ponto Novo, um menor infrator invadiu o ônibus em que dormia eu, e minha família”. Segundo os circense, o indivíduo furtou objetos pessoais, ao ser flagrado; o suposto larápio tentou escapar correndo por dentro do circo e foi surpreendido por outros circenses que dormiam sob a lona, ao ser capturado e entregue as autoridades foi que se constatou que era um menor.

No dia seguinte ao acontecido, o indivíduo retornou ao circo com outros jovens. Durante o evento, promoveram um espetáculo à parte interrompendo com gritos etc. Ao fim do show, permaneceram em frente ao circo desfilando e ameaçando os circenses com uma arma de fogo. Após denúncia, foram mais uma vez surpreendidos, um dos jovens por ser maior de

idade foi detido e encaminhado para o complexo em Senhor do Bonfim. O circo fora desmontado e seguiram para um povoado do município de Filadélfia/Bahia.

Declarações desta natureza são lamentáveis, tanto ao se pensar na segurança e vida dos circenses itinerantes, como dos próprios jovens em situação de vulnerabilidade, suscetíveis ao tráfico e às drogas ilícitas, como também, a influência de criminosos. A decadência da sociedade alastra-se chegando aos lugares menos prováveis e deixa suas marcas entre as pessoas.

O circo, como espaço de entretenimento e lazer encontra-se em dificuldade. O público a quem as pequenas companhias circenses dedicam seu espetáculo encontra-se acomodado e dia após dia recebe pelos meios de comunicação de massa tsunamis de informações manipuladas. Paulatinamente se alastram e espalham sua ideologia de subserviência e mau gosto.

A indústria cultural ao se apropriar das mais variadas formas de expressão popular, troca-lhes as embalagens, tornando-as mais coloridas e as devolve para o povo de forma pasteurizada para o consumo em demasia. As angústias, sofrimentos e carências tornam as pessoas suscetíveis as mais vis emoções. Talvez isto explique o baixo nível da maioria das músicas e linguagem utilizadas nos espetáculos. Será que “o artista deve ir onde o povo está” e mostrar-lhes o habitual? Não é necessário assistir o espetáculo da vida cotidiana no picadeiro, o circo é espaço de arte e arte é devaneio.

O movimento próprio da história e a ambiência dos novos contextos socioculturais nos quais os circos se inscrevem no decorrer das décadas geraram grandes mudanças nos circos brasileiros. Além da televisão, o crescimento desordenado das cidades, onde os poderes públicos não consideraram os espaços públicos de lazer e quando o fizeram não reservaram espaços centrais para os circos itinerantes, empurrando-os para a periferia das cidades, influenciou o circo a tomada de decisões quanto ao repertório, historicamente conectado com seu tempo. (SILVA, 2014, p.156-157)

Os jovens das camadas populares frequentavam o circo para viver momentos de encanto. Realizar o sonho de Ícaro ao assistir os voos do trapezista, ou encantar-se pela beleza do elenco diverso na realização do espetáculo. É triste saber que jovens foram ao circo para roubar objetos e trocar por drogas. Não é possível conceber o circo como ambiente propício à tamanha brutalidade, tudo isso nos dão provas do quanto é urgente encontrarmos novas propostas para a construção de novos códigos sociais e a

educação formal pode contribuir muito para que o maior número possível de pessoas tenha acesso a uma escola com formação mais humana.

O acesso as mais variadas formas de arte como elemento essencial da cultura pode contribuir para o processo de humanização e as artes circenses, como também o próprio povo do circo pode contribuir muito nos ensinando como ser itinerante sem precisar viajar por outras estradas além das trilhas da leitura e encantos de seu espetáculo.



#### CAPÍTULO 4 - UMA CARTA NA MANGA.

No circo o prestidigitador ou mágico como é mais comum ser conhecido, é o profissional que tem a capacidade de desenvolver a arte do ilusionismo. Suas habilidades impressionam pela velocidade com que move as mãos fazendo aparecer e desaparecer pequenos objetos, como também, a utilização de técnicas a partir de estudos e jogos de lógica impressionando pela sua performance e carisma.

Ao analisar o lócus da pesquisa e os territórios trabalhados, se pode até brincar ao dizer que foi preciso “mágica” para se alcançar os objetivos previstos diante do curto espaço de tempo. A investigação foi realizada seguindo um itinerário de Senhor do Bonfim a Irecê, chegando a outros territórios em cidades como Capim Grosso, Pintadas e Valente. Para o intento ser alcançado, viajamos em uma equipe com três pessoas: Aina Andrade da Silva - secretária; Rodrigo Santos – fotógrafo e cinegrafista e José Benedito Andrade de Oliveira pesquisador principal. Os circos e as escolas foram catalogados; os artistas, proprietários de circo e professores que se disponibilizaram livremente a participar das entrevistas assinaram documentos permitindo a utilização para fins acadêmicos de todo produto gravado em vídeo e áudio. O material construído e coletado conseqüentemente foi transcrito de forma minuciosa para análise e interpretação. A pesquisa com esta dimensão só foi possível, porque o pesquisador principal tem uma relação com ambos os lócus. O primeiro por ser palhaço e conhecer algumas companhias de circo o

que facilitou o contato com outros circenses que colaboravam indicando as companhias mais acessíveis, inclusive, ligando para antecipar o encontro, em muitos casos, quando chegávamos, os circenses já sabiam o teor da visita. E em segundo, por ser professor e atuar em diversas cidades no itinerário traçado para realizar a pesquisa. Cabe ressaltar, que entre as ações da pesquisa, estava previsto a realização do I Fórum Sobre Educação Formal de Estudantes Circenses Itinerantes no Semiárido Baiano (FECISB), o qual foi realizado em Senhor do Bonfim, no Centro Juvenil de Ciências e Cultura.

Durante a pesquisa e após ouvir vários profissionais da educação e circenses, transcrever as entrevistas, analisar o grupo focal e as anotações das observações, percebemos a importância do produto que nos propomos a criar. Assim, acreditamos que uma cartilha ilustrada, contendo textos explicativos, leis e sugestão de atividades pedagógicas identificadas nas falas dos participantes, junto com um documentário, realizado com depoimentos de artistas circenses e professores; ambos, produtos finais previstos no projeto de pesquisa, vão contribuir sobremaneira como subsídio para um apoio aos professores e circenses no tocante ao atendimento escolar, constituindo-se como elementos de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes no semiárido baiano e alhures.

Desta forma, o estudo vai contribuir para o processo de formação principalmente do professor da educação básica. E são os discursos dos participantes durante toda pesquisa e no referido fórum que endossam nossa afirmação. De acordo com uma participante o processo de mudança está na formação do professor, a professora e secretária de educação participante no referido fórum, afirma:

O direito do estudante em situação itinerante está posto e nosso dever enquanto poder público é garantir. Acredito que toda dificuldade perpassa pela formação. E quando falo de educação, me refiro a itinerância formativa do aluno e da formação continuada do professor. Particularmente acredito que toda dificuldade que enfrentamos na educação perpassa necessariamente pela formação continuada ou em exercício. (SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SENHOR DO BONFIM, FECISB, 2017)

Em relação às contribuições que material supracitado pode oferecer, um circense do Weverton Circo afirma: “rapaz, com certeza este material vai cooperar com nosso trabalho. As pessoas precisam conhecer nossas dificuldades, como também entender que nós podemos contribuir muito

nos lugares em que chegarmos, inclusive na escola levando arte”. Ainda sobre o tema uma artista contratada pelo circo Indianópolis diz: “vai ajudar muito, como a cartilha Bahia de todos os circos, que tem contribuído com informações importantes e telefones, que quando estamos aperreados, ligamos e eles nos atende, às vezes não resolve nada, mas pelo menos atende e tira dúvida”. Após algumas análises críticas sobre as seleções nos editais de fomento a cultura no Estado da Bahia, a artista completou seu raciocínio ao dizer: “no caso do trabalho de vocês, vai ser importante, porque quando a gente chegar a numa escola vamos poder mostrar o material e, dizer assim – olha aí as leis e os direitos que nós temos. Não é só matrícula, precisa de apoio... Como é? (risos) Pedagógico”.

Diante de toda discussão, estamos cientes de que nenhum material pedagógico, nenhuma lei ou acordo pode contribuir para as transformações sociais se não houver participação dos principais envolvidos e interessados nestas mudanças. Assim, acreditamos que a realização do I Fórum Sobre Educação Formal de Estudantes Circenses Itinerantes no Semiárido Baiano (FECISB), demarca um ponto de partida. Podemos analisar que este sirva pelo menos como referência para se pensar estas questões no município de Senhor do Bonfim. No FECISB, contamos com a presença de profissionais e representantes de instituições importantes como Prefeitura Municipal de Senhor do Bonfim, Câmara de Vereadores, Instituto Federal de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Centro Juvenil de Ciências e Cultura, Instituto Nacional de Seguro Social, entre outras entidades filantrópicas, associações, grupos artísticos, estudantes e produtores culturais. Se os mais de cinquenta participantes deste primeiro fórum se comprometerem com a causa dos circenses itinerantes, poderemos acreditar que haverá uma reverberação desta luta em defesa dos direitos sócias destes sujeitos e conseqüentemente um fortalecimento das artes circenses no semiárido baiano a começar por Senhor do Bonfim. Sobre a relevância das artes circenses no Brasil Lima (2017), diz:

Nota-se claramente que possui evidente relevância no país a atividade do artista circense e que existem dispositivos legais que almejam a proteção destes, as normas trabalhistas celetistas são aplicáveis em sua totalidade aos artistas circenses e por existir contrato de trabalho com natureza distinta da empregatícia é possível

que as normas do Direito Civil lhe sejam aplicáveis. (LIMA, 2017, p. 17)

É aqui que entra o papel desta nova escola a qual desejamos; uma escola que informa, instrui e prepara-se junto com os sujeitos para a autonomia, condição de quem luta para garantir seus direitos e desenvolvimento social, porque segundo Freire (2015, p.76), “não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos”. Quando a escola contribuir para que o sujeito perceba sua identidade no mundo, ele passará a entender que ao aprender também se ensina, e, de fato começará perceber que sua identidade influencia outras e, este se entusiasma por aquelas ainda que inconscientemente.



#### **4.1 Um melodrama contemporâneo**

Durante a pesquisa identificamos nos circos a presença de elementos do teatro, principalmente nas apresentações cômicas e esquetes de palhaços; mas, as discussões sobre o teatro nas pequenas companhias de circo no decorrer da investigação ocorreram em muitos casos após desligar a câmera e permanecer no local em observação. Entrementes de conversas informais, com os circenses mais relaxados da tensão natural durante a entrevista, ficamos mais atentos para percebermos o discurso nas entrelinhas. Segundo Rosa (2008, p. 22) “o entrevistador, deve nessa situação, agir com discernimento, não se envolvendo emocionalmente, mas aproveitando para fazer uma investigação mais profunda”. Os circenses passaram a narrar suas histórias de vida e as diversas experiências dentro e fora do picadeiro. Porém, muitas questões polêmicas e assuntos delicados não serão expostos neste trabalho devido seu escopo não possibilitar abrangência para determinados temas, podendo ser tratados em trabalhos futuros.

Quanto aos circenses, um dos assuntos prediletos era falar dos espetáculos do passado e o prestígio do circo na época. Histórias muitas vezes conhecidas apenas por reprodução oral repassada pelos artistas mais velhos; supomos isto por registro de frases perceptíveis como “eu mesmo não participei dos dramas; minha mãe diz que no tempo dela, o circo era outra

coisa. Tinha drama, o povo chorava, o circo vivia lotado”. As conversas apresentavam um tom melancólico e saudosista ao falar dos dramas e comédias representadas nos circos de seus pais e avós; como também, a comparação com as apresentações contemporâneas principalmente nos pequenos circos os quais - quase todos os circenses se conhecem e sabem qual o repertório apresentado. Eles dizem: “circo é tudo igual”! Decerto, em cada um deles se percebe as semelhanças nos números e diversidade na performance do artista.

Atentos, aguardávamos uma oportunidade na conversa para direcionar o assunto para o foco de nossa pesquisa. Enquanto isso não ocorria, continuávamos a tratar de teatro no circo. Sobre essa questão, especificamente sobre o melodrama, Silva (2014), apresenta estudos relevantes na área das Artes Cênicas; uma contribuição desmedida para futuros estudiosos. Sua pesquisa apresenta registros e referências que comprovam as influências dos espetáculos clássicos de teatro dos grandes circos em montagens de pequenas companhias principalmente no interior da Bahia. Em sua tese o pesquisador descreve a arte circense a partir de um lugar e diz que:

Inicialmente, é preciso novamente lembrar que circo e artes circenses são conceitos e têm idades diferentes. O segundo passo é informar que, embora façamos um breve apanhado do circo antigo, é do circo moderno que trata esta tese. As artes circenses nascem com o próprio homem e sua necessidade de extrapolar limites e investigar suas potencialidades corporais, como mostram os registros de pinturas rupestres em algumas partes do mundo. O conceito de circo é construído em torno de um espetáculo comercial configurado na segunda metade do século XVIII que evoluiu de exibições equestres à inclusão de diversas apresentações artísticas, dentre as quais o teatro se coloca de forma particular durante mais de meio século. (SILVA, 2014, p.27)

Os estudos do referido pesquisador indicam que o espetáculo no espaço ao qual se convencionou chamar de circo moderno, desde sua origem traz a presença do teatro; e, arriscamos dizer que especificamente nas pequenas companhias em circulação pelo semiárido baiano, também se percebe elementos teatrais. Todavia, como já mencionado não faz parte deste estudo aprofundar sobre questões mais gerais do campo das Artes Cênicas; como por exemplo, diferenciar quais as modalidades e categorias dos espetáculos circenses, quais eram as peças apresentadas, ou até mesmo, quais eram os repertórios das companhias. Ficamos com algumas referências

a título de contribuição para que haja reflexões sobre questões mais gerais; sabendo-se, no entanto, de qual lugar estamos nos posicionando.

Nosso estudo propõe pensar sobre esta gente, que faz teatro, que é de circo e que assim como nós, também está exposta às muitas fragilidades; seus filhos são vulneráveis aos vícios, violências e fracassos na vida profissional e social. São meninos e meninas vivendo de forma itinerante, acompanhando seus pais em sua jornada de trabalho e aprendendo no convívio, um jeito de ser, ver e viver no mundo. Pessoas que cantam, dançam, interpretam, gesticulam com ou sem a utilização de objetos específicos para expressar-se. Como também, sofrem, amam, adoecem. E quanto a isso, passam por mazelas como todos os filhos das classes menos favorecidas economicamente. A recepção em órgãos públicos não é diferente e também são maltratados, e quando contraem alguma enfermidade, são achacados de forma desumana como toda gente pobre. A educação que recebem por intermédio dos órgãos oficiais, não valoriza sua essência, a história não fala de seus antepassados, o estudo da geografia, não enxerga o povo da lona como partícipe na estrutura social, sua produção econômica faz parte da soma, mas no montante não entra na divisão com retornos e benefícios que os contemplem, e, sua linguagem não vai além das datas comemorativas ou das ilustrações como arte decorativa. O estudante circense precisa adequar-se as regras estabelecidas e impostas para quem pertencem a grupos fixos nas cidades. Se para estudantes em condições sedentárias, o desenvolvimento educacional é periclitante por não existir acompanhamento adequado, avalie-se para o estudante itinerante. É como exigir que um estudante enfermo deixasse o leito hospitalar para cumprir as exigências pedagógicas em sala de aula comum. Paula (2010) ao falar da educação em classe hospitalar afirma que:

Quando uma criança ou adolescente estão sendo escolarizados e são internados em hospitais, muitas vezes, muitos professores das escolas de origem não se preocupam com o que está ocorrendo com eles. Para muitos desses professores, as condições precárias de trabalho associados ao desinteresse pela realidade dos alunos faz com que essas crianças e adolescentes sejam esquecidas. Os movimentos de setores da sociedade civil em prol da educação para essas minorias têm procurado atender a essas demandas, possibilitando outras formas de educação na sociedade brasileira, não somente as tradicionalmente existentes. (PAULA, 2010, p.7)

A autora fala de movimentos de setores da sociedade civil preocupados com a educação desses estudantes e apresenta estudos e

resultados nas pesquisas sobre o tema. No delineamento do nosso trabalho, ao nos referirmos aos estudantes em situação itinerante, compreendemos a abrangência da designação. Desta forma, restringimos a pesquisar os estudantes circenses itinerantes de pequenas companhias de circo, acreditando ser possível facilitar o estudo diante do tempo e processo metodológico para realiza-lo. Mas a referência a alunos itinerantes em espaço hospitalar nos remete a reflexões mais amplas, apontando para as semelhanças entre as diversas formas de itinerância, o que, de forma particular nos estimula tendo como referências proposições para esse público.

Tais análises são indícios para se entender que independente da situação, todos os grupos itinerantes infelizmente passam por semelhantes mazelas e, compreender isso, instiga a consciência coletiva perceber que torna obrigação dos órgãos públicos como as escolas, as universidades, sistema de saúde, segurança etc. tomar partido posicionando-se mais com estas questões porque na ausência de atendimento específico para estas pessoas, precisamos expor e discutir em diversas esferas no intuito de alterar estas condições.

Foi assim, que durante a realização do primeiro Fórum Sobre Educação Formal de Estudantes Circenses Itinerantes no Semiárido Baiano (FECISB) em Senhor do Bonfim, uma proposição da pesquisa a qual nos referimos aqui; que ouvimos as dificuldades e propostas para se pensar em uma rede colaborativa de apoio a educação escolar formal para os circenses itinerantes. Um professor do curso de pedagogia da UNEB discutiu sobre a importância de se pensar com base no artigo quarto da resolução número três de dois mil e doze, do conselho nacional de educação, nas estratégias pedagógicas para os estudantes de que trata a lei. Porque de acordo com o exposto pelo professor, “o circo e outras instituições itinerantes, não se encaixam na solidez, na fixidez das coisas pensadas para uma sociedade tal qual temos; dividida, encaixável, enquadrada”. A sociedade a qual nos fala o professor, é o reflexo da escola ou vice-versa. E nestes espaços as regras estão postas de maneira que não é fácil modificar sem maior esforço e participação ampla da sociedade.

Semelhante às reflexões do professor, a Secretária de Educação do município de Senhor do Bonfim, presente no referido fórum, diz que: “garantir aos estudantes em situação itinerante, conteúdos básicos para sua

escolarização não é suficiente, é preciso trabalhar conhecimentos necessário, não se restringindo a técnica de formação profissionalizante, mas, conteúdos de interesse na vida do aluno”. Entendemos que uma das maiores preocupações está em se conseguir contemplar estas ações. Existe a boa vontade, mas é necessário romper com o comodismo e superar as incertezas. Alguns passos são necessários e é importante iniciar para que outros também possam avançar mais, e, gradativamente melhorar as condições deste alunado. Os conteúdos trabalhados na escola, se necessários ou não, se precisarem ser substituídos, modificados, acrescentados não será em decorrência dos estudantes itinerantes, mas de todo o sistema educacional. Se uma base curricular comum é aprovada, que o acesso seja irrestrito, se os dias letivos não são suficientes para que os itinerantes se apropriem dos conteúdos, que outras estratégias sejam encontradas para garantir-lhes o conhecimento necessário como a todos os alunos, aqui está nossa busca.

No entanto, o que se percebe é que o trabalho pedagógico com esses estudantes restringe-se a personalidade do professor, não sendo assumido como compromisso institucional. Identificamos em uma declaração de transferência de aluno itinerante – o documento, disponibilizado por uma mãe que indica a preocupação da professora ao receber o aluno na turma em que lecionava. Diz o documento:

Parecer do aluno: (...), o aluno circense frequentou esta unidade escolar cursando o 4º ano do ensino fundamental no período de 05/08 a 22/08 do ano de 2016. O estudante apresenta na escrita à hipótese silábica sem valor sonoro. Seu comportamento demonstrou timidez dentro de sala de aula. O estudante fora estimulado a realizar atividades apropriadas para o nível de escrita em que se encontra, porém, a criança não conseguiu avançar. Indicamos que na próxima escola os responsáveis pelo acompanhamento pedagógico do referido estudante siga trabalhando para que ele possa alcançar a escrita do próprio nome, escrita de autonomia, texto de memória e outras atividades que possa ajuda-lo a vencer as dificuldades nessa área. (DECLARAÇÃO ANEXA À TRANSFERÊNCIA DE ALUNO CIRCENSE, ACESSO EM 2017)

Percebemos a preocupação da professora em identificar as dificuldades do aluno, como também é possível compreender a base de formação da docente que se fundamenta na teoria de Ferreiro e Teberosky (1999), para descrever a fase em que percebe qual seria o adequado para o momento dessa criança, que de acordo com as autoras citadas, neste período se espera que o desenvolvimento:

[...] consiste em que: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome); mas, além disso, b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.209).

Desse modo, ao analisar o parecer emitido pela professora supracitada, passamos a refletir sobre o papel da escola na condução do processo de ensino dos estudantes itinerantes. A docente demonstra conhecimento das necessidades da criança, e preocupação com seu desenvolvimento ao indicar “que na próxima escola os responsáveis pelo acompanhamento pedagógico do referido estudante siga trabalhando para que ele possa alcançar a escrita do próprio nome etc.”. Ela não se atém a descrever o que trabalhou com o aluno; além disso, instrui para a permanência e acompanhamento do estudante itinerante na próxima escola.

A professora cumpre adequadamente o que diz a resolução de número três de dois mil e doze do conselho nacional de educação, no artigo quarto, parágrafo primeiro: “A instituição de educação deverá desenvolver estratégias pedagógicas adequadas às suas necessidades de aprendizagem”. Assim, ao se discutir a permanência dos estudantes circenses itinerantes na educação formal, se pensa primordialmente no acompanhamento e as proposições seguem no sentido de que se garanta cumprir o que já existe. E é em relação ao supracitado que nos atemos neste trabalho. São proposições neste sentido que nos interessa e essas discussões estimularam o debate no primeiro Fórum Sobre Educação Formal de Estudantes Circenses Itinerantes no Semiárido Baiano (FECISB).

Além de circenses, professores, estudantes de graduação e pós-graduação, pesquisadores e Secretária de Educação; no fórum, contamos com a presença de representantes do poder legislativo, técnico do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e o Secretário Municipal de Cultura. Todas as discussões convergiram para se pensar em formas de apoio a educação escolar dos circenses itinerantes do semiárido baiano. Durante a realização do evento, ficou nítido para os presentes que todos os depoentes acreditam numa articulação integrada para se alcançar essa finalidade. O técnico do INSS, diz que: “não é possível pensar na arte do circense sem compreender suas

necessidades básicas e os caminhos para uma seguridade social, como também, em uma formação para um planejamento futuro destes profissionais”. Decerto, não é possível pensar separadamente a relação da criança circense com a escola, sem entender seu modo de vida, as condições de seus pais etc.

As inúmeras necessidades possibilitavam muitas interpretações o que em muitos casos poderia extrapolar o tempo para discussões específicas. De forma democrática e lúdica tentamos orientar os trabalhos organizando-os em tempo de fala e direção do foco da conversa para o tema, quando ocorriam elucubrações mais livres. Muitas dificuldades existentes foram expostas, mas também apareceram proposições como a ideia de uma professora de matemática de uma escola quilombola. Ela disse que:

Com base nos fundamentos da etnomatemática, nós podemos aproveitar as relações sociais, discutir a economia gerada no circo, pensar sobre as formas geométricas ou medir os equipamentos, pensar em peso, valor (...) etc. Tem muito que fazer com base em materiais presentes no próprio circo. Os conteúdos desta matemática podem ser trabalhados de forma que contemple os saberes dos alunos circenses itinerantes. (DEPOIMENTO DE UMA PROFESSORA NO FECISB, 2017)

A docente disse ainda que os problemas estão na base da formação dos professores. Discussão semelhante foi mencionada por uma professora do povoado de Barracas, município de Ponto Novo Bahia; também uma professora da rede estadual de educação em Senhor do Bonfim, participante do grupo focal realizado durante a pesquisa, disse que falta formação continuada. Segundo a professora:

Nas semanas pedagógicas das escolas, nos encontros de formação continuada, precisa de um curso para tratar da questão. Assim, como se discute educação para pessoas com necessidades educacionais especiais, precisamos saber como lidar com crianças em situação itinerante, quais projetos nós podemos desenvolver na escola. Não discutimos sobre isso durante a graduação, não falamos sobre o assunto nos encontros de planejamento e em nenhum momento. Acredito que a formação continuada é que pode dá conta disso. Vocês poderiam propor formar uma equipe para discutir sobre este assunto nas escolas. (DEPOIMENTO DE UMA PROFESSORA NO GRUPO FOCAL, 2017)

Percebemos que as muitas dificuldades no processo de desenvolvimento das aulas, acompanhamento com os alunos, estudos, planejamentos etc. não possibilita pensar sobre outras questões presentes na escola. Aqui, vive-se cada dia tentando solucionar os problemas momentâneos, as professoras entrevistadas durante a pesquisa, em nenhum momento se

negaram a colaborar e pensar estratégias para atender aos alunos itinerantes, decerto, a ausência de políticas de formação continuada é a maior interferência no atendimento dos alunos circenses itinerantes nas escolas, não se tem um tempo específico para coletivamente se pensar e criar estratégias para receber estes estudantes. A coordenadora pedagógica de uma escola estadual em Senhor do Bonfim disse:

Aqui nós não planejamos atividades específicas para atender alunos itinerantes, quando acontece de eles virem se matricular na escola, nós fazemos uma sondagem para saber como está o desenvolvimento dele na série em que se encontra e quais os conteúdos que já domina, em quais as áreas, quais as maiores e menores dificuldades com os assuntos. Após esta sondagem, nós os encaminhamos para cada professor indicando possíveis atividades que possa contribuir para aquele aluno em especial e realizamos um relatório sobre este aluno que será anexado a sua transferência. (DEPOIMENTO DE UMA COORDENADORA PEDAGÓGICA NO GRUPO FOCAL, 2017)

A escola pesquisada fica localizada em um bairro próximo de um espaço em que os circos costumam armar suas lonas quando chegam à cidade. A instituição em especial conta com uma profissional que entre outras atividades, realiza um acompanhamento personalizado com os alunos. Percebemos que a ação contribui para o trabalho do professor que tem acesso ao relatório do aluno antes de recebê-lo em sala de aula e ganha tempo para pensar atividades para auxiliá-lo. Entendemos que este atendimento colabora para a recepção do estudante circense e facilita o trabalho do professor em sala de aula. Exemplos como o da escola citada, foram apresentados no fórum, e muitas pessoas se interessaram pelo fazer pedagógico e acompanhamento das atividades dos estudantes itinerantes. Entendemos com isso, que não é preciso “descobrir a pólvora”, é suficiente formação e compromisso das instituições e seus profissionais.

As contribuições dos participantes nos estimularam a pensar em proposições para uma rede de apoio educacional para estudantes em condição itinerante. Quando nos referimos a proposições, queremos acentuar a busca por respostas para muitas questões relacionadas ao tema, atentos inclusive para lidar com devaneios incorpóreos, visto que a realidade das escolas e da maioria dos professores da educação básica não demanda de um tempo pedagógico suficiente para grandes inovações. Em suma, não queremos ampliar o trabalho do professor; apenas desejamos propor adequação de

atividades pedagógicas específicas para estudantes itinerantes dentro do tempo pedagógico existente, cumprindo a lei e contemplando um público desassistido. Porém, atentos para o que diz uma estudante de pedagogia: “precisamos de material não como receita pronta, mas como parâmetro para outras criações e estratégias pedagógicas para nos subsidiar em sala de aula”.

Dessa forma, podem-se propor estudos por intermédio e participação dos sujeitos que vivenciam no dia a dia a construção de novos métodos para aprender. Os circenses podem disponibilizar material para a produção escrita, decodificando cada peça que faz parte da montagem do circo e o gosto para escrever em primeiro lugar o nome de objetos de seu cotidiano, conseqüentemente o estimulará a escrever novas palavras e possivelmente a realização de atividades extraclasse se torne mais prazerosa Barbosa (2014, p.28) diz: “a leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal”. Devido às experiências, muitos circenses começam encontrar possibilidades para o acompanhamento pedagógico de seus filhos de forma intuitiva, disse-nos uma jovem do circo Indianópolis:

Em muitas situações nossas crianças ficavam atrasadas porque não tinha como os professores acompanharem as atividades. Nós já deixamos as meninas (filhas) na casa de um amigo em uma praça (cidade em que armam o circo) em Mulungu do Morro, para ela realizar as atividades e voltamos depois para leva-las. Mas, é muita preocupação. Eu acho que se tivesse como a escola fazer um reforço, seria bem melhor. As meninas estão matriculadas em uma escola, se tivesse uma professora que fosse ao circo no horário diferente da aula, ou se elas pudessem voltar para a escola em outro momento só para um reforço, eu acho que elas aprenderiam mais e não ficavam sem os conteúdos necessários. (ENTREVISTA CONCEDIDA NA CIDADE DE MORRO DO CHAPEL, 2017)

A mãe mostra-se preocupada não apenas com a matrícula das filhas, mas com o desenvolvimento e o aprendizado de novos conteúdos importantes para o desenvolvimento educacional das menores, como também, sugere estratégias a serem realizadas pela escola. Ao citar a possibilidade de um acompanhamento com atividades pedagógicas no circo, refere-se à aproximação da instituição educacional ao seu ambiente o que possibilita maior intimidade entre os espaços de formação desses estudantes, o não formal que é o circo e o formal que é a escola. Para tanto, percebemos que é necessário ampliar a formação dos professores com reflexões e práticas sobre estas questões nos cursos de licenciatura, porque provavelmente, esses, em algum momento passarão por uma situação de ensino com estudantes itinerantes.

Dessa forma, conhecer as características destes estudantes como partícipes no processo de aprendizado vai cativa-los, ou quem sabe possa até contribuir com a influência deles com os outros colegas, estimulando-os a realizar atividades expressando-se em público com maior segurança em defesa de suas convicções, a formação do professor contribui de forma desmedida para isso. Os alunos circenses tem facilidade com atividades lúdicas, esse potencial aproveitado pelos professores, pode colaborar com a turma realizando atividades com a utilização de encenações com cenas curtas improvisadas, o que pode contribuir para avaliar além da expressão e comunicação, diversos conteúdos nos discursos dos estudantes. O teatro na sala de aula pode caracterizar-se como grande potencial pedagógico. Sobre o teatro na escola, Japiassu (2012), diz:

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSU, 2012, p.26)

No circo não é tão diferente e ao refletir sobre suas formas teatrais, inclusive pensando seu potencial pedagógico, tomamo-las como impulso para estimular a entrevista com as educadoras participantes da pesquisa convidando-as a falarem sobre a relação com o teatro na educação básica, no intuito de identificar atividades possíveis de serem propostas em um subsídio para a rede de apoio aos estudantes circenses. Passamos a ouvir e registrar algumas experiências tomando-as como base de análise para compreender as influências no cotidiano da escola; tentamos assim, identificar no discurso das educadoras as ligações entre as atividades artísticas do circo ou teatro com as práticas e participação dos alunos circenses na escola, registrando inclusive relações diretas entre as práticas desses estudantes e os conteúdos programáticos obrigatórios.

Algumas educadoras afirmaram já ter realizado algumas atividades principalmente em datas comemorativas. Uma professora da cidade de Xique-Xique Bahia em entrevista concedida em 2017, fala de suas experiências e diz o quanto à educação básica contribuiu em sua formação, tornando-se a profissional que é. Ela afirma: “nós realizávamos algumas dramatizações na

escola. Inclusive, lembro-me que na época de estudante nós tínhamos uma professora que gostava de organizar dramas, principalmente em comemoração ao dia das mães, acho que isso me influenciou muito”. Já a professora da cidade de Uibaí Bahia, entrevistada em Jacobina em 2017, disse: “no povoado em que eu trabalhava, os alunos oriundos do circo participavam de tudo. No dia das mães organizamos um teatro e eles se apresentaram, e, nós os avaliamos em alguns aspectos pela expressão artística. A ideia era valorizar o conhecimento deles”. A professora disse que os colegas junto com ela criaram estratégias para analisar o desembaraço dos alunos circenses, sua capacidade de leitura e interpretação, identificando na oralidade os conteúdos trabalhados no período.

Percebemos que as professoras, ao realizar atividades com estudantes itinerantes, principalmente os circenses, procuraram estratégias para contemplar os alunos incluindo-os em atividades que aparentam maior facilidade para que esses, possam se expressar e com isso, serem avaliados. As atividades realizadas pelas professoras lembra o que disse uma jovem contorcionista do circo Darley em 2017, “nós não estamos pedindo nota gratuita, mas sim, que os professores possam avaliar e registrar na declaração que, adquirimos uma determinada pontuação para apresentarmos na próxima escola e somarmos, para até o fim do ano alcançar à média”.

Aqui, não avaliamos ser o método mais adequado ou não. Mas, como positiva à iniciativa das professoras em pensar estratégias pedagógicas para contemplar os alunos itinerantes. No entanto, seguir determinados procedimentos requer alguns cuidados para não se expor os estudantes circenses como se fossem seres exóticos e que a única forma de avalia-los é pela expressão oral ou física, por sua performance, diferenciando-os dos demais alunos. Para Moretto (2014, p.115) “a avaliação da aprendizagem é angustiante para muitos professores por não saberem como transformá-la num processo que não seja mera cobrança de conteúdos aprendidos de cor, de forma mecânica e sem muito significado para o aluno”. As professoras citadas desenvolveram estratégias com contribuíram para a formação dos alunos utilizando os conhecimentos prévios daqueles o que pode ser uma boa tática de ensino ampliando as possibilidades didáticas. Contudo, preocupamo-nos com uma visão ainda presente em algumas escolas que veem a arte de forma

fragmentada, ilustrativa, cabível apenas nas festividades de um projeto pedagógico e os artistas não tão importantes quanto à arte que fazem.

Diante dessa visão, pensar a capacidade lógica matemática, suas possibilidades de acesso aos códigos linguísticos e os campos das outras ciências etc. são os mais necessários à formação desse aluno e não compreende uma articulação entre todos os conhecimentos, inclusive a arte. “Aluno de circo não precisa estudar”, disse uma professora a uma mãe circense, na época do ocorrido, dançarina no circo Incaros montando em uma cidade do semiárido baiano, a professora foi instruída a se passar pela diretora e afirmou “não precisa e não vou matricular”. Foi necessário recorrer ao secretário de educação do município para garantir a matrícula dos estudantes.

Interpretamos que a compreensão que a profissional da educação tinha naquele momento sobre o circo, não possibilitava inseri-los em atividades comuns a todas as crianças da mesma faixa etária, a compreensão das leis fugiram-lhe das faculdades mentais ao aceitar se passar por outra pessoa, fingindo ser a diretora da escola e cometer uma violência psíquica contra pessoas em busca de seus direitos. No caso específico ao qual nos referimos acima, questionamos a professora de Uibaí sobre outras áreas do conhecimento e como foram realizadas as atividades. A docente disse:

Também trabalhamos com projetos e lembro-me que a professora de ciências fez um trabalho com eles sobre os alimentos produzidos no circo; receitas, higiene... A colega de matemática trabalhou a economia do circo. Depois, na culminância é que teve a dramatização. (ENTREVISTA CONCEDIDA EM JACOBINA, 2017)

Pensar estratégias pedagógicas com atividades no campo das Artes Cênicas demonstra que as declarações das docentes em lugares distintos são indícios de que, as professoras, mesmo sem saber da existência de leis específicas que amparam os estudantes itinerantes, se comprometeram com o desenvolvimento dos alunos promovendo atividades possíveis para a aprendizagem e avaliação dos conteúdos desenvolvidos no período em que esses estiveram matriculados nas escolas em que ensinava. O exemplo das duas professoras em oposição à professora conservadora, indica a diversidade formativa e o compromisso pessoal e das instituições formadoras em preparar melhor os profissionais da educação para que possam atuar de forma diversa na escola.

Identificamos também, as influências dos espetáculos circenses no fazer pedagógico das professoras, ao citarem suas experiências como alunas e consequente desdobramento em sua vida profissional. O depoimento diz respeito à educação básica, e, percebemos que os efeitos das experiências podem colaborar muito na formação dos sujeitos. Para Dewey (2010, p. 119) “A natureza íntima da emoção manifesta-se na experiência de quem assiste a uma peça no palco ou lê um romance”. Assim, entendemos o papel formador da emoção em nossas vidas; a experiência em assistir um espetáculo circense principalmente enquanto criança é impressionante, e, as interações entre os atores, os circenses e o público transformam as vidas das pessoas significando presenças fundantes em sua existência. Porém, entendemos que é necessário aprofundar mais. Aparentemente o discurso sobre o circo é rico em ludicidade, no entanto, não demonstra o desenvolvimento qualitativo do estudante em áreas específicas e necessárias à sua formação comum, a escola não pode negligenciar o ensino das áreas específicas para o aluno itinerante.



#### **4.2 O teatro faz escola no circo**

A título de exemplo podemos dizer que o teatro no circo alcança outra dimensão ao ser apreciado no interior de uma estrutura colossal, lúdica e rica esteticamente. Ao apresentar o circo-teatro no Brasil, Castro (2005), refere-se a Benjamin de Oliveira e diz que:

[...] foi no Circo Spinelli que Benjamin lançou o teatro combinado com circo - o circo-teatro. Antes de Benjamin os circos costumavam apresentar pantomimas na segunda parte do espetáculo. Inteiramente realizadas com mímica, as pantomimas utilizavam recursos circenses como acrobacias a cavalo, entrada em cena dos animais e as habilidades acrobáticas dos artistas nas muitas cenas de luta. Mas pantomima era pantomima, não era Teatro. (CASTRO, 2005, p. 173)

A autora faz um estudo sobre os palhaços no Brasil e no mundo, seu trabalho é de grande relevância para compreendermos as bases de formação deste profissional do riso, das feiras e praças públicas aos picadeiros e palcos de circo e teatro, o palhaço apresenta-se no circo desde suas origens e sua performance é essencial para uma compreensão popular da existência do circo, “não existe circo sem palhaço e se este for ruim, o circo não presta”;

principalmente o circo pequeno. A relação intrínseca do teatro com o circo leva Bolognesi (2003) afirma que:

O contato ininterrupto que os circenses estabelecem com o teatro e seus artistas possibilitou o desenvolvimento de uma modalidade de espetáculo diferenciada: o circo-teatro. Se as cidades brasileiras, principalmente as do interior do país, ansiavam pela representação teatral, durante um longo período coube ao circo à satisfação desse desejo. Em plena época do predomínio do romantismo na capital federal e nos principais palcos do país, o circo, à sua maneira, o que quer dizer, enfatizando o melodrama, estendeu esse ideário às mais diversas localidades. (BOLOGNESI, 2003, p. 51)

Como explicitado pelo pesquisador, o circo cumpre uma função cultural acima de tudo ao levar seus espetáculos para os lugares mais distantes dos grandes centros o que significa contribuir com a dinamização de repertório cultural, artístico e de lazer para muitas pessoas que não teriam acesso a obras clássicas das Artes Cênicas universais. O circo garantiu durante muito tempo e ainda o faz em certa medida, para que as pessoas possam assistir em seu povoado, em sua cidade, em um espaço que podemos definir como “centro cultural ambulante”, espetáculos referentes às Artes Cênicas, Música, Artes Visuais etc. com preços acessíveis a maioria. Entre o público destes espetáculos encontravam-se decerto, professores e professoras da educação básica que não refutaram em levar estas formas artísticas para suas salas de aula encantando seus alunos.

A questão é pensar como todo este histórico rico culturalmente, pode ser adaptado para integrar um currículo e cria estratégias de acesso aos conteúdos básicos dentro da estrutura escolar. Porque, se muitas peças teatrais fruídas nos circos passaram a ser apresentadas nas escolas, nos quintais daqueles amantes da encenação, que ficavam encantados com o fascínio dos espetáculos e não tinha possibilidade de exporem-se em outros palcos, ou optavam por fazer de seus próprios quintais os grandes palcos da vida. Como afirma uma professora entrevistada na cidade de Irecê “nós montávamos as peças, digo, nós chamávamos de dramas. Nós montávamos nos quintais e o povo da rua vinha assistir, pagavam ingresso e tudo. Não sei por que, mas, cobrávamos em palitos de fósforo (riso)”. As crianças faziam releituras das obras apresentadas no circo de forma livre e, a brincadeira os aproximava da cultura ampliando reflexões sobre os códigos sociais ainda que de forma inconsciente. A lente continua afirmando: “sabíamos que tinha que

pagar ingresso, então cada pessoa tinha que levar uma quantidade de palitos de fósforo. As mães ficavam danadas com o sumiço das caixas de fósforo (riso)”. Compreendemos que a criança aprende também ao imitar e repetir os gestos dos mais velhos. Porém, no campo da arte, as ações de um grupo em evidência podem influenciar outros artistas como no caso do bonfinense José Carvalho que recebeu grande influência do circo-teatro para suas produções teatrais realizadas inicialmente no seu próprio quintal-teatro. Segundo Carvalho (2010):

Entre os dados biográficos de José Carvalho destacam-se, além das aptidões profissionais, a temporada de seis meses no circo Merediva; a localização da sua residência próxima a um terreno onde companhias circenses se instalavam e a função de estafeta na Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro – por onde chegavam muitas dessas companhias – como fatores preponderantes para a constituição de sua identidade artística. Essas experiências pessoais e estéticas culminaram com a criação do que foi chamado na pesquisa de quintal-teatro, onde as peças desse artista eram ensaiadas e apresentadas antes da sua transferência para os auditórios do Instituto de Assistência à Infância, Salão Paroquial e Ginásio Sagrado Coração, Marista. (CARVALHO, 2010, p. 46)

Os dramas de José Carvalho, e as brincadeiras de teatro das professoras entrevistadas demonstram as influências do circo-teatro na vida dessas pessoas e seus desdobramentos na escola, apresentados como espetáculos, ou em forma de atividade pedagógica, sua presença marcou gerações. A partir dos relatos das professoras, podemos pensar algumas proposições para se criar atividades para acompanhamento dos circenses e introduzir conteúdos de leitura de textos de circo-teatro, atividades de matemática com base em problemas relacionados à sua prática diária, estudos geográficos etc. Com atenção para não criar constrangimento expondo o estudante publicamente, os professores podem solicitar que apresentem textos narrados por seus pais, tios, avós; homens e mulheres deste vasto território chamado Brasil que podem nos contar suas histórias e emoções ao assistir, discutir ou mesmo criar e apresentar peças teatrais nas mais diversas categorias, como os alunos não itinerantes que possam apresentar relatos de apresentações nos quintais, nos circos ou nos teatros. Silva (2014) afirma que:

As peças encenadas em circos ficaram esquecidas durante muito tempo, por um lado porque foram desgastadas pelo tempo e por outro porque foram perdidas em função do descuido gerado pela diminuição do prestígio dos dramas depois da popularização da televisão, embora em alguns circos as peças tenham se mantido no

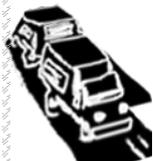
repertório em quase toda extensão da segunda metade do século XX, apesar dos aparelhos receptores de TV. (SILVA, 2014 p.295)

Se muitos fatores contribuíram e contribuem para que as peças teatrais não estejam em evidências nos circos de pequeno porte ou nos espaços possíveis nas cidades, a escola pode inclusive contribuir com este debate propondo outra valorização dessa arte. Contudo, a título de exemplo, poderíamos citar três fatores que dificulta esta prática no circo o que pode ser pensado também em outros espaços: a) o sujeito precisa de uma formação específica, desenvolvida com a família ou em espaços propícios para formação de atores; b) a própria faina do circense; em que eles mesmos fazem todas as atividades braçais durante todo o dia e à noite apresentam o espetáculo. Encontrar motivação e força para os ensaios neste caso é muito difícil; e, c) o custo para montagem, manutenção e transporte de material cênico. Isto tudo, sem contar que o prestígio das Artes Cênicas necessita de revitalização para novo destaque na sociedade. Cabe refletir sobre o porquê de o povo não ir ao circo e ao teatro com maior frequência atualmente. Para Grotowski (1987),

Não sabemos se o teatro ainda é necessário atualmente, uma vez que todas as atrações sociais, os divertimentos, os efeitos de forma e cor foram tomados pelo cinema e pela televisão. Todo mundo repete a mesma pergunta retórica: o teatro é necessário? Mas nós só o fazemos para poder responder: sim, e, porque se trata de uma arte sempre jovem e necessária. (GROTOWSKI, 1987, p. 35)

Entretanto, se os circos do semiárido baiano retornassem a praticar apresentações teatrais clássicas, mesmo adaptadas para contemplar o público atual, talvez o respeitável público retornasse ao circo. Mas isto só seria possível se houvesse incentivo e financiamento para este retorno. Acreditamos que alguns problemas seriam resolvidos, como: a) os artistas da mesma família, trupe ou coletivo compondo o elenco das peças; b) um artista mais velho, ou alguém mais experiente com a linguagem assumiria a direção da peça, agregando a isto, qualidade estética no intuito de agradar melhor o público, ou as propostas financeiras, de incentivos promovidos pelo poder público contratasse profissionais para colaborar com as primeiras montagens; c) o espetáculo do circo retornaria com uma segunda parte mais consistente diminuindo a necessidade de muitos números de variedade, uma vez que realiza-los com extrema qualidade depende de profissionais com as devidas competências, e quanto mais artistas contratado, mais despesas para o circo.

E no caso da peça teatral, os artistas que participam da primeira parte podem fazer personagens e revezar nas cenas. A iniciativa ampliaria o repertório cultural, servindo como lazer e formação estética inclusive para a escola ao participar de forma direta ao assistir aos espetáculos nas matinês, ou indiretamente a partir dos desdobramentos e influências sofridas em todos os setores sociais.



### 4.3 O circo chegou e agora?

Compreendemos a importância de tratar do espetáculo circense porque é papel da escola formar as pessoas para apreciar, conhecer e produzir as mais variadas artes. Garantir acesso às formas de arte é acima de tudo uma função político-pedagógica da escola. No povoado de Igara em Senhor do Bonfim, ao questionar a uma artista circense do Weverton Circo quais as proposições para aproximar o circo da escola, o apresentador e palhaço disse categoricamente:

Uma das dificuldades é conseguir uma parceria com a escola para que o alunado possa vir ao circo. Se a criança tem acesso ao circo, ele adquire mais conhecimento da arte e inclusive ajuda na socialização dos nossos filhos que passa a ser mais aceito pelos colegas. Bastaria à direção da escola, ou a professora, perceber que este formato de escola não funciona mais. Os alunos ficam entediados, eu digo até pelo meu filho. As professoras dizem que ele é muito inquieto, não fica parado na sala. Agora pense, este menino vive este mundo do circo, que por mais que a gente tenha controle, ele é mais livre do que outras crianças. Ele brinca com as coisas do circo, olha lá com o que ele está brincando (um garoto de oito anos brinca no picadeiro com um monociclo) então, a escola falta isso; lugar para brincar. Não estou dizendo que não é para fazer os exercícios, mas pode ser de outro jeito. (...) O qual eu não sei, mas as professoras devem saber. (ENTREVISTA CONCEDIDA NO POVOADO DE IGARA, SENHOR DO BONFIM, 2017)

De acordo com o artista, em suas itinerâncias pelo semiárido baiano, são raros os lugares em que a escola aceita dialogar com os circenses para que possam garantir acesso das crianças ao circo. Podemos pensar sobre o que nos diz o palhaço, porém, devemos levar em consideração também a questão da escola. Na cidade de Campo Formoso, algumas professoras e uma coordenadora das séries iniciais questionaram sobre a qualidade do espetáculo dos circos, como também falaram sobre o planejamento e a necessidade de cumprir as atividades; falaram da dificuldade em levar as crianças para o circo. Uma das docentes diz:

Não é fácil você resolver algumas questões ligadas à saída com a criança da escola. Por exemplo, chega um circo na cidade, para eu levar os alunos, preciso ter autorização dos pais; da escola... Eu não posso fazer as coisas assim, sem planejamento entende? Primeiro tem muitos alunos da mesma família, o pai vai mandar dinheiro para um e para o outro não? Não vai! A gente sabe, conhecemos nossos alunos, suas origens. É uma pena, eles ficam com vontade de ir... Mas, quem vai pagar? No mês que vamos comemorar o dia do circo, vamos pintar as crianças de palhaço. Quando eu chegar a minha casa, farei um monte de gravatinha e colarinho de papel crepom. Seria tão bom se pudéssemos realizar uma festinha no circo e eles assistissem ao espetáculo. Mas, a gente faz o que pode (...)  
(ENTREVISTA CONCEDIDA NA CIDADE DE CAMPO FORMOSO BAHIA, 2017)

A professora fala que “seria tão bom se pudéssemos realizar uma festinha no circo e eles assistissem ao espetáculo”. Para ela, o contato das crianças como o circo, principalmente no momento em que se realiza uma atividade na semana em que se comemora o dia do circo seria muito proveitoso para se contextualizar o assunto. A professora disse que em outro momento já recebeu aluno itinerante, e que foram muitas as dificuldades, principalmente porque as crianças não faziam as atividades e que era preciso se pensar atividades extras, mas que os responsáveis pelo trabalho avaliativo deveriam ser os professores da série em que o aluno estivesse matriculado. Por exemplo, o aluno faz um reforço em horário oposto à aula e leva as atividades para a professora avaliar e acompanhar o desenvolvimento. Outro exemplo de atividade foi citado por uma artista circense do circo Darley, a dançarina diz:

Já aconteceu de chegar ao final da unidade, aí a professora conversou comigo. Ela pegou meu caderno, olhou os assuntos da unidade inteira, olhou todo assunto que eu tinha. Elaborou uma prova complementou com os conteúdos que eu estudei na semana... Exemplo, eu cheguei à última semana, o assunto da última semana e o que tem no meu caderno ela fez uma única prova e me entregou para eu fazer, valendo como a nota da prova que eles iriam realizar, o resultado depende do meu conhecimento. É uma boa estratégia para a gente, por que... Se todas as escolas fizessem assim ajudava. A gente chega ou mais atrasadas ou mais adiantadas do que os outros, então se pegam meu assunto e passam uma atividade com base no que estudei, vai depender do meu esforço para responder a prova e adquirir a nota. (ENTREVISTA CONCEDIDA NO POVOADO DE COVAS, QUEIMADAS, BAHIA)

Para cumprir as exigências com avaliações quantitativas os estudantes itinerantes dependem de atividades complementares caso cheguem fora do período de avaliação, o ideal é que os professores realizem relatórios em que se possa perceber o desenvolvimento qualitativo do estudante para

que se possa acompanhá-lo de forma mais pertinente. Uma das propostas mais eficientes para se avaliar os estudantes nessas condições, talvez seja a abordagem triangular em que Barbosa (2010), explica que utilizando de uma abordagem triangular, o professor possibilita que o aluno tenha conhecimento amplo da cultura identificando as construções ideológicas tendo com isto a possibilidade de desconstruí-las ou preservá-las. No caso do aluno circense itinerante, ao perceber sua história de vida com a arte como importante, uma vez que faz parte da cultura e da arte, ele pode contextualizar os conhecimentos escolares com sua história de vida, inclusive a montagem do circo como intervenção de arte visual em consonância com outras áreas vai proporcionar relações entre os diversos conhecimentos e conteúdos. Em relação à arte a autora diz que:

Entretanto, considero que sonegar arte na escola é tão danoso quanto esquecer as outras manifestações da Cultura Visual que exercem mais diretamente influência no comportamento social por visarem exatamente dominar comportamentos e desejos. A desconstrução crítica do poder interessa à Arte e à Cultura Visual. Arte e Cultura Visual devem conviver nos currículos e salas de aulas, suas imagens devem ser analisadas com o mesmo rigor crítico para combatermos formas colonizadoras da mente e dos comportamentos. (BARBOSA, 2010, p.21-22).

Formas colonizadoras do ponto de vista estético são extremamente sutis, a título de exemplo podemos citar os conceitos de beleza que paulatinamente assumem lugar de destaque inibindo a diversidade, a maneira como se lê o mundo não é livre e o direcionamento define padrões. Quando as professoras falam da qualidade do espetáculo, se referem mais a parte da encenação, de acordo com as depoentes, existem piadas preconceituosas e termos inadequados para as crianças. Nas observações identificamos em três circos durante a realização das matinês que os shows eram semelhantes ao apresentado à noite para adultos, com o diferencial nas duplas de palhaços que apresentavam esquetes como “abelha abelhinha” e brincadeiras. Nós não identificamos nos espetáculos, discursos pejorativos, porém, certa apologia à violência com a simulação de tapas entre os palhaços. Nos mesmos circos à noite, registramos frases pejorativas e discursos preconceituosos no espetáculo para adultos.

Ao conversar com uma proprietária de um dos circos, ela afirmou: “nós temos um espetáculo só para criança, que são as matinês ou os que

levamos para escola, e temos espetáculos abertos que são os apresentados à noite, se os pais trazem os filhos à responsabilidade é deles”. Intuímos que os outros circenses responderiam de forma semelhante. Um palhaço entrevistado em Senhor do Bonfim disse: “não vou citar o nome da cidade para não criar problemas. O promotor proibiu que as crianças com menos de dez anos de idade fossem ao circo à noite, ainda que acompanhados pelos pais. Nosso público são as crianças, como vamos trabalhar?”. Acreditamos que a formação dos circenses pesquisados, analisando do ponto de vista ideológico e ético, tem muitas similitudes o que os leva a agir de forma muito parecida, entre as questões estéticas do espetáculo até as relações diretas com a escola e as pessoas. O problema da formação ética e estética não parte apenas do indivíduo, necessitamos de interferências formativas nos espaços não formais, informais e nos espaços formais. Precisamos de uma sociedade educada, de uma cidade educada. Não é com proibições que se muda a linguagem, e sim com formação para se compreender as fases do desenvolvimento humano e construir uma estrutura para o riso que não precise de uma carga pejorativa ou preconceituosa para identificar elementos cômicos nas apresentações.

Aqui, apresentamos um ensejo para se pensar sobre o sentido de beleza a que a estrutura hegemônica determina como válida e como os circenses ou os professores da educação básica, principalmente das redes públicas definem o que é belo. Passemos a presumir qual é a concepção de boniteza para a professora que perguntou ao jovem circense, “porque vocês não procuram uma vida digna para vocês?” Indignar-se apenas com a docente é não perceber a preleção coletiva predominante; é não pensar sobre os circenses, a forma como vivem e são recepcionados onde quer que cheguem e se declarem como circenses itinerantes e pobres. Os discursos xenofóbicos e segregativos impregnam-se sorrateiramente tornando-se imperceptíveis aos menos atentos.

Além disto, é pernicioso não pensar de que forma estes códigos são construídos a ponto de serem aceitos como válidos por professores e pais, e, não mover forças para encontrar parâmetros para questioná-los e redefini-los numa outra dimensão e construção do belo, principalmente em uma escola que os tempos pedagógicos não permitem aos estudantes momentos de fruição, leituras e experimentações de diversas formas estéticas. “A beleza habita a

relação. A relação que um sujeito (com uma determinada percepção) mantém com um objeto. A beleza está entre o sujeito e o objeto” (DUARTE JÚNIOR, 2009, p.45). Desta forma, precisamos saber o que é beleza para nossos alunos e como eles compreendem as formas de arte presente em seu cotidiano e até que ponto percebe o que é bonito em sua própria vida. Sobre a questão estética, de acordo com Schiller (2014):

Esta disposição intermediária, em que a mente não é constrangida nem física nem moralmente, embora seja ativa dos dois modos, merece privilégio de ser chamada uma disposição livre, e se chamamos físico o estado de determinação sensível, e lógico e moral o de determinação racional, devemos chamar de estético o estado de determinabilidade real e ativa. (SCHILLER, 2014, p.98)

Para pensar em uma beleza construída a partir da liberdade, é preciso saber em que se baseia o conceito de livre e se após muitas reflexões se consegue chegar a uma decisão que venha definir o que significa determinado estado de espírito de forma racional, mas, contudo, permitindo-se ao deleite do conhecimento sensível e deixando-o agir; será neste instante em que ao se perceber as sensações provocadas pelo estado instantâneo em que se vivencia contemplando determinada atitude, ação ou objeto, que passaremos a compreender a experiência estética.

Dessa maneira, cremos que a beleza será sempre diferente para cada pessoa. Mas, compreendemos também que quem as concebe recebe influências diversas; daí, nós não acreditamos em uma radical neutralidade, inatismo ou em uma mente como papel em branco como na teoria empirista. A consciência de que os conceitos são construídos culturalmente com influências sociais e genéticas e suas representações no mundo são diversas, estimula as pessoas a se permitirem pensar em criar suas próprias concepções de beleza, com análises críticas, práticas e reflexões nos mais variados momentos de sua vida.

Ao criar conceitos a partir de influências genéticas ou culturais, mas que acima de tudo, se garanta o respeito, se alcança outros pontos de vista sobre determinado assunto, inibe a ditadura do pensar certo a partir das formas estipuladas de forma hegemônica. Se as formas de olhar são construídas ideologicamente, precisamos descolonizar a vista e compreender os princípios em que a suposta ideologia se firma para manter a essência da construção social valorizando o coletivo. Contudo, sabemos que não é atividade simples e

requer esforço pessoal e tempo para estudo. Peirce (2005) ao tratar da semiótica afirma que:

O corpo de um símbolo transforma-se lentamente, mas seu significado cresce inevitavelmente, incorpora novos elementos e livra-se de elementos velhos. Mas todos deveriam esforçar-se por manter imutável e exata a essência de cada termo científico, embora uma exatidão absoluta não chegue a ser concebível. Todo símbolo é, em sua origem, ou uma imagem da ideia significada, ou uma reminiscência de alguma ocorrência individual, pessoa ou coisa, ligada a seu significado, ou é uma metáfora. (PEIRNCE, 2005, p. 40)

Os estudos do filósofo norte-americano contribuem para uma análise de nossa própria formação ao identificar nas maneiras de pensar e ver o mundo que devemos manter a essência dos símbolos. Porém, estamos em constante mudança e a essência precisa se manter para se conservar o ser humano e a natureza como um todo. Contudo, uma visão dominante nos leva a repetir com base em conceitos presentes na memória coletiva e impostos com sutileza e linguagem aceita com mansidão e poucas reflexões, ações que muitas das vezes não sabemos quais as origens de seus conceitos, palavras ou símbolos que disseminam suas ideias as quais são repetidas por nós mesmos.

Acreditamos ser imprescindível perceber determinados conceitos utilizados principalmente na escola e que passam a fazer parte do pensamento dos professores e estudantes. São palavras aparentemente inofensivas, mas que constroem visões deturpadas inibindo a autonomia e a confiança pessoal. As imagens, as ideias, as palavras carregam o peso dos seus conceitos e estes são construídos a partir das impressões de quem os definem como necessários em determinado momento para discutir assunto deliberado. Não queremos dizer com isto que acreditamos na existência de uma conspiração que formula de modo intencional ideias preconceituosas e discursos xenófobos; mas a rejeição do outro por ser diferente é basilar para a xenofobia. O simples fato de definir o belo a partir de um padrão segrega e separa os “bonitos” de um lado e os “feios” do outro. O nosso olhar é construído por padrões, vemos apenas o que nos ensinam e mudar de perspectiva não é tarefa fácil, transformar-se é um incômodo para quem se adequa aos costumes cotidianos como verdadeiros e imutáveis. Gomes (2013), afirma que rever a forma de olhar é subversão no fazer pedagógico, de acordo com o autor:

É perceptível que nos falta aprender a olhar mais, despertar o fascínio pela visão e assim, reinventar uma nova história para a realidade em nossa volta. Não aprendemos ainda a despertar esse olhar mais acurado, sensibilizado e autônomo posto que nossas escolas não estão preparadas para ensinar com ênfase nessa prática. Afinal, saber olhar é perigoso, é subversão, é ação. (GOMES, 2013, p.349)

No entanto, tudo o quanto é inovador perturba as mentes engessadas causando desconforto, incômodo emocional, intelectual e psíquico. Diz o autor: “saber olhar é perigoso, é subversão, é ação”, como também, os espíritos criativos recebem da mesma forma os impactos da rejeição e obrigam-se a determinar caminhos que facilitem o entendimento para quem ainda não conhece as palavras, imagens ou ideias inovadoras, para quem ainda não aprendeu a olhar com subversão. Peirce (2005) diz:

Naturalmente, o dever de suprir esta nova palavra recai sobre a pessoa que introduz o novo conceito; mas, trata-se de um dever que não deve ser assumido sem um profundo conhecimento dos princípios e um amplo entendimento dos detalhes e da história da terminologia especial em que ela vai encaixar-se, nem sem uma compreensão suficiente dos princípios de formação de palavras da língua nacional, nem sem um estudo adequado das leis dos símbolos em geral. (PEIRCE, 2005, p. 40)

Deste modo, analisamos que muito do que é dito na escola é deliberado e imposto de forma perpendicular descensional. As imagens, palavras e símbolos construídos multiplicam-se repetitivamente dificultando suas desconstruções; conceitos como belo, beleza, bom, permanece no imaginário com os princípios clássicos. Ainda que se diga que o que pode ser belo para um, não é para outros, e, que a beleza depende do ponto de vista do observador; estas expressões não formulam conceitos benquistos e o que predomina são as ideias em que os padrões eurocêntricos, norte-americanos, brancos, héteros determinam. Porque são conceitos padronizados e aceitos imperceptivelmente no processo formativo.

Assim, ao questionar a dignidade do jovem circense, a professora externou suas representações sobre o modo de vida itinerante, e, o conceito de belo neste sentido corresponde à supremacia do rico e famoso; o digno, de acordo com este ponto de vista é o sedentário, é o trabalhador assalariado com residência fixa ainda que de aluguel. Como se descreveria nas palavras de Weber (2011, p.52) “Assim, pois, o capitalismo atual, que veio para dominar a vida econômica, educa e seleciona os sujeitos de quem precisa, mediante o

processo de sobrevivência econômica do mais apto”. A vida do itinerante em defesa de sua sobrevivência e cultura profissional, de seus saberes como herança dos antepassados e espólio para os descendentes não pode ser equacionado na fórmula aritmética da professora que é a mesma fórmula de toda estrutura educacional.

O problema a ser resolvido segundo uma interpretação da perspectiva da professora; não era a matrícula, o acesso e permanência, e/ou acompanhamento pedagógico; tão pouco a formulação de atividades e exercícios a partir dos conteúdos trabalhados pelos circenses itinerantes presentes naquela escola. O incomodo apresentou-se por conta de um modo de vida diverso, incomum; e, portanto, disforme dos demais, logo, indigno.

O exíguo comentário da docente com ademã ridicularizantes expôs os jovens diante dos novos colegas na sala de aula. Contudo, uma análise do infortúnio do ponto de vista ideológico se fundamenta na formação estética, diz respeito aos conceitos que definem quando um objeto ou atitude pode ser compreendido como belo, valorativo, ou até como arte. Contudo, ao se compreender o sentido de beleza diante da diversidade, a pessoa passa a agregar o que antes aparentava estranheza; ao analisar e conhecer as diferentes formas de ver e viver as singularidades culturais passa-se a respeitar as diferenças adaptando-se as peculiaridades a fim de construir meios para uma convivência harmônica.

Entretanto, sabemos que a escola não está preparada para receber pessoas que não se adequem ao padrão. Infelizmente, a formação dos professores se baseia nas primeiras experiências adquiridas nos anos iniciais de sua formação e que levam para a vida profissional, como afirma Candau (1984, p. 15) “o núcleo inspirador dos meus primeiros anos de professora de Didática foi certamente minha própria experiência como aluna de Didática”. Como afirma a autora, as experiências na docência são construídas na convivência diária na sala de aula. Para iniciar profissionalmente, os professores buscam inspirações em seus processos formativos que, se exitosos qualificará suas iniciativas de ensino, caso contrário, o caminho torna-se espinhoso e se não houver o esforço principalmente do mestre que precisa facilitar o trajeto para o aluno, ao revés, principalmente na atualidade será penoso para ambos por que:

Nesta era da informação da comunicação, que se quer também a era do conhecimento, a escola não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. O aluno também já não é mais o receptáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O seu papel impõe-lhe exigências acrescidas. Ele tem de aprender a gerir e a relacionar informações para as transformar no seu conhecimento e no seu saber. Também a escola, tem de ser uma outra escola. A escola, como organização, tem de ser um sistema aberto, pensante e flexível. Sistema aberto sobre si mesmo, e aberto à comunidade em que se insere. (ALARCÃO, 2011, p. 16-17)

A escola precisa estar aberta para receber o diverso e a individualidade precisa ser respeitada. Porém, compreendemos que a forma como ela se encontra, não facilita o trabalho docente porque o tempo pedagógico não contempla as especificidades e tudo precisa ser conciso, rápido, dinâmico e raso. “O saber não ocupa lugar” e as regras são gerais atingindo apenas o básico. A professora disse para o jovem circense procurar uma vida digna. A escola, a estrutura educacional e seus profissionais precisam de uma vida digna.



#### 4.4 Ademã, palavrões e obscenidade...

Ouve-se com frequência expressões do tipo “o circo hoje não é a mesma coisa”, ou então “a decadência do circo se dá por conta da linguagem chula e dos gestos obscenos dos palhaços”. Gesto do latim [*gestus, atitude, movimento do corpo*], o gesto muitas vezes comunica mais que as palavras. Os surdos compreendem e se comunicam através de gestos. Quanto mais observamos o outro, tanto mais conseguimos compreender suas emoções e as diferenças entre o que dizem e seus gestos. No entanto, os gestos também podem enganar, pois mesmo aparentando universais, variam entre as pessoas e/ou situação em que são empregados; o conhecimento sobre leitura corporal facilita este entendimento. Por exemplo, movimentos exagerados podem demonstrar ansiedade, violência ou alegria; depender muito do contexto.

No teatro o gesto como expressão, segue em cada época “uma concepção original do *gesto*; o que, em contrapartida, influi na interpretação do ator e no estilo da representação.” Pavis (2015, p.185). Cada estilo produz sua gestualidade com o intuito de transmitir códigos específicos e comunicar-se de

forma adequada diante da plateia adepta de cada linguagem. O assunto na perspectiva do circo segundo Bolognesi (2003, p.189) “o corpo não é uma coisa, mas um organismo vivo que desafia seus próprios limites. O artista tem consciência da possibilidade do fracasso, que pode se dar em qualquer espetáculo, independentemente de todo treino e de toda perícia”. Desta forma, o gesto no circo caracteriza-se como sublime nas exibições acrobáticas e grotesco nas formas cômicas. Os trejeitos, paródias e brincadeiras com o corpo do palhaço, estimula o riso das imperfeições humanas expondo ao ridículo a hipocrisia camuflada em formas sacralizadas da gestualidade. Porém, já fora mencionado que, o gesto é construído de acordo com cada época, segundo Gassner (2007), as origens da gestualidade com alusões a sexualidade vêm de longa data:

Durante muito tempo fora costume celebrar Dionisios, que era tanto o deus da procriação quanto do vinho e da vegetação, por meio de mascaradas e procissões. Aqui, nos assim chamados “comos”, de onde derivou-se a palavra “comédia”, encontramos o rito sexual em plena expansão, com os atores (de início cidadãos não-especializados) disfarçados em pássaros, galos, cavalos e golfinhos, carregando acima das cabeças um imenso falo e cantando e dançando sugestivamente. (GASSNER, 2007, p.91)

Consequentemente, compreendemos que no picadeiro, a picardia, a ousadia, a sátira e gestos libidinosos nas cenas cômicas, carregam significados que em determinado período foram vistos como ritual de fertilização, em outros como críticas aos vícios e comportamentos sociais ridicularizados por atores e humoristas em cenas cômicas, mas que na atualidade é compreendido como despudor e comportamento amoral por algumas pessoas mais puritanas.

Contudo, referimo-nos a cenas com classificação etária disponível a um público adulto e consciente do conteúdo ao qual decide expor-se no intuito de expurgar sentimentos negativos sobre o subterfúgio da gargalhada. Quanto à exposição a qual os programas e espetáculos impõem aos menores e vulneráveis em canais abertos de televisão e espaços públicos, devem ser criticados com maior fervor, assim como, espetáculos e eventos com ações que fazem apologia a discursos e atitudes misóginas, homofóbicas ou preconceituosas.

Quanto ao desenvolvimento da linguagem, cabe à escola discutir a questão; a estrutura da educação precisa modificar-se para que temas polêmicos possam ser trabalhados e a própria sociedade modifique seus

hábitos reverberando um comportamento salutar. Porém, para que certas mudanças ocorram na gestualidade, é mister construir uma visão estética que possa valorizar expressões cômicas sutis. Entretanto, buscando diminuir paulatinamente a grosseria e vulgaridade nas palavras e gestos, principalmente ao se produzir apresentações para a infância. Disse-nos uma professora participante no grupo focal organizado em Senhor do Bonfim:

Não é que os circos devam se adequar aos tramites da escola, mas, nós mesmas, poderíamos conversar com os donos do circo e pedir que façam um espetáculo diferente para as crianças. Geralmente eles fazem, nos matinês! Uma dona de circo me disse: “nós temos palhaços para espetáculos à noite, e palhaços para shows infantis, matinês de escola”. Então falei para ela: a senhora chame este palhaço na hora do espetáculo para as crianças da escola. Nós não vamos trazer os alunos para assistirem uma coisa que depois eles vão ficar repetindo na escola (...). Todo mundo sabe como são as crianças, adoram repetir os bordões dos palhaços, aí tenha paciência para ouvir a mesma coisa miríades de vezes, e se palavras obscenas fizerem parte dos espetáculos, eles repetem do mesmo jeito com os colegas. O que mais se tem percebido em relação à linguagem, é a ausência de criticidade dos alunos. Eles falam com os colegas e até com os professores da mesma forma que eles se comunicam na rua. Usam palavrões, gírias! (*eles dizem, gíria não dialeto*), pior que isto; são as palavras de baixo calão. Bem, mas isto não quer dizer que eles aprendem no circo! Nem tem circo aqui e eles falam... São outras questões (...) falta de direcionamento da família, disciplina em casa... Os meios de comunicação de massa com estas músicas ruins etc. (PROFESSORA PARTICIPANTE DO GRUPO FOCAL, SENHOR DO BONFIM, 2017)

Optamos por manter na íntegra a opinião da professora, justamente pela riqueza dos detalhes na linha de raciocínio, o que poderia se perder ao fragmentá-lo. A professora inicia fazendo uma análise de como o circo deve se comportar para receber as crianças. Contudo, durante seu discurso ela passa a compreender que as questões estão para além da lona e expõe sua opinião sobre a maneira como as crianças e os professores devem se preparar para chegarem ao circo. Ao distanciar-se de uma visão pedagógica diretiva, a regente exhibe, mesmo que sem uma percepção imediata, que a questão vai para além do dia do espetáculo, da matinê. Para assistir ao espetáculo circense, não basta comprar o ingresso, o espectador precisa conhecer a história e como esta arte se desenvolveu; quem são as pessoas que a fazem e como vivem. A discussão trata do ensino da Arte na escola.

Quando a professora supõe que, “nós mesmas, poderíamos conversar com os donos do circo e pedir que façam um espetáculo diferente para as crianças”. A professora não pensa em interferir na produção estética

dos artistas circenses agindo como censora do espetáculo, ao contrário pensa em adequar o espetáculo a faixa etária dos alunos e sanar problemas relacionados à exposição das crianças a cenas interpretadas como improprias para os alunos. Ao pensar na inserção do aluno circense na escola, é preciso levar em consideração suas influências e formação, é necessário perceber a leitura de um corpo desenvolvido em determinado contexto social. Disse-nos uma mãe: “Muitas escolas exigem que compremos farda para meus filhos. Como, se ficamos uma semana no máximo em cada escola, vamos comprar uma farda em cada cidade que chegarmos”. Este corpo é lido como transgressor, como diferente dos outros estudantes uniformizados. Nossas roupas interferem na visualidade da sala de aula, incomoda pela diferença gritante e os outros alunos querem copiar, porque se uns podem vestir-se de forma mais livre, é sinal que as regras não são para todos, isso é subversão.

Um olhar mais curioso sobre o circo aborda um espectador voltado às questões mais abrangentes, alguém com interesse em uma apreciação estética e social da arte e isto independe de sua condição econômica e acadêmica, depende de sua formação intelectual. Perceber o conjunto de ideias que formam o conceito de circo, incluindo sua arte e sua gente, possibilita um entendimento maior sobre sua relação com os frequentadores desta casa de espetáculo e desses, com as instituições de ensino. O apreciador das artes circenses envolve-se com o modo de vida destes sujeitos em sua empresa e compreendem que as ações não são meras repetições técnicas, entendem que são pessoas em exercício de sua função de encantar os outros, para manterem-se vivos como um povo. Sua vida é o encantamento.

Por outro viés, a docente passa a compreender que a língua está viva e que as pessoas, circenses ou não circenses, aprendem no convívio com as outras e que entre a rua, o picadeiro e a sala de aula, as barreiras da linguagem não existem mais. Os sujeitos vivem intensamente tudo em todos os lugares e não tem como transformar as pessoas em fragmentos, separando as linguagens por muros ideológicos.

Se nosso discurso textual, corporal, visual, sonoro etc. não condiz com nossas práticas, não será através de imposições estéticas morais que faremos a diferença e sim, a partir do entendimento de que precisamos nos respeitar como seres humanos, isto é, independente do lugar, seja na sala de

aula, nos espaços religiosos ou oficiais, ou nos ambientes de lazer e entretenimento como o circo nos momentos de fruição; em que se vai para divertir-se e não zombar das fragilidades e sofrimentos dos outros.

Vai-se ao circo para afugentar a tristeza, e, sob o pano colorido sonhar, como se um grande lençol mágico nos fizesse adormecer por alguns instantes, permitindo-nos ao deleite desprovido de um realismo exagerado, de uma razão que impede a capacidade de criar e viver as fantasias de nossa própria imaginação e sorrir com as pantomimas e virtuosidades de uma gente que tem muito que ensinar com seu modo de vida; sério no profissionalismo e lúdico na forma de execução. E como diz uma artista circense do circo França:

Nós precisamos estudar sim. O conhecimento é a única coisa que ninguém nunca vai tirar de meus filhos. Eles vão para a escola porque é um direito deles, nem que eu tenha que brigar com professora, diretora, prefeito... Mas eles vão estudar, porque hoje ou amanhã, eles quem vão decidir se querem permanecer no circo ou se preferem seguir outro caminho. E mesmo assim, aqui no circo ou na cidade o conhecimento aprendido na escola vai servir muito para eles. Estes dois amam o circo e adoram o picadeiro, fazem vários números. Aquele pequenininho ali, (um garoto de dois anos) vive imitando o pai e fica ajudando o irmão na hora dos malabares. Cai uma clave ele corre e pega e entrega para o irmão. Agora esta aqui, (uma garota de cinco anos) não gosta e disse que não quer aprender nada de circo. (ENTREVISTA CONCEDIDA NO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO GONÇALVES BAHIA, 2017)

Mais uma vez o discurso da educação como direito e a consciência de que para alcançá-lo precisa de muita luta e consciência de sua função social. A fala da circense nos instiga a perceber que são necessários muitos debates sobre o tema, para se conseguir mostrar e conquistar o acesso aos direitos sociais. As diversas esferas sociais, as organizações da sociedade civil e o poder público precisa entender o papel do circo na estrutura cultural e social. Independente de serem circenses ou não, itinerantes ou não, a educação é um direito e o acesso, permanência e acompanhamento deve ser levado em consideração para que os estudantes tenham garantida a possibilidade de conhecer, aprofundar, criticar e construir outras possibilidades educacionais contemplando seu modo de ver e viver no mundo.



## ABAIXAR A LONA, SEGUIR O CORTEJO...

*No sertão, final da década de oitenta do século xx,  
Transportávamos o pano de roda e outras bugigangas  
Na garupa de uma bicicleta e, as crianças no colo.  
O circo é a estrada e os circenses precisam caminhar.  
Essa imagem não me sai da cabeça...  
Palhaço Carobinha.*

O que foi descrito no corpo do texto com fundamento na pesquisa e autores específicos, corrobora que também nos atenhamos principalmente a trabalhos voltados para questões que auxiliassem na discussão sobre os direitos sociais dos estudantes circenses em condição itinerante; ficando esclarecido que não foi parte essencial desse estudo, discutir de forma ampla e profunda sobre a história do circo de maneira geral. Assim, o presente texto alvitrou fomentar o debate para se criar proposição de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes a partir de subsídios como material informativo sobre a vida educacional dos circenses itinerantes e das práticas exitosas de professores e professoras da educação básica. Contudo, foi necessário apresentar situações periclitantes em que muitos circenses se encontram, com o intuito de se conhecer a realidade vivida por esses sujeitos e, fazer uma denúncia das mazelas e horrores promovidos pela negligência do poder público com as pessoas em condições itinerantes.

O estudo, resultado de pesquisa sobre o tema em questão, mesmo que se atentando para os devidos distanciamentos próprios da natureza do trabalho científico, está imbricado na formação do pesquisador principal o que tornou inevitável seu envolvimento emocional com o objeto, o que é manifesto na forma escrita e posicionamentos do pesquisador.

Foi dessa mesma forma, que ao se dirigir a historiografia circense e buscar consultas e aporte teórico para ajudar na construção dos resultados, que escolhemos autores e trabalhos que demonstrassem inclusive o envolvimento emocional com as questões pesquisadas. A escolha define-se como uma necessidade de alinhamento em defesa de uma escrita voltada para questões existenciais ao querer evidenciar o humano para além da técnica e,

para se perceber que a formação do professor para atender as demandas da educação básica necessita de uma relação muito mais sensível.

Dessa forma, ainda que não constituísse como principal objetivo do estudo, tentamos apresentar algumas referências pertinentes para demonstrar o lugar do circo na humanidade, revelar ou, no mínimo, provocar reflexões a respeito dos seus produtores, especificamente, os circenses itinerantes no semiárido baiano. Os quais, de acordo com nosso ponto de vista, contribuem para a formação de homens e mulheres no campo da arte e cultura nos espaços mais diversos em que se apresentam.

Assim, ao refletirmos sobre a ação dos circenses itinerantes pensamos no desenvolvimento estético das pessoas, principalmente educadores em diversos espaços como nas periferias das pequenas e grandes cidades e nas áreas rurais. Essas pessoas e lugares, olvidados pelas esferas públicas, vivem de mercê, na marginália da sociedade; usamos o termo de forma análoga, com o propósito de insuflar uma reflexão sobre o lugar do circo no contexto social atual. Apesar disso, acreditamos que as influências das artes circenses em determinado momento inclusive entre os professores, ajuda-os de forma intencional ou não a pensar a arte em seu ambiente de trabalho pedagógico; porque, sendo o circo um espaço cultural ambulante e autônomo, faz o sujeito perceber que é possível realizar ações culturais nos mais variados espaços.

Vimos durante o trabalho que a importância das artes circenses na construção cultural no mundo é inegável. Para comprovar sua contribuição, basta observar os desdobramentos dos espetáculos contemporâneos e quanto à educação; seu legado apresenta-se na sala de aula em diversos conteúdos, se observados de forma transdisciplinar, lá está sua influência inclusive na performance de alguns professores. O presente trabalho ainda buscou tratar de questões periclitantes para o povo da lona, problemas voltados principalmente para a própria existência dos circenses como classe, sua essência como seres humanos e permanência dos costumes como possibilidade de vida do circo na cultura mundial. E dessa forma, durante a pesquisa identificamos nas narrativas dos sujeitos, grandes dificuldades enfrentadas ao longo do tempo como itinerante.

Contudo, alguns pontos, emocionalmente difíceis de serem entendidos devido às complexidades e anomalias dos comportamentos humanos e que

nos causaram perplexidade. Observamos e ouvimos narrativas de situações e ações cometidas contra tudo o que foge ao corriqueiro das vidas simples e convencionais, o que não justificava toda sorte de agressão cometida contra as pessoas em situação de itinerância. Por ser uma pesquisa de cunho qualitativa e participante, esse trabalho conduziu-nos ao convívio direto com as pessoas, percebendo durante a observação como elas são recebidas em órgãos públicos oficiais; os descasos das autoridades e arrogância de profissionais nas mais diversas esferas da sociedade. Percebemos que em muitos casos os circenses são vistos por representantes do poder público como pessoas não agradáveis, vistas como se não fosse gente, por serem estrangeiros e principalmente pobres, trata-os como se fossem mendigos e não como profissionais. Esses, no entanto, afirmam: “não queremos nada além de liberação para trabalhar e acesso de nossos filhos aos estabelecimentos de ensino público”.

Ao fazer a leitura e compreender a situação vigente, nosso trabalho se propôs a pensar em intervir na educação formal dessas pessoas ao ponto em que desejávamos contribuir com as estruturas educacionais, não refletir apenas, mas também, sugerir ações possíveis a partir das proposições feitas pelos próprios circenses e professores. Debruçamo-nos para analisar a forma como as instituições recebiam e como garantiam os direitos sociais de acesso e permanência a educação escolar formal daqueles sujeitos. Daí, compreendemos que a educação escolar não se sustenta sem a participação da comunidade externa a escola, sem um diálogo com as novas tecnologias; que a estrutura de escola que temos não se sustenta sem um diálogo com a sociedade, com as famílias, com outras esferas da sociedade.

Também compreendemos no percurso do trabalho que não é possível conceber a educação escolar formal dos estudantes em condições itinerantes sem conhecer seu modo de vida, analisar quem são estes estudantes, de onde vêm e o como seus pais ou responsáveis vivem; quais as condições de saúde, segurança e profissionalidade. Neste estudo, tentamos compreender a vida e precede à educação e sua reprodução como construção cultural.

Por tanto, asseguramos que assuntos importantes para nossas buscas e investigações foram aprofundados no grupo focal em que participaram a diretora, secretária escolar, professoras e coordenadoras. O encontro para

realização do grupo focal foi de grande valor para a pesquisa, pois identificamos pontos específicos que nos ajudou refletir muito mais sobre questões específicas ligadas ao cotidiano da escola e como os agentes educacionais em suas funções diversas tem contribuído para garantir o acesso e permanência com qualidade dos estudantes itinerantes em alguns estabelecimentos de ensino, o que foi possível usar como parâmetro para se analisar a prática de outros profissionais e instituições denunciadas pelos circenses durante a pesquisa como negligentes e autoritários impedindo inclusive o acesso de crianças e adolescentes a matrícula escolar.

Problemas semelhantes foram identificados e debatidos no fórum com a presença de representantes do poder legislativo municipal como um vereador do PCdoB e do executivo como a secretária de educação e o secretário de cultura da cidade de Senhor do Bonfim. As discussões com a participação das autoridades referidas a partir da importante apresentação do pesquisador e professor Reginaldo Carvalho, tratando sobre a história das artes circenses no mundo e no semiárido baiano, proporcionou ao fórum um espaço ímpar para se discutir os direitos desses estudantes e provocar os presentes a comprometerem-se com as políticas públicas voltadas para o atendimento dessas pessoas.

Durante a realização do fórum, foi exibida uma parte do documentário construído como produto da pesquisa e que servirá de subsídio junto com uma cartilha para a rede de apoio aos circenses. Como mencionado, não é possível pensar a educação formal desses sujeitos sem pensa-los como gente, como trabalhadores reafirmou Jamerson Gonçalves assistente social e técnico do INSS, discurso reafirmado pelo professor e pesquisador Pascoal Eron que destacou o fato de a educação formal não contemplar os circenses itinerantes por não serem esses, adeptos da rigidez destes espaços. A pesquisa, do picadeiro para a sala de aula, nos levou a perceber que os sujeitos de quem se fala, e, que também fala por si, tem muito a contribuir para que mudanças ocorram na educação básica. São mulheres e homens vivendo de forma diversa do convencional, lutando para sobreviver como profissionais da área do entretenimento e mesmo como itinerantes esforçam-se para manter na escola seus filhos, crianças e adolescentes seguindo as mesmas dificuldades e condições de seus pais.

Os circenses itinerantes podem ajudar a se pensar uma escola mais humana, uma escola em que veja o aluno não como tábua rasa, que pense em crianças e adolescentes não como robôs programáveis, mas, como seres pensantes, vivos e presentes nos mais variados espaços e que muito têm a nos ensinar e aprender com nossas práticas pedagógicas se não forem escravizadoras em seus pensamentos e emoções.

Ao analisar nossas práticas como professores foi que identificamos ser o maior problema para o acesso e permanência dos estudantes circenses itinerantes a formação dos professores e agentes educacionais, porque mesmo diante da existência de leis específicas que contemple os circenses e os proteja quanto aos direitos à educação, as entrevistas e discussões demonstraram que muitos profissionais da educação não conhecem e/ou muito menos reconhecem esse direito causando grandes constrangimentos e mágoas nas pessoas muitas vezes fragilizadas pelas duras condições em que se encontram. Muitas das quais, confessaram renegar seus próprios direitos para evitar maiores confusões em espaços que não “lhes pertenciam” como a escola.

Percebemos nas narrativas que muitas pessoas têm a ideia de pertencimento ao mundo como sendo um espaço personificado o que os leva a defendê-los como direito nato e considerar qualquer estrangeiro como invasor à profanar seu ambiente sagrado. Ver o mundo como objeto de sua posse fez e faz do homem um eterno ditador a decidir quem e quando alguém deve ser beneficiado ou punido de acordo com os seus parâmetros de justiça. Diante dessas questões, os povos itinerantes vivem sempre a mercê das benesses de seus inquisidores algozes.

A pesquisa mostrou que o problema maior nas escolas não diz respeito a sua estrutura, aos materiais adequados ou não. O principal problema está na formação dos profissionais da educação. Do professor ao secretário de educação, do guarda municipal ao prefeito, do líder religioso em evidência no momento ao comerciante mais influente. Porque escola e sociedade não se separam e as políticas públicas para os estudantes moradores sedentários nas cidades e os circenses itinerantes enfrentam semelhantes deficiências e não são propostas específicas que vai saná-las; estes casos podem ser amenizados, mas as mudanças mais radicais serão possíveis com

conhecimento sobre o assunto e direcionamento formativo a partir da participação ativa dos envolvidos no processo e com compromisso de transformação pessoal e coletiva.

Alcança-las, no entanto, não é ação imediata, por isso julgamos ser o mais adequado compreender junto com os circenses itinerantes quais os principais desafios em relação à educação escolar; unir as ideias desses com as dos professores que lidam diretamente com a situação na sala de aula. Registrar os avanços com atividades possíveis e pensar em ampliar sua abrangência para que outros estudantes em condições semelhantes sejam contemplados. Pensando nisso, resolvemos produzir um material didático que serve como inspiração e referência com propostas estratégicas de apoio ao desenvolvimento educacional desses sujeitos.

Assim, acompanha o presente texto, uma cartilha ilustrada e um vídeo-documentário, não como receita pronta para ser copiada, mas como suporte inspirador para a produção de outras atividades com rigor acadêmico e de forma lúdica possa contribuir para o entendimento e apoio formativo junto aos professores e estudantes itinerantes no semiárido baiano, mais especificamente os circenses das pequenas companhias de circo e filhos de trabalhadores de parques de diversão. Arroyo (2013) ao tratar da humana docência, nos alerta que enquanto educadores:

Teremos obrigação moral como profissionais de extirpar toda estrutura, toda lógica e ritual, excludentes e seletivos, que reforcem os processos de exclusão e desumanização a que vêm sendo submetidos fora da escola. Nessa perspectiva, a lógica seriada, precedente e seletiva, a cultura e prática da reprovação e retenção, da separação de seus pares, são injustificáveis por suas consequências desumanizadoras fora da escola. As vítimas sabemos quem são, a mesma infância, adolescência e juventude que é excluída, desumanizada fora da escola, os alunos e alunas pobres, negros(as), filhos(as) dos setores populares. (ARROYO, 2013, p.61)

Complementaríamos, e itinerantes. Os mais pessimistas podem nos criticar definindo-nos como utópicos por sonhar com uma educação mais humana, ou retrógrados, por querer garantir aos circenses, pessoas aparentemente “livres” uma educação conservadora. Porém, nosso discurso emergente segue a linha de tantos outros que nos antecederam e que também por isso foram e são assim pejorativamente tachados. Mas o insondado só passa a ser conhecido quando existe algum esforço em seu direcionamento, as respostas não foram construídas nem respondidas todas as perguntas. Apenas

faremos nossa parte estimulando novas buscas a partir de tudo o que foi construído junto com todas as pessoas que fizeram parte deste trabalho indicando, leituras, respondendo entrevistas, estimulando encontros e sugerindo atividades e ações que de alguma maneira possa contribuir para que os circenses itinerantes garantam o acesso e permanência na educação escolar formal sem perder sua característica itinerante e tendo o direito que os assiste como estudantes. Garantido seu direito, ele passa a compreender seu papel na sociedade como representante de uma parte da cultura e as semelhanças e diferenças coadunam para a grande construção social, e, que de forma consciente pode interferir em seu espaço agenciando pequenas mudanças, mas que podem ser grandes uma vez que as transformações no mundo iniciam-se na individualidade, porém, consciente de sua parte no todo.

As sugestões de atividades pedagógicas, para consulta e incentivo para professores e alunos, bem como indicação de leituras de obras e leis de apoio aos circenses itinerantes serão disponibilizadas na cartilha apêndice deste trabalho juntamente com um documentário e servirá para organizar vídeo-debates e discussões prioritariamente em circos, associações, grupos artísticos, cursos de licenciatura e escolas de educação básica. Diz um trapezista entrevistado no semiárido baiano:

Graças a Deus, já encontramos muitos professores bons que nos ajudaram. Nós já tivemos aula até dia de sábado e domingo na casa deles pra ajudar a gente, porque eles perceberam a falta de tempo. Mas, também já pegamos muitos professores ruins, que nos ignoravam. Então isso prejudica, prejudica o ensino de estudante de circo; não sabendo eles que muitos médicos já saíram do circo pra morar em cidade, pra operar gente, quantas vidas não já foram salvas por gente de circo que se formou ou não. Então, a gente de circo... Nós não somos nem pior e nem melhor que os outros, a gente quer no mínimo um pouco de educação de quem diz que prega a educação. Para garantir um futuro melhor para nossos filhos e nossa arte. (CIRCO UGA UGA, PEDRAS ALTAS, CAPIM GROSSO/BAHIA)

O presente trabalho refere-se aos direitos de estudantes em situação itinerante, mas, as questões tratadas aqui de forma mais profundas dizem respeito à formação social, e, convoca toda sociedade para refletir e problematizar em busca de solucionar questões mais amplas e que interferem na vida de forma geral. Ao entendermos que somos todos itinerantes e que foi graças a esta atividade que a humanidade percorreu e continua em todo o planeta a originar as diversas culturas, produto das muitas etnias.

No circo as fronteiras étnicas se desfazem durante o espetáculo, a diversidade de linguagens apresentadas assemelha-se com a sala de aula e o desenvolvimento das mais variadas culturas, nos leva a compreender que não são questões particulares que devem predominar para se garantir a participação diversa nas decisões coletivas e que as mudanças para construir outro momento de relação com o planeta depende de cada um de nós. E só com o respeito teremos capacidade de repensar juntos a itinerância humana. Referindo-se aos saberes construído entre os professores e alunos sedentários, os estudantes circenses itinerantes e as estruturas escolares, acreditamos que o conhecimento como base fundamental nos proporcionará maior equilíbrio entre o picadeiro e a sala de aula e, inspiram a construção de uma escola com uma educação mais justa e democrática.

Assim, investigamos como se dá o atendimento escolar para os circenses itinerantes do semiárido baiano, como também, fomentamos esse debate para se criar uma rede de apoio educacional para esses. Entretanto, sabíamos que o caminho não seria e como não foi fácil, não sendo possível concretizar uma rede de apoio. Mas, acreditamos que as reflexões devem instigar novas buscas e quiçá possamos desenvolver outros trabalhos para se efetivar muitas das ideias que surgiram durante a realização desse trabalho.

Também refletimos sobre o papel das muitas companhias de circo que cruzaram o itinerário traçado para a pesquisa no período planejado, levando-nos a pensar junto com eles quais atividades podem contribuir par o fortalecimento da classe artística circense e de que forma cada companhia pode colaborar para que a luta por seus direitos sociais sejam respeitados. O que ficou evidente foi a necessidade de lutas coletivas para se garantir representação política par brigar pelos seus direitos. Decerto, não será uma luta só dos circenses, os direitos sociais devem ser garantidos a todos. A luta é dos professores, dos circenses, do poder público, da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 4 Ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2009.

ANADÓN, Marta. Pesquisa dita “qualitativa”: sua cultura e seus questionamentos. In: **Anais do colóquio internacional Québec-Bahia: formação, pesquisa e desenvolvimento em educação**. Realizado nos dias 10, 11 e 12 de 2005, no centro diocesano de treinamento de líderes em Senhor do Bonfim – Bahia – Brasil. Salvador: EDUNEB, 2006.

ARAÚJO, Néelson de. **Duas formas de teatro popular do recôncavo baiano**. Edições O Vice Rey, Bahia – 1979.

ARISTOTELS, **A poética clássica**. Roberto Oliveira Brandão; tradução Jaime Bruna. 1 ed. [reimpressão] São Paulo: Cultrix, 2014.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

BAHIA, Fundação Cultural do Estado da Bahia. **Bahia de todos os circos: atrair, sensibilizar e receber bem os circos**. SOUZA, Alda (Org.) [et al.] Salvador, FUNCEB, 2012.

BARBOSA, Ana Mae (Org). **A abordagem triangular no ensino das Artes e Cultura Visual**. São Paulo, Cortez,2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento: Revista e Ampliada**. Porto Alegre, Penso Editora, 2012.

*BEND, Cristina. Circodata*. Disponível em: <http://circodata.com.br/index.php?c=glossario>, acesso:17/04/2017

BLIKSTEIN, Paulo e ZUFFO, Marcelo Knörich. As sereias do ensino eletrônico. In: **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**.

SILVA, Marco. (organizador). Edições Loyola, São Paulo, 2003.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido: e outras poéticas políticas**. Editora Cosac Naify, 2014.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. **In: Investigação qualitativa em educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** São Paulo, Editora UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços.** São Paulo, Unesp, 2003.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. **Introdução à pedagogia das atividades circenses.** Vol. 2, Várzea Paulista – São Paulo, Fontoura, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 16 de maio de 2012.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10770-rceb003-12-pdf-1&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10770-rceb003-12-pdf-1&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso: 08/07/2016.

\_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

\_\_\_\_\_. Código Civil (2002). **Código civil brasileiro e legislação correlata.** – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 6.533**, de 24 de maio de 1978, que dispõe sobre as profissões de Artista e de Técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 05 de outubro de 1978. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/leis/L6533.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/L6533.htm) . Acesso: 09/06/2015.

BUCHINIANI, Rodrigo Guimarães. **A Palhaçada no Direito o Jurídico no Circo.** São Paulo: Fran Laser, 2006.

CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola.** Editora Expressão Popular, 2009.

CANDAU, Vera Lúcia (org.) **A didática em questão.** 2ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1984.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **In: Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CARTA, A. Pero Vaz de Caminha. 1943.

CARVALHO DA SILVA, R. **Circo-teatro no semiárido baiano** (1911-1942). Repertório: teatro & dança, Salvador, n. 15, ano 13, p. 40-51, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo – Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005

CIRQUE DU SOLEIL. Disponível em: <https://www.cirquedusoleil.com/pt/jobs/casting/work/general-condition.aspx>. Acesso em 10/02/2016.

COSTA, Eliene Benício Amâncio. **Saltimbancos urbanos: a influência do circo na renovação do teatro brasileiro nas décadas de 80 e 90**. 1999. 718 f. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. [Organização Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro] – São Paulo, Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo, brasiliense, 2009.

FERREIRA, Claudia Márcia. **Circo – Tradição e arte**. Rio de Janeiro: Museu de Folclore Edison Carneiro, Funarte/Instituto Nacional do Folclore, 1987.

FO, Dário; BALDOVINO, Lucas; SZLAK, Carlos David. **Manual mínimo do ator**. 2ª Ed. São Paulo, Editora Senac, 1999.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de RAMALHETE, Raquel. Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 15ª edição, Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 51ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 58ª ed. ver. e atual. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Gallo, Fabio Dal. **Da rua ao picadeiro:** Escola Picolino, arte e educação na performance do circo social. [Tese], Salvador, UFBA - 2009. 336 f. + DVD ; il.

GASSNER, John. **Mestres do teatro I.** [Tradução de Alberto Guzik e J. Guinsburg] São Paulo, Perspectiva, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4ª Ed. São Paulo, Atlas, 1994.

GOHN, Maria Glória. **Educação não formal e cultura política.** Impacto sobre o associativismo do terceiro setor. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2011.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, Antenor Rita e SILVA, Núbia Oliveira da. Fotografia: o transversal e a educação. **In.** IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem e I Encontro Internacional de Estudos da Imagem 07 a 10 de maio de 2013 – Londrina-PR

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia, 2003,12(24), 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>

GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre.** 3ª ed. [Tradução Aldomar Conrado] Rio de Janeiro, editora: civilização brasileira, 1987.

JAPIASSU, Ricardo Vaz. **Metodologia do ensino de teatro.** 9ª ed. Campinas – São Paulo, 2012.

JARA, Jesus. **El clown, un navegante de las emociones.** Proexdra, 2000.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a educação.** Editora: Autentica, 2005.

LIMA, Vanessa Batista Oliveira. Artistas circenses: importância na cultura brasileira e questões jurídicas relevantes. **In:** Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas\\_Culturais/II\\_Seminario\\_Internacional/FCRB\\_VanessaOliveiraLima\\_Artistas\\_circenses.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas_Culturais/II_Seminario_Internacional/FCRB_VanessaOliveiraLima_Artistas_circenses.pdf). Acesso em abril, [2017].

LOPES, Daniel de Carvalho e Silva, Ermínia. **Circos e palhaços no Rio de Janeiro:** império. Rio de Janeiro: Grupo Off-Sina, 2015.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e autonomia pedagógica:** o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013.

MAVRUDIS, Sula Kyriacos. **Encircopédia**: dicionário crítico ilustrado do circo no Brasil. 1ª ed. Belo Horizonte: Mútua Comunicação, 2011.

\_\_\_\_\_. **As crianças do circo e as crianças da cidade**. [Ilustração: Geraldo Martins], Belo Horizonte, 2016.

MCLAREN, Peter. **Pedagogia revolucionária na globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MELO, Renato Dolabella. O direito de livre manifestação da atividade artística. **Silva**, p. 45, 2001.

MOREIRA, Antonio Flávio e CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10 Ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MUNCH, Edvard. **In**: significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/quadro-o-grito-de-edvard-munch/>. Acesso em 09 - 04 – 2017.

NÓVOA, Antonio. (org.) **Profissão professor**. Porto, Porto Editora, 1995.

NUNES, João Arriscado. **O resgate da epistemologia**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março 2008: 45-70

OLIVEIRA, José Benedito Andrade de. **MEMÓRIAS DE PICADEIRO**: Histórias de vida de circenses do semiárido baiano entre Senhor do Bonfim e Jacobina. [Monografia - Especialização], Jacobina, UNEB, 2012.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de et al. Políticas públicas em defesa do direito à educação: análise dos projetos de lei para expansão das classes hospitalares e atendimentos pedagógicos domiciliares no Brasil. **In. Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 4, n.1 – jan./jul. 2015

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas. **In**: Proceedings of the 3rd III *Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2010, São Paulo (SP) [online]. 2010 [cited 19 May 2017]. Available from: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?>

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. [Tradução para língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira] São Paulo, Perspectiva, 2015.

PAVIS, Patrice; GUINSBURG, J.; PEREIRA, Maria Lúcia. **Dicionário de teatro**. Perspectiva, 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. [Tradução José Teixeira Coelho Neto]. São Paulo, Perspectiva, 2005.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PIMENTA, D. Influência e confluência. **In:** Sala Preta, São Paulo, n.6, p. 21-26, 2006.

READ, Herbert. **A educação pela arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

REIS, Demian Moreira. **CAÇADORES DE RISOS:** o maravilhoso mundo da palhaçaria. Salvador, EDUFBA, 2013.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa:** mecanismos para validação dos resultados. 1 Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

RUIZ, Roberto. **Hoje tem espetáculo?** as origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **In:** Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP — Departamento de Computação/FCET/PUC-SP: Vol. II No. 1, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do sul. **In:** Epistemologias do Sul. Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11ª Ed. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do Homem.** São Paulo, Editora Iluminuras Ltda, 2014.

SEQUEIRA, Herculano da Silva Pombo M.; BATANERO, José María Fernandez. Um estudo sobre os alunos itinerantes, filhos dos artistas de circo, no 1º Ciclo no ensino básico, em Portugal. **In:** Revista Educação em Questão, v. 39, n. 25, 2013.

Silva, Aínda Maria Monteiro e Tavares, Celma (Org.). **Política e fundamentos da educação em direitos humanos.** São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Erminia, ABREU, Luís Alberto de. **Respeitável público...** O circo em cena. Rio de Janeiro : Funarte, 2009.

SILVA, Ermínia. **O circo sua arte e seus saberes:** o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. [Mestrado], Campinas, SP. UNICAMP, 1996.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem:** circo e teatro no interior da Bahia, Brasil, na primeira metade do século XX. Tese (doutorado) Orientadoras: Profª. Drª. Ângela de Castro Reis; Profª. Drª. Idelette Muzart-Fonseca dos Santos. - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro; École Doctorale Lettres, Langues, Spectacles, Université Paris Ouest La Défense, 841 f. il. 2014.

SOUZA, A. F. de. **A Memória do Circo Mambembe: O palhaço Cadillac e a reinvenção de uma tradição.** 2012. 239 f. il. Dissertação [Mestrado] – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012a.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil: uma breve história.** 2ª ed. Crislândia, Belo Horizonte, 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 4ª edição, 9ª impressão, São Paulo, Editora: Martin Claret, 2011.

XAVIER, Gláucia do Carmo; SANTOS, Anderson Avelino de Oliveira. Exclusão escolar e a criança de circo. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 3, n. 2, p. 118-129, 2010.

XAVIER, Odiva Silva; FERNANDES, Rosana César de Arruda. Aula em espaços não convencionais. In. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.** VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). 2ª ed. Campinas, SP, Papyrus, 2011.

**ANEXOS**



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
 Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
 Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
 Comitê de ética em Pesquisa - CEP



## DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, vinculado à instituição Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Jacobina, \_\_\_\_ de outubro de 2016

Nome do orientador (a) e do orientando (a)	Assinatura
Antenor Rita Gomes	
José Benedito Andrade de Oliveira	



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
 Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
 Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
 Comitê de ética em Pesquisa - CEP



## TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, cujos dados serão coletados através de (entrevistas, observação, grupo focal e fórum), no (Weverton Circo, NRE Irecê, Conselho Tutelar de Irecê e Secretaria municipal de educação de Irecê) com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no arquivo institucional da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador, José Benedito Andrade de Oliveira. Após este período, os dados serão destruídos.

Jacobina, \_\_\_\_\_ de novembro de 2016

<b>Nome do Membro da Equipe Executora</b>	<b>Assinatura</b>
Antenor Rita Gomes	
José Benedito Andrade de Oliveira	



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
Comitê de ética em Pesquisa - CEP



## TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Jacobina, de novembro de 2016

.....  
Assinatura do responsável pelo projeto



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
Comitê de ética em Pesquisa - CEP



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DO PROPONENTE

Autorizo o pesquisador (a) José Benedito Andrade de Oliveira a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Jacobina, de novembro de 2016

.....  
Assinatura e carimbo do responsável institucional



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
Comitê de ética em Pesquisa - CEP



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Eu, \_\_\_\_\_,  
Diretor do NRE/IRECÊ \_\_\_\_\_, autorizo  
o pesquisador José Benedito Andrade de Oliveira a desenvolver nesta  
instituição o projeto de pesquisa intitulado DO PICADEIRO PARA A SALA DE  
AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de  
circenses itinerantes do semiárido baiano, o qual será executado em  
consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa  
envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é  
corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura  
necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da  
pesquisa.

Jacobina, de novembro de 2016

.....  
Assinatura e carimbo do responsável institucional



Universidade do Estado da Bahia - UNEB  
 Departamento de Ciências Humanas Campus IV  
 Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade  
 Comitê de ética em Pesquisa - CEP

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
 CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_  
 Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, Endereço: \_\_\_\_\_  
 Complemento: \_\_\_\_\_, Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_, (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

#### 1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano.

#### 2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Antenor Rita Gomes

**Cargo/Função:** Professor do Mestrado em Educação e Diversidade - Uneb Campus IV

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, de responsabilidade do pesquisador José Benedito Andrade de Oliveira, que tem como objetivos: 1 Conhecer as condições vigentes do atendimento escolar

para os circenses itinerantes do semiárido baiano. 2 Fomentar o debate para proposição de uma rede de apoio educacional para circenses itinerantes.

A realização desta pesquisa pode contribuir para a educação de circenses itinerantes do semiárido baiano e ampliar o conhecimento de profissionais da educação e agentes sociais sobre o perfil dos circenses identificando caminhos para garantir o acesso e permanência destes na educação escolar formal. Caso aceite o Senhor (a) será entrevistado (a) e esta entrevista será gravada em áudio e, posteriormente, transcrita, participará voluntariamente de um fórum para construção de um documento propositivo em favor da educação de circenses. Devido a coleta de informações o (a) senhor (a) poderá ser constrangido ou sentir desconfortável por lembrar momentos desagradáveis de sua vida. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o (a) Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o Sr (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

---

## **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Antenor Rita Gomes

**Endereço:** Rua , , Serrinha, Jacobina - Ba Telefone: (74) 99199-0201

E-mail: [antenorritagomes@gmail.com](mailto:antenorritagomes@gmail.com)

PESQUISADOR ORIENTANDO: José Benedito Andrade de Oliveira

Endereço: Rua Alagoas, nº 112, Bairro Rodoviária,

Telefone: (74) 99199-9235 E-mail: [seubenas@hotmail.com](mailto:seubenas@hotmail.com)

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

## V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa DO PICADEIRO PARA A SALA DE AULA: Proposição colaborativa de uma rede de apoio à educação escolar de circenses itinerantes do semiárido baiano, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor responsável  
(orientador)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador discente  
(orientando)

## APÊNDICE II - ENTREVISTA

PARTICIPANTE |

IDADE

INSTITUIÇÃO

FUNÇÃO

FORMAÇÃO

A presente entrevista tem por finalidade identificar quais as principais questões em relação à formação escolar dos circenses itinerantes do semiárido baiano. Para tanto, ao professores, os questionamentos seguem a orientação de duas questões básicas:

- 1) Com que frequência a escola recebe alunos em situação de itinerância, quem são estes alunos?
- 2) Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores para analisar os conhecimentos prévios do aluno, avaliar o desempenho atual e indicar atividades para acompanhamento futuro em outras escolas?

Aos circenses, as questões refletem sobre:

- 1) Como acontece a recepção dos circenses nas escolas, quais as maiores dificuldades e de que forma as atividades extraclasse são acompanhadas?
- 2) De que forma os circenses itinerantes podem permanecer na escola sem abandonar sua atividade profissional?